



DARK NIGHTS

RAZR

A Demonica Underworld Novella

LARSSA
IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

1001



DARK NIGHTS

RAZR

A Demonica Underworld Novella

LARSSA
IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

RAZR

Larissa Ione

Série – Demonica

Anjo caído com um segredo.

Um elfo de outro mundo com uma fome insaciável que não entende.

Uma pedra encantada.

Conheça os inimigos mortais, Razr e Jedda... E o diamante inestimável que ameaça destruí-los, mesmo quando os une juntamente com a paixão.

Mil e Uma Noites escuras

Era uma vez, no futuro...

Eu era um estudante fascinado com histórias e aprendizagem.

Estudei filosofia, poesia, história, o oculto,

*A arte e a ciência do amor e da magia. Eu tinha uma grande
Biblioteca na casa do meu pai e milhares de volumes recolhidos
De contos fantásticos.*

Eu aprendi tudo sobre corridas antigas e passadas.

*Sobre mitos, lendas e sonhos de todas as pessoas através do
milênio.*

E quanto mais eu lia

*Mais forte a minha imaginação crescia até que descobri
Que era capaz de viajar nas histórias... Para realmente
Tornar-me parte delas.*

*Eu gostaria de poder dizer que escutei meu professor
E respeitei o meu dom, que eu deveria ter. Se tivesse, eu.
Não estaria contando este conto agora.*

Mas eu estava temerária e confusa, mostrando bravura.

Uma tarde, curiosa sobre o mito das

*Mil e Uma Noites eu voltei para a antiga Pérsia,
vi por mim mesma se era verdade que a cada dia o Shahryar
(Persa: شهریار, "rei") casava com uma nova virgem, e depois*

A fêmea era decapitada. Isso foi escrito

E eu li que até o momento em que ele conheceu Scheherazade,

A filha do vizir, ele havia matado mil fêmeas.

Algo deu errado com os meus esforços. Cheguei

No meio da história e de algum modo troquei de

Lugar com Scheherazade – um fenômeno que

Nunca ocorreu antes e que ainda hoje não consigo explicar.

Agora estou presa nesse passado remoto. Eu tomei

*A vida de Scheherazade e a única maneira que eu posso
Proteger-me e permanecer viva é fazer o que ela fez para
Se proteger e permanecer viva.*

*Todas as noites, o Rei me pede e ouve enquanto giro pelos
contos.*

*E quando a noite termina e amanhece, eu paro em um
Ponto que o deixa sem fôlego e anseia por mais.*

E assim o rei poupa minha vida por mais um dia, e então

Ele pode ouvir o resto do meu conto sombrio.

*Assim que termino uma história... Eu começo uma nova... Como
aquela que você, caro leitor, tem diante de você agora.*

GLOSSÁRIO

Os Aegis – Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Discórdias recentes entre suas fileiras reduziram seus números e enviou Os Aegis em uma nova direção.

Daemani – Qualquer ser, mas geralmente de origem demoníaca ou angélica, que atrai as almas dos mortos. Alguns Daemani podem impedir as almas de entrar em seus corpos, enquanto outros são incapazes de resistir. Poucos Daemani podem libertar as almas sem estar na proximidade de outro Daemani ou sem a ajuda de um feitiço, um item místico, ou de outro ser que possui habilidades de extração inerentes ou aprendidas.

Emins – A descendência sem asas de dois anjos caídos. Emins possuem uma variedade de poder de anjo caído, embora as potências sejam geralmente mais fracas e em um âmbito mais limitado.

Fallen Angel – (Anjo Caído) - Acredita-se que é mal pela maioria dos seres humanos; anjos caídos podem ser agrupados em duas categorias: O verdadeiro caído e o não caído. Anjos não caídos foram lançados do céu e são terrestres e sem asas, vivendo uma vida em que não são nem bons nem verdadeiramente maus. Nesse estado, eles podem, raramente, ganhar o seu caminho de volta para o céu. Ou podem optar por entrar Sheoul, o reino demônio, a fim de completar a sua queda, crescer novas asas, e tornar-se um verdadeiro Caído, tomando seus lugares como demônios ao lado de Satanás.

Harrowgate – portais verticais, invisíveis para os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais da Terra e Sheoul. Muito pouco ser pode convocar seus próprios Harrowgates pessoais.

Inner Sanctum – Um reino dentro Sheol-gra que consiste em 5 anéis, cada um contendo as almas dos demônios categorizados

por seu nível de mal, como definido pela Ufelskala. O Inner Sanctum é administrado pelo anjo caído Hades e sua equipe de guardas, todos os anjos caídos. O acesso ao Inner Sanctum é estritamente limitado, pois os demônios contidos no interior podem tirar vantagem de qualquer objeto fora ou pessoa que vive a fim de escapar.

Memitim – Anjos Earthbound designados para proteger os importantes seres humanos chamados Primori. Memitim permanecem presos a terra até que completem suas funções, quando eles sobem, ganham suas asas e entram no céu. Veja: Primori

Radiante – a classe mais poderosa de anjo celestial existente, salvo Metatron. Ao contrário de outros anjos, Radiantes pode exercer um poder ilimitado em todos os reinos e podem viajar livremente através do Sheoul, com muito poucas exceções. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez. Dois nunca podem existir simultaneamente, e não pode ser destruído, exceto por Deus ou Satanás. O anjo caído equivalente é chamado de Anjo Shadow. Veja: Shadow Anjo

Shadow Angel – (Anjo Sombra) a classe mais poderosa de anjo caído na existência, salvo Satanás e Lúcifer. Ao contrário de outros anjos caídos, os Anjos Sombras podem exercer um poder ilimitado em todos os reinos, e possuem a capacidade de ganhar a entrada no céu. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez, e nunca podem existir sem o seu equivalente, um radiante. Anjos Sombras não podem ser destruídos, exceto por Deus ou Satanás. O anjo celestial equivalente é chamado de Radiante.

Sheoul – Reino Demônio. Localizado em seu próprio plano nas entranhas da Terra, acessível para a maioria apenas por Harrowgates e hellmouths.

Sheoul-gra – Um tanque de retenção para as almas de demônios. Um reino que existe independentemente de Sheoul, supervisionado por Azagoth, também conhecido como Grim Reaper. Dentro do Sheoul-gra está o Inner Sanctum, onde as

almas de demônios são mantidas no limbo torturante até que possam renascer.

Sheoulic – Língua demônio universal falado por todos, embora muitas espécies também falem sua própria língua.

Ufelskala – Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de mal. Todas as criaturas sobrenaturais e humanas más podem ser classificadas em escala cinco, com o Nível 5 compreendendo os piores dos piores.

CAPÍTULO 1

Dentro dos confins do escritório de seu chefe, os demônios giravam no ar ao redor de Razr. As almas gritando e torturadas pediam misericórdia ou gritavam obscenidades e ameaças.

Razr tocou o anel em seu dedo indicador direito contra sua coxa quando Azagoth, um antigo ser também conhecido como Grim Reaper, enviou pequenas rajadas de poder em cada um, fazendo-os gritar em agonia.

Azagoth brincava com eles, brincando da mesma forma que um gato usava um rato. Seu escritório estofado, no fundo do reino do submundo conhecido como Sheoul-gra, se transformara em um playground de dor.

Dor era algo com que Razr podia lidar. Subserviência não, e depois de centenas de anos passados como um anjo de batalha de elite, ser condenado a servir Azagoth era humilhante como merda. Mas era sua própria culpa, e, em última análise, ele teve sorte. Afinal, foi expulso do Céu, mas não perdeu as asas.

Não, suas asas angélicas e seu destino seriam determinados se ele pudesse ou não reparar o dano que fizera um século atrás.

Então sim. Pendurado com Azagoth e seu bando de minions estranhos não era exatamente um grande show, mas poderia ser pior. Ainda assim, quando estava de frente para Azagoth, que parecia especialmente Grim Reaper-y com uma túnica preta encapuzada, seus olhos verdes brilhando das sombras, Razr não viu como poderia ser pior neste momento particular.

Azagoth sacudiu a mão em sinal de despedida, e uma onda de *griminions* entrou na sala como formigas, seus próprios mantos negros em miniatura arrastando pelo chão, seus rostos escondidos por capuzes. Eles reuniram as almas dos demônios e correram para longe, desaparecendo em um túnel na parede

para qualquer inferno em que pertencessem. Quando Azagoth voltou sua atenção para Razr, o frio que se instalou em sua pele rapidamente penetrou todo o caminho até seus ossos.

— Eu quero saber por que você usa um maldito pano de saco e chinelos a cada maldito dia. Você tem acesso a tudo o que quiser, mas as únicas vezes que você não está vestido como um monge medieval é quando você deixa Sheoul-gra. — Azagoth inclinou a cabeça e intensificou seu foco, deixando Razr se sentindo como um germe sob um microscópio. — A roupa é parte de sua punição?

Razr começou. Ele estava morando em Sheoul-gra e trabalhando para Azagoth há mais de um ano, e esta foi a primeira vez que seu chefe lhe perguntou algo que não estava relacionado ao trabalho.

— Sim, — disse Razr, mas era uma resposta simples a uma questão complexa.

— Sua situação é única. Você não é caído, mas também não é um anjo celestial. Você não é nem mesmo um Unfallen, — disse Azagoth, referindo-se ao estado intermediário de um anjo que perdera suas asas, mas que não entrara em Sheoul, o reino demoníaco, para completar sua queda. Ele deslizou para o bar e entornou rum em dois copos. — O Céu criou uma nova designação de anjo só para você.

— Sim, — Razr disse. — Não que eu seja especial. — Ele não era. Havia outro que compartilhava seu status, sua ex-amante Darlah, presumida morta após não retornar de uma missão.

Uma missão que agora era só de Razr.

Azagoth entregou um dos copos para ele, e Razr lutou para esconder sua surpresa. E suspeita. O outro homem raramente reconhecia sua existência, muito menos o tratava como igual. — Por alguma razão, você é especial.

Isso estava ficando estranho. Azagoth nunca mostrou interesse por ele, mas honestamente, ficou chocado por ele não saber mais sobre a história de Razr. Ele imaginou que o Céu

teria dado a Azagoth toda a informação, mas aparentemente não.

— O que não consigo descobrir, — Azagoth continuou, — É por que você não conseguiu cuidar do seu negócio e voltar ao Céu.

Incapaz de permanecer imóvel sob este escrutínio bizarro, Razr rodou o rum em seu copo. — Não é como se você me desse muito tempo livre.

— Então a culpa é minha? — A voz de Azagoth era suave como veludo e apenas sombria o bastante para erguer o cabelo na cabeça de Razr. Ninguém acusa o Grim Reaper de merda. Não se gostassem de usar a pele.

— De jeito nenhum, — respondeu Razr cuidadosamente, porque sua pele era bastante útil onde estava. — É que tenho recursos limitados em Sheoul-gra. Preciso de mais tempo nos reinos humanos e demoníacos.

Em vez disso, ele ficou preso treinando o exército Memitim de Azagoth e os refugiados Unfallen que fizeram seu santuário aqui. Embora, na verdade, se Razr tivesse que trabalhar para Azagoth, estudar anjos em táticas de batalha não era a coisa mais suja que podia fazer. Era um desafio que gostava, dado que os anjos eram notoriamente difíceis de trabalhar juntos, e sua especialidade era o trabalho em equipe.

Ele preferia treinar anjos no Céu a no Inferno.

A porta do escritório se abriu e Zhubaal, o braço direito de Azagoth e o superior direto de Razr, escoltou um homem de ombros largos que cheirava a luz do sol. O anjo, um grande bastardo com um manto de capuz marrom claro que atendia pelo nome de Jim Bob, passou por Azagoth e parou diante de Razr, o que era estranho, considerando que o anjo tendia a manter a conversa limitada a Azagoth.

O que provavelmente significava que ele não estava sendo direto com seus colegas anjos sobre seus negócios aqui. Razr nunca encontrou o cara no Céu, então não fazia ideia do nome verdadeiro de Jim Bob ou qual era o jogo dele, mas se Razr

fosse reintegrado como um anjo, ele teria que investigar.

— O que aconteceu com a sua cabeça?

Razr passou os dedos pelos cabelos curtos e escuros. — O quê, você gostou mais do careca?

— Sim. Além disso, isso é para você. — Ele estendeu um grosso cartão de visita dourado gravado com letras prateadas que dizia, *Os Guardiões*.

— O que é isso?

— É onde você encontrará o que procura.

Razr parou de respirar embora seu coração acelerasse por uma súbita injeção de adrenalina alimentada pela esperança. Ele olhou para as letras prateadas como se fossem uma linha de vida e ele estivesse se afogando. — Tem... Você tem certeza?

— Eu tenho uma boa fonte.

A mão de Razr tremia tanto que quase deixou cair o cartão. Era isso. A maneira de reparar alguns, se não todos, do dano que ele e seus companheiros causaram quando perderam três das mais valiosas armas do Céu, as Gemas⁽¹⁾ de Enoch, e mataram seus guardas humanos. Uma pedra, a Terra Ametista, foi recuperada, mas duas permaneceram: a Granada de Fogo de Darlah e o Diamante de Gelo de Razr.

Encontrando uma ou as duas, Razr retornaria ao status de anjo e apagaria a mancha em sua reputação... E em sua alma.

Azagoth, claramente sabendo o que Razr estava pensando, assentiu. — Vá, — disse. — Leve o tempo que precisar.

Razr sugou uma respiração aturdida, mas, na verdade, ele não deveria estar tão chocado. Azagoth poderia ter uma reputação de crueldade, mas era generoso com aqueles que eram leais a ele. Razr estava prestes a agradecê-lo quando o glifo de asa de anjo no dorso de sua mão, geralmente invisível, começou a brilhar. Porra. Havia menos de vinte e quatro horas desde a última vez. Ele geralmente tinha trinta e seis horas, levava duas horas para se recuperar. Embora desta vez mal tivesse oito. A natureza aleatória desse castigo angélico era uma dor no traseiro.

Azagoth, o Rei das Almas Demônios e dos Entendimentos, tirou uma arma da gaveta da mesa. Porque, é claro, é preciso estar sempre preparado para uma tortura espontânea. Ele levantou a arma com muito entusiasmo. — Meu ou seu?

O chicote pessoal de Razr estava em seu bolso, e jurou sentir que queimava em suas vestes. — Seu, — ele murmurou, imaginando que fosse sempre melhor começar com o material de outra pessoa.

Azagoth entregou a arma para Jim Bob. — Quer a honra?

Razr deu um gemido quando o anjo pegou a arma e a acariciou como um velho amante. — Faz muito tempo.

— Sêrio? — Razr disse. — Porque você parece ser do tipo que prospera em tortura. — Era uma coisa estúpida para dizer a alguém que era muito mais poderoso e que estava prestes a transformar Razr em hambúrguer, mas ele nunca foi conhecido por seu tato.

Jim Bob, que raramente sorria, riu. Claramente, o senso de humor do homem circundava a força. Razr respeitaria se não fosse ele quem balançava no final da corda. — Você ficará de pé ou ajoelhado?

— Bem, — ele disse, deixando cair sua túnica, de modo que estava nu diante de Azagoth, Jim Bob e Zhubaal. — Acho que começarei de pé e terminarei de joelhos. Geralmente é assim que funciona.

Jim Bob fez um gesto de *vire*, e após tomar uma respiração profunda, firme, Razr assumiu a posição, apoiando-se contra a parede com as palmas das mãos. — Quantas?

— Seis, — disse Azagoth antes que Razr pudesse responder. — Não sei por quê.

— Eu sei. — A resposta suave de Jim Bob pendia no ar e cambaleava pela mente de Razr. Como Jim Bob sabia? Claro, todos no Céu provavelmente sabiam sobre o estrago de Razr com as Gemas de Enoch, mas poucos sabiam dos detalhes de sua punição. O cara deve estar bem conectado no Céu, o que só adicionou ao mistério de suas relações com Azagoth.

O assobio das nove tiras de couro, cada ponta prendendo ossos afiados que cantavam no ar, interrompeu os pensamentos de Razr. Dor explodiu em suas omoplatas e forçou um grunhido. Mas não um grito. Ele nunca gritou.

O segundo golpe foi pior, o terceiro tão intenso que caiu de joelhos. Normalmente podia ficar de pé até o quinto ataque, mas Jim Bob era forte, e não estava se segurando. Essa era a coisa sobre os flagelos nos mundos dos anjos e demônios contra os humanos. Razr poderia tomar centenas de chicotadas de um ser humano. Inferno, ele poderia levar milhares e não morrer.

Mas quando alguém com força superior e capacidades místicas empunhava o chicote, o dano aumentava por um fator de *merda sagrada*.

O quarto golpe bateu a respiração de seus pulmões, e o quinto lhe fez ver estrelas.

O sexto, colocado abaixo de seus quadris, bateu-o no chão frio, esparramado em uma piscina de seu próprio sangue.

Talvez fosse a última vez. *Por favor, deixe esta ser a última vez*, ele pensou, pouco antes de desmaiar.

CAPÍTULO 2

— Senhora, perdoe meu francês, mas você está cheia de merda. Não há depósitos aqui, porra. Nenhum Taaffeite⁽²⁾ foi encontrado em Madagascar. Esta é uma perda de tempo e um desperdício de dinheiro. Não me importo com suas credenciais. Como eu disse, você está cheia de merda.

Jedda Brighton resistiu ao impulso de bater no rosto sem barba do homem, como desejava fazer nas duas últimas semanas. Duas semanas tolerando a conversa grosseira e o sexismo casual do engenheiro de mineração, que explodiu quando sua essência hipersensível como um floco de neve o irritou. Duas semanas observando-o tratar os escavadores locais como escravos. Duas semanas escutando sua merda sobre a *puta de uma ex-mulher e ultrajante* apoio à criança. Ele era o tipo de idiota que se uma mulher recusasse seus avanços a acusaria de ser lésbica.

Porque, com certeza, nem todas as mulheres adoravam um sujeito com excesso de peso e abusivo, que parecia e cheirava a ressaca, e pensava ser um presente de Deus para as mulheres? Se não fosse por sua considerável riqueza, nenhuma mulher o toleraria, e ele não sabia disso, ou não se importava, o que o tornava estúpido, ou escória, ou ambos.

Jedda optava por ambos. Inferno, ela não o toleraria até mesmo por este trabalho, se não fosse pelo fato de que precisava que ele cavasse as joias que ela não podia alcançar sozinha.

— Em primeiro lugar, — ela disse com a voz mais sensível, — Sou fluente em uma dúzia de línguas, incluindo o francês, e o que você disse não era nem perto. Segundo, eu sou malditamente a melhor gemóloga⁽³⁾ e mineralogista do mundo, e se eu disse que há uma fortuna sangrenta em Taaffeite aqui, você pode ter certeza de que existe. — Ela sorriu docemente. —

E depois de encontrá-lo, você pode enfiá-lo em sua bunda.

Ele levantou as sobranceiras arenosas que brilhavam com o suor do calor opressor nesta selva miserável. — E se você fizer isso por mim?

Doce Satie Caolho, ele era nojento, e até Satie, um herói elfo de lore que lutou com gigantescas larvas demoníacas, concordaria. Esse cara era um pau de uísque⁽⁴⁾ personificado. Ajustando seu capacete de proteção, Jedda deu um passo em torno dele e entrou na mina. — Você realmente não quer me insultar.

— Insultar... Ou tentar?

Ugh. Bruto. Nas duas últimas semanas, este idiota não descobriu que ela não se dava bem com os outros? Especialmente, não outros *humanos*? Ela supôs que pelo menos deveria agradecer por ele não estar ciente de que ela não era humana, mas então, se talvez ele soubesse que ela era um ser imortal, ele a deixaria em paz.

Ela pode ter que revelar seu segredo apenas para assustá-lo.

Ele a seguiu pelo poço relativamente frio, passando por trabalhadores que estavam ocupados extraíndo pedras preciosas que, embora menos valiosas do que Taaffeite, ainda traria um bom lucro a mineradora de Tom. Mas ele ainda se dizia lesado, insistindo que este empreendimento era um desperdício de tempo e recursos.

Ela sabia melhor. Como um elfo da gema, ela podia sentir minerais que emitiam energia indetectável para os seres humanos, energia sobre a qual ela sobreviveu. Pedras encantadas, gemas que foram abençoadas ou amaldiçoadas ou usadas em rituais poderosos, eram as que melhoram a vida, especialmente quando absorvidas no corpo de um elfo da gema, mas sempre havia um risco envolvido ao usá-las, como ela sabia muito bem.

Suas botas triturravam o terreno irregular, mas prosseguiu, seus reflexos reforçados e visão noturna dando-lhe uma clara

vantagem sobre os seres humanos e a maioria dos demônios. Tom a seguia muito mais devagar, maldizendo de vez em quando, murmurando seu desagrado por ser vencido por uma mulher. Ela não tinha dúvidas de que ele era geralmente capaz em situações como esta, contanto que ele manteve um ritmo humano seguro, mas sua atitude machista não o deixaria ficar para trás, e ele não tinha ideia de que ela era geneticamente adequada para esta situação.

Ela riu quando o ouviu tropeçar e cair. — Você está bem? — Ela perguntou. — Posso desacelerar se você precisar.

— Estou bem, — ele latiu, e ela riu novamente em sua saraivada de obscenidades. Que idiota.

Ela prosseguiu, caminhando com seus sentidos conforme navegava os túneis escuros. Ela podia sentir as vibrações elementais mudarem ao passar cada novo mineral, algumas delas não deixando mais impressão nela do que o cascalho comum, outras sussurrando como possíveis amantes. Mas nenhum deles possuía a assinatura especial do Taaffeite. Ainda assim, ela estava perto. Ainda não conseguia sentir o local exato, mas podia sentir o cheiro, um anis fraco e morango na terra mofada, e que fez sua boca encher de água. Cada gema tinha seu próprio perfume original, algum picante, algum doce, e Taaffeite era uma combinação deleitável de ambos.

O que sentia como uma brisa fresca agradou sua pele de um túnel inexplorado à direita. Era estreito, com pedras irregulares saindo dos lados como um ralador de queijo gigante. Com cuidado, ela ficou sobre suas mãos e joelhos e começou a rastejar.

— Segure aí, querida, — Tom chamou. — Meus homens ainda não reforçaram isso, e não vou...

— Cala a boca! — Ela pausou, inalando, saboreando a picada afiada de berílio e alumínio na parte de trás da língua. — Está aqui, — ela suspirou excitada.

Espantada de antecipação, aumentou a intensidade da luz em seu capacete, e ali, logo adiante, em um espaço

suficientemente grande para ficar de pé, estava um brilho violeta que espreitava a pedra cinzenta e marrom em torno dele.

Sorrindo, ela correu a distância restante no espaço, e quando alcançou, ela ficou maravilhada com a visão de uma grossa veia de uma das mais raras pedras preciosas do mundo. Havia outra veia perto do teto, e ela podia sentir mais profundamente nas paredes. Ela supunha que houvesse mais de setecentos quilates de Taaffeite aqui, mas em torno de três a quatro mil dólares por quilate no mercado humano e o dobro no demônio, as pedras renderiam um lance respeitável. E porque era tão raro, acrescentando até uma centena de quilates ao mercado aumentaria o valor e a demanda, já que agora poucos sabiam sobre isso, e aqueles que sabiam eram colecionadores.

Com muito cuidado, ela arrancou um cinzel^[5] de seu cinto de equipamentos e cavou um pedaço de pedra dentada da rocha circundante. Sob a luz de seu capacete, a gema roxa brilhou, mesmo com todo o material áspero que o revestia. Sua aura brilhava com intensidade impressionante, algo que o desagradável humano rastejando em direção a ela não seria capaz de ver.

Ela fechou o punho em volta da gema e inalou, deixando suas vibrações absorverem em seu corpo. O poder bateu nela, fazendo sua carne latejar e seu sangue subir. Esta era uma pedra natural, intocada por qualquer pessoa, de modo que sua energia era pura, neutra e sem ressaltos. Dar-lhe-ia mais força e resistência, mas não adicionaria nem subtrairia nenhuma de suas habilidades especiais.

Era, nos termos mais simples, a vida.

Tom saiu do túnel como um urso rabugento despertado da hibernação. — O que você está fazendo? — Enquanto ele estava de pé, a sujeira caiu em cascata sobre ele em uma nuvem sufocante de poeira.

Ela abriu o punho. A gema desaparecera, a terra e a rocha que a cercavam, nada além de migalhas na palma da mão. — Estou admirando meu achado, — ela disse, deixando os restos

caírem no chão da caverna.

Enquanto estudava uma veia de Taaffeite, ela cavou outra, do tamanho de seu polegar, de uma fenda próxima.

— Bom trabalho, querida, — ele disse, falando diretamente para seus seios. — Estou impressionado. Todos disseram que você é a melhor. Devia ter ouvido.

— Sim, você deveria. — Ela se virou para o túnel para escapar deste cretino, e quando o fez, ele deu uma bofetada na bunda dela. A raiva instantânea e abrasadora brotou em seu peito, e foda-se, ela acabou com a merda dele. Sua raiva destruiu o controle apertado que ela manteve sobre si mesma, e de repente a caverna iluminou-se com o brilho suave e iridescente emanando de sua pele. Ela sabia que seus olhos, normalmente azuis, brilhavam também, ainda azuis, mas mais intensos.

— Que merda? — Tom saltou para trás com medo, mas o medo se transformou em terror quando ela sorriu e ergueu a joia que acabara de escavar da terra.

— Lembra-se do que disse que você poderia fazer com o Taaffeite quando o encontrássemos?

Mais tarde, ela se perguntou se os outros mineiros ouviram os gritos de socorro dele. Também se perguntou quanto tempo demoraria a aquela pedra para se desalojar do rabo dele, e se ele peneiraria sua merda para encontrá-la.

CAPÍTULO 3

Razr sempre gostou da Escócia. O clima era temperamental, a paisagem quase poderia ser descrita como altiva, e as pessoas eram rudes como merda. Gostar do lugar era uma contradição louca para ele, porque ele tanto invejava os humanos que moravam aqui quanto era grato por não precisar viver aqui. Bom lugar para se visitar, e tudo isso.

Entretanto, a visita de hoje não era sobre a paisagem, beber o uísque, ou comer haggis^[6]. Apenas vinte e quatro horas depois de Jim Bob lhe dar o cartão dourado, Razr estava retomando o que era dele e restabelecendo sua dignidade e reputação.

Visto que perdeu a habilidade de pular de um lugar para outro desde que suas asas estavam presas, ele pegou um Harrowgate, um sistema de transporte usado por demônios para viajar ao redor dos reinos humanos e demoníacos, nos arredores de uma aldeia murada povoada por dhampires. Poucos sabiam da existência dos seres meio-vampiros, semi-lobisomens, e ainda menos conheciam suas aldeias escocesas. Os humanos eram especialmente desorientados, seus olhos podiam ver as cidades e as pessoas, mas suas mentes primitivas não registrariam nada disso, e as proteções colocadas ao redor das propriedades repeliriam os seres humanos em um nível subconsciente.

Suas botas deixaram impressões profundas na terra encharcada e o neveiro molhou suas calças de brim, formando minúsculas gotas em seu casaco enquanto caminhava em direção à entrada leste da murada vila. Ele podia sentir o cheiro da chuva recente e provar o sal do oceano no ar, mas não deixou que nada disso o distraísse do fato de que ele sentia mais de um conjunto de olhos controlando-o. Dhampires eram cautelosos, reservados até a paranoia, tão perversos quanto os vampiros e tão imprevisíveis quanto os lobisomens. Eles

conseguiram o melhor e o pior de ambas as espécies, e apenas um tolo abaixaria sua guarda perto deles.

Logo que atravessou a muralha da vila, ele foi recebido por casas com telhados de pau e uma mulher corpulenta, de cabelos escuros curtos, dentes afiados e uma besta pendurada sobre o ombro. Uma ondulação incomum de energia a cercava, incomum, desde que os dhampires eram certamente uma espécie formidável, eles não eram geralmente associados com dons especiais. Esta dhampire, no entanto, parecia chutar bundas com habilidades especiais diariamente, e talvez se gabasse disso.

Como um anjo de batalha, ele podia apreciar isso.

Ela apoiou os punhos nos quadris e bloqueou seu caminho. Ele não gostou disso. — Fale seu negócio, sua espécie e seu nome, — ela disse com um acento escocês. — E faça isso rápido. Não tenho o dia todo. — Ela estalou os dedos em uma demonstração de impaciência.

Cara, ele desejou ainda ter status de anjo e mais poderes do que as poucas e fracas habilidades defensivas que ele lhe foram deixadas, porque ninguém falava com anjos com tanto desrespeito. Então, em vez de uma exibição de poder e asas, ele decidiu mexer com ela.

— Talvez eu seja um viajante humano chamado George, que só quer parar para uma refeição.

— Você veio através da Harrowgate, então você não é humano ou você está morto, você é um saco de bola mentindo. — Ela cruzou os braços sobre o peito e se inclinou. — Vou perguntar mais uma vez. Quem sois vós, e...

— Meu nome é Razr, — ele esmiuçou, estendendo o cartão dourado que Jim Bob lhe dera. — Sou um anjo caído, e apreciaria se você saísse do meu rosto.

Ela cheirou e enrugou o nariz. — Você não cheira como um anjo caído.

Isso era porque este saco de bola mentindo não era um. — O que os anjos caídos cheiram?

— Merda.

Ah! — Bem, sou recém-caído. Talvez eu tenha que ganhar meu fedor.

Imaculada, ela arrancou o cartão e franziu o cenho. — Por que você quer vê-los?

Ela pensava que ele nasceu ontem? Ou mesmo um século atrás? — Tenho certeza de que aqueles que desejam ver um grupo secreto de pessoas não lhe dizem por que estão aqui.

— Não, eles não dizem. Mas o que não dizem é tão importante quanto o que dizem.

— E o que não estou dizendo?

Ela sorriu; seus lábios se afastando daquelas presas de aparência perversa. — Que procura alguma coisa. E é importante. O que significa que você precisa ser gentil comigo ou não conseguirá.

Porra, ele odiava seres inferiores em viagens de poder. — Tudo bem, — ele suspirou. — Você é uma... Mulher robusta, com grandes músculos e uma voz tão profunda e soproso que Darth Vader ficaria com ciúmes. Isso é bom o suficiente?

Ela riu, quebrando o gelo. — Vamos. — Ela o conduziu por uma rua de paralelepípedos, alinhada por casinhas e lojas típicas, e depois seguiu por um caminho de terra por um espesso bosque. Ele a seguiu até chegarem a uma clareira, no meio da qual se erguia uma torre de pedra. À medida que se aproximavam, um grande macho e uma pequena fêmea saíram.

Uma onda de poder rolou deles, o mesmo que a fêmea que o trouxe aqui. E então ele soube. Estes eram os Guardiões, a Tríade, três Dhampires escolhidos pelo destino ou pelo sangue ou alguma merda mística para guardar as coisas mais valiosas do mundo. E eles estavam em posse de sua pedra preciosa.

O macho, seu cabelo escuro balançando em torno de seus ombros, falou primeiro. — Eu sou Galen. Você já conheceu Rhona. — Ele gesticulou para a pequena mulher, de cabelos escuros, que ficou atrás, mas que irradiava mais poder do que os outros dois juntos. — Essa é Isla. Fale seu negócio.

— Vocês não são realmente amigáveis, não é? — Eles olharam, e ele resistiu ao impulso de provocá-los mais. Como um anjo, ele estava acostumado com os tipos de pau-no-cu, e sabia que muitas vezes tinham fusíveis curto, e ele não queria foder isso. — Estou aqui porque acredito que vocês possuem algo que me pertence. — Ele estendeu a mão para que pudessem ver seu anel. O diamante azul-gelo brilhou na brumosa luz solar que conseguiu perfurar a lâmina cinzenta de nuvens acima. — É o companheiro maior desta pedra.

Isla começou a estender a mão para ele, mas puxou de volta no último segundo. — Posso?

— Você pode tocar o anel, mas não posso tirá-lo. — Não, a única maneira que essa joia poderia sair de seu dedo era se ele estivesse morto ou se seu dedo fosse cortado.

Ela alisou o dedo sobre a pedra. — Sim, — ela murmurou. — Nós temos seu companheiro.

Excitação disparou através dele. Excitação, e muita esperança. Ele esperou décadas por esse momento. *Prepare-se, céu, porque estou voltando para casa.* — Então eu posso ter?

Os três Guardiões olharam um para o outro, e em um movimento coordenado, formaram um círculo ao redor dele, cada um a cerca de três metros de distância. Sob ele, o solo começou a brilhar com uma estranha luz verde e a pedrinha azul-gelo que ele caçava durante um século apareceu diante dele do nada.

Era tão bonito quanto ele se lembrava, sua forma oval e superfície lisa e polida refletindo luz e ângulos imprevisíveis sobre a grama.

— Você pode segurá-lo, — disse Galen, — mas não pode sair deste círculo.

Muito aliviado e fascinado para questionar as palavras de Galen, Razr pegou o diamante do tamanho de maçã. No momento em que entrou em contato com ele, um sentimento de conforto o inundou. Conforto, alegria e vindicação. Desejou poder ter punido os malvados bastardos que o roubaram e as

outras duas Gemas de Enoch, e assassinado seus anfitriões, mas haveria tempo para caçá-los mais tarde. Agora ele precisava levar o prêmio a seus superiores e conseguir suas asas e poderes desvinculados. Depois disso ele poderia ligar a gema a outro hospedeiro humano e, finalmente, *finalmente*, ele teria acesso a seus poderes novamente.

Mas espere... Galen disse que a pedra não poderia deixar o círculo?

Deixou cair a mão e rodeou o Guardião. — Este diamante me pertence. Tenho o direito de levá-lo.

Isla riu e ele jurou que ela ficou mais alta. Não, ela ficara mais alta. Ela agora estava metade de uma cabeça acima de Galen, o que era em torno de dois metros, estava tão alta quanto Razr. — Nós somos limitados por leis que você não pode sequer começar a entender, *caído*. — A ênfase que ela colocou em *caído* o fez se perguntar se ela quis dizer isso como um insulto... Ou se sabia que ele estava mentindo. — Você pode ser o proprietário original, mas fizemos o contrato de armazenamento com aquele que o deixou em nossos cuidados. Não cabe a nós entregar isso a você.

Filho da puta. Ele apertou os molares em frustração. Sua propriedade roubada estava bem na sua frente. Seu pesadelo de vigília estava a poucos centímetros de terminar. E esses guardas do museu iam impedi-lo. Pela milionésima vez, ele desejou ter o pleno uso de seus poderes. Não podia sequer canalizar os poderes da gema sem um anfitrião para amplificar sua energia.

Mas ele tinha amigos. Amigos em lugares muito baixos... E amigos em lugares muito altos. Se levasse seu caso para o tribunal angélico, eles poderiam conceder a ele um exército de anjos para ajudá-lo a recuperar sua propriedade, que na verdade, era propriedade do Céu. Esses dhampires não teriam chance.

— Posso voltar com cem anjos, — advertiu. — Mil. Vocês não podem manter o que é meu por direito.

Galen soltou uma gargalhada. — Um milhão. Não importa. Como disse Isla, estamos sujeitos a leis além do seu alcance. As coisas que guardamos estão além de seu alcance. Mas você é bem-vindo para tentar. Não vimos muita Batalha recentemente.

— Ou você poderia parar de ser um cão do caralho e encontrar o proprietário atual, — sugeriu Rhona. — Tudo o que você precisa saber está na ponta dos dedos.

Poderia ser tão fácil? Apressadamente, ele apertou o diamante e fechou os olhos. Em um clarão de luz, uma imagem apareceu em sua mente. Uma fêmea. Uma fêmea deslumbrante, com um longo cabelo azul-prateado e olhos da cor da pedra em sua mão. Sua pele clara era impecável e brilhante, como se tivesse atravessado uma nuvem de pó de diamante. Mais informações vieram para ele como um download de dados, e em segundos ele sabia onde ela trabalhava e onde morava.

Sorrindo, ele abriu os olhos. E então ele casualmente tentou pegar seu diamante e ir embora. Os guardiões até o deixaram.

Provavelmente porque no momento em que ele saiu do círculo brilhante, a pedra derreteu e ele foi atingido por um raio. Eletrocussão e queimaduras de terceiro grau de lado, foi um dia muito bom.

CAPÍTULO 4

Descobriu que Jedda Brighton tinha algumas malditas credenciais impressionantes nos campos de gemologia e mineralogia. De acordo com a pesquisa superficial de Razr sobre a reclusa rica, ela foi para as melhores escolas, possuía seu próprio negócio na forma de uma joalheria de luxo estranhamente de alto padrão, que tratava exclusivamente de pedras preciosas raras e exóticas, e era mundialmente conhecida por sua extraordinária capacidade de localizar bolsões de valiosos minerais no fundo da terra.

Todas essas informações eram de conhecimento público. O que não era de conhecimento público – pelo menos, o conhecimento público humano – era que sua joalheria era uma fachada para a comercialização de gemas amaldiçoadas e encantadas no submundo.

O que significava que ela era, quase certamente, um demônio.

Talvez até mesmo um dos próprios demônios responsáveis pela perda das gemas de Enoch.

Um grunhido profundo roncou em seu peito enquanto atravessava o chão do edifício onde esperava encontrar seu alvo. Mozart encheu o ar, emprestando uma normalidade bizarra à sortida multidão de demônios, lobisomens, vampiros, e até mesmo alguns seres humanos que cheirava ao mal ou à ganância. O castelo maciço no alto das montanhas da Áustria, era aparentemente o cenário para o evento anual da bruxaria do submundo deste ano, no qual Jedda foi anunciada como uma oradora convidada.

Razr perdera a apresentação dela, mas chegou a tempo para o jantar de premiação. As pessoas se misturavam; suas mãos e garras cheias de aperitivos e coquetéis, ou em alguns casos, canecas de sangue. A pedra em seu anel vibrou em advertência na proximidade dos demônios, mas felizmente não

estava brilhando. Ele conseguiu que uma das filhas de Azagoth, Hawkyn, uma Memitim habilidosa em alquimia, alterasse temporariamente as propriedades da superfície do diamante, a fim de esconder a cor e o brilho. Não queria correr o risco de que Jedda reconhecesse que a pedra preciosa em seu anel foi cortada daquela deixada com os Guardiões.

A vibração ficou mais forte, tornando-se mais um pulso do que um zumbido constante. Estranho. Só fazia isso na presença de sua correspondente. Será que de alguma forma ele reconheceu Jedda como a atual proprietária da pedra maior? Será que ela... Estava ligada a ele?

Maldição, ele esperava que não. Se estivesse, a pedra precisaria ser purificada no sangue de um anjo moribundo, o que significava esperar como um tipo de abutre Celestial por um anjo companheiro morrer.

Merda.

Ele pegou um copo de vinho espumante da bandeja de um servidor de passagem e amaldiçoou esse estúpido evento. Ele odiava as festas. Especialmente odiava festas demoníacas. E esta se arrastava com os otários.

Chupe isso, docinho. Você está, talvez, a apenas alguns minutos de ser reintegrado como um verdadeiro anjo de batalha.

Um novo entusiasmo provocou um arrepio de antecipação através dele, enquanto seu anel pulsava mais febrilmente. Ele olhou em volta, procurando a fonte, e lá, no canto perto da tigela de ponche, estava Jedda.

E maldita... Ela era... Extraordinária. Sua respiração entupiu sua garganta enquanto a acolhia, porque embora ele soubesse que as maiores belezas já existiram no reino celestial e no humano, ela era única.

Pelo menos trinta centímetros menor do que ele e vestida com um belo vestido de safira que borrava a linha entre o vestido de negócio e o vestido de coquetel, ela olhava para seu próprio copo rosa borbulhante, seus longos cabelos azul-prateados enquadrando um rosto delicado. Como na foto que

viu dela em sua mente e em sua loja que havia visitado antes de vir para cá, a pele cremosa brilhava quase imperceptivelmente, e quando ela olhou para cima, os olhos que combinavam com seus cabelos brilhavam como gemas geminadas.

Surpreendente.

Ela era um demônio com certeza, mas que tipo? Ele nunca viu nada como ela.

Ele começou a ir em direção a ela quando uma mão desceu sobre seu ombro por trás. O instinto deu um pontapé, e ele se virou, preparado para se defender de qualquer escroque malévolo que estivesse tentando atacá-lo. Em vez disso, ele se encontrou encarando um rosto familiar. Um rosto morto e familiar.

— Lexi? É você?

A bonita metamorfa leão sorriu e fez um pequeno rodopio em seu vestido de noite vermelho sem alças. — Sou eu, — ela disse em seu sotaque irlandês. — Em carne. Novamente.

Novamente era certo. — Pensei que você tivesse morrido. — Ele a olhou de cima e a baixo, como se assegurasse que ela não era um fantasma. Ele não a conhecia bem, só a conhecera porque sua altivez de shifter o ajudara a seguir uma pista sem saída sobre sua gema de Enoch há algum tempo. — Disseram-me que você havia morrido em uma explosão de um clube de dança ou algo assim.

— Sim, — ela suspirou. — A sede explodiu e meio que me desmembrou. Mas acontece que eu tenho nove vidas. E não porque eu seja um gato. — Ela deu de ombros, seus longos cachos morenos saltando ao redor de seus ombros nus. — Bruxa malvada, antiga maldição, você sabe o que dizem.

— Claro, claro, — ele disse distraidamente, seu olhar travando em Jedda novamente. A excitação surgiu através dele agora que sua presa estava perto. — Com licença, — ele disse. — Preciso ver alguém antes de ir embora. — Ele deu a ela um breve abraço. — Foi bom ver você. Ainda bem que você está viva.

— Eu também. — Ela bateu seu copo contra o dele. — Aproveite sua noite.

Ele se moveu em direção a Jedda, seu pulso inexplicavelmente ficando mais rápido conforme se aproximava dela. Ele estivera na presença de mulheres deslumbrantes e maravilhosas com poder inimaginável em seus séculos de vida, e nenhuma delas o afetou assim. Não, isso era diferente, uma mistura de atração e antecipação que ele quase compararia à luxúria da batalha.

O pensamento o fez retardar sua aproximação, sua mente tropeçando nas implicações disso. Esperava que ela fosse um dos demônios responsáveis pelo roubo de sua propriedade e as mortes de seus amigos, caso em que a mataria, ou ele esperava que ela não estivesse envolvida? E qual era pior? Oh, ele não tinha problemas com matar demônios, foi para o que fora criado. Mas parecia uma vergonha matar alguém tão singular. Ou tão atraente.

Idiota. Você nunca babava sobre demônios quando era um anjo completo.

Não, ele não babava. Havia uma separação clara da classe e da espécie naquele tempo. Mas desde que teve suas asas amarradas, seus poderes silenciados e foi atirado em Sheoulgra para servir Azagoth, ele havia relaxado seus padrões. Não intencionalmente, mas precisava admitir que viver a vida no outro lado das faixas dera a ele uma nova perspectiva.

Ele simplesmente não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou ruim.

Jedda olhou para cima quando ele parou na frente dela. De perto, ela era ainda mais bonita, com os lábios cheios e carnudos, feitos para agitar algumas fantasias masculinas imorais. Suas feições finas e perfeitas a faziam parecer delicada, até mesmo frágil, mas algo lhe dizia que ela era mais forte do que parecia. O que o fazia imaginar como aquela força brincaria na cama.

Menos rapaz. Consiga o que quer e volte para o Céu e

fêmeas adequadas ao seu status. E espécies. — Olá, Sra. Brighton. Eu sou Razr.

Inclinando ligeiramente a cabeça, ela lhe deu um longo olhar, avaliando antes de dizer com apenas uma pitada de um sotaque Inglês, — Razr? Não é um nome humano comum, não é?

Ou ela não podia sentir sua espécie ou estava testando-o. De qualquer maneira, ele não via razão para mentir. — É o meu nome de anjo caído. Um diminutivo do meu nome dado. Razriel.

— Ah. — Ela deu-lhe outro olhar longo, medindo, presa no terno caro que Azagoth dera a ele para o evento, e se perguntou o que ela pensava. — Até hoje à noite, eu nunca conheci um anjo caído, e agora conheci dois, incluindo você.

— Esta noite? O outro está aqui?

Ela assentiu com a cabeça. — Shrike, o organizador do evento. Ele é dono deste lugar.

Bem, isso foi um pouco alarmante. Anjos caídos gozavam de poder e status, o que significava que essa brincadeira provavelmente foi arranjada para um propósito. Um mau propósito.

— Huh, — ele disse casualmente. — Nunca o conheci.

— Eu também não concordara em falar na conferência. Ele parece... Muito intenso. — Ela fez uma pausa para acenar para alguém perto do piano de cauda. — Todos os anjos caídos são assim?

— Há um ditado no Céu, — ele disse levemente. — Os anjos mantêm seu humor em suas asas.

— Então, quando elas são cortadas...

— O mesmo acontece com o humor deles. — Ele encolheu os ombros. — É claro, asas eventualmente crescem em anjos caídos.

— Mas seu senso de humor não volta a crescer?

— Oh, sim, — ele disse, pensando em Azagoth e seu senso de humor negro. — Você simplesmente não quer ver o lado engraçado.

Ela estendeu a mão e brincou com a gargantilha multicolorida em torno de seu pescoço delgado, as dezenas de anéis em seus dedos brilhando na luz do lustre acima. Havia até mesmo pequenas pedras preciosas decorando suas unhas. Ela deve usar uma fortuna em joias.

— Bem, e você? — Ela perguntou. — Você parece estar um pouco menos no lado intenso.

Ele estreitou os olhos com suspeita fingida, imaginando que flertar poderia ajudar a obter o que queria. Além disso, já estabelecera que ela era quente para um demônio. Especialmente para um demônio. — *Intenso* é um código para *idiota*?

Ela riu, um som delicado que era quase... Musical. Que tipo de demônio era ela? Um súcubo, talvez? Isso explicaria por que ele a imaginava emaranhada em lençóis e por que seu membro latejava contra o tecido de suas calças.

— Eu digo para mudarmos de assunto. — Ainda sorrindo, ela tomou um gole de sua bebida. — Então, o que o traz à conferência? Você pegou alguma das sessões?

Sessões? Ele só podia imaginar os tópicos em um lugar como este. *Feitiços de Peste 101*; *os Prós e Contras de Vírus Magicamente Avançados*; *Bruxos e bruxas, e feiticeiros*; *Oh, Meu! Sacrifício Humano: Sim ou Não?*

— Não, — ele disse, limpando a garganta. — Acabei de chegar, na verdade. Vim ver você. Que bom que eu te rastreie. — Instantaneamente ela perdeu o sorriso travesso, e ele amaldiçoou seu erro ao fazer-se soar como um maluco obcecado.

— Me seguiu? — Até mesmo a temperatura da voz dela caiu um par de graus.

— Não como um assediador ou algo assim, — ele disse apressadamente e em uma tentativa de sair como encantador. Não assustador.

Esperava.

Passei pela sua loja, mas os seus funcionários me

disseram que você faria uma apresentação esta noite numa conferência na Áustria. Tome isso com pesquisa, e aqui estou. — Ele colocou seu melhor rosto mortificado. — Não assustador, absolutamente.

Ela deve ter concordado, porque havia um ligeiro degelo em seus olhos. — Este é um encontro muito... Exclusivo... Sr. Razr. Como arranjou um convite? Especialmente no último minuto?

— Sou um anjo caído, — ele explicou com uma pitada de império angelical caído. — Consigo o que quero. — Não machucou que Azagoth deixou Razr fazer um pequeno nome-caído também. Ninguém queria irritar o ser que, eventualmente, seria responsável por sua alma.

— Realmente. — Sua voz, agora completamente livre de gelo, foi baixa, uma carícia apenas sob sua pele. — Intrigante. — Ela deu-lhe um olhar tímido enquanto erguia seu copo até a boca. — Então, por que você teve tanta dificuldade em me localizar?

— Procuro uma pedra preciosa muito especial, e ouvi dizer que você é a melhor em localizar pedras raras e preciosas.

— Sou, — ela disse. Com uma arrogância que ele precisava admirar. — Mas por que essa emergência é tal que não poderia esperar até amanhã, no horário de expediente?

— Nenhuma emergência. — Ele se aproximou dela, testando seus limites. — É só que eu vi sua foto na sua loja e decidi que não queria esperar para conhecê-la.

Seus lábios rubis curvaram em diversão. — Lisonjeiro. Mas você está evitando a verdadeira questão.

Baixando a voz para um sussurro conspiratório, ele mergulhou a cabeça mais perto da dela. — A sala tem ouvidos. — Provavelmente, de qualquer maneira. Além disso, queria pegá-la sozinha, caso as coisas fossem... Complicadas. Ela não respondeu, em vez disso, bebericou seu drinque enquanto olhava seus arredores. — Sinto muito... Eu disse algo errado?

— Não. — Ela acariciou a haste de sua taça, suas unhas

incrustadas em joias refletindo a luz cintilante do salão em rajadas brilhantes. — Estou apenas tentando decidir se eu deveria dizer para você agendar um horário ou se eu deveria sugerir um lugar mais privado para conversarmos.

Essas unhas. Ele estava hipnotizado, e sua mente continuava pensando em como elas pareceriam e sentiriam em lugares muito mais íntimos do que a haste da taça de champanhe. Ela fazia isso de propósito? Seu pênis certamente pensou assim, e bateu contra o zíper de suas calças, implorando a mesma atenção.

Era uma coisa muito boa que ele tivesse abotoado sua jaqueta.

— Eu voto para privado, — ele disse; sua voz humilhanantemente rouca. Ele veio seduzi-la, mas era ela quem claramente segurava as cartas neste jogo.

Súcubos, com certeza.

Ela o fez suar por alguns segundos antes de finalmente balançar a cabeça em direção a uma das saídas. — Vi uma varanda por esse caminho. — Ela começou a ir naquela direção, mas um flash de luz chamou sua atenção, e ele estendeu a mão para agarrá-la pelo cotovelo. — Espere.

— O que foi?

Seu estômago revirou enquanto verificava o próximo flash de luz. Em seguida, o próximo e o próximo. Merda. Não é bom. Ele a puxou para perto e sussurrou no ouvido dela. — Vamos sair daqui. Longe dessa conferência.

— Você não é safado?

— Sim. Danadinho. Vamos.

— Mas o jantar é...

Ele pegou a taça dela e colocou a dele e a dela em uma bandeja, seu alarme aumentando enquanto demônios Ramreel, vestidos com armas antigas, começavam a se posicionar ao redor da sala, o som de seus cascos soando sobre o som dos convidados e da música.

— Esqueça o jantar.

— Olha, eu fui convidada por uma razão, — ela retrucou, claramente irritada por sua manipulação. — Seria rude sair agora.

Ele desviou o olhar para os quatro cantos da sala, começando pelo lado norte. — Vê os símbolos brilhantes pintados nas paredes? — Com o assentimento dela, ele continuou. — Aqueles simbolizam sacrifício. Sacrifício a Lothar.

Ela franziu o cenho. — Quem é Lothar?

— Como você pode não saber quem é Lothar? — Perguntou; incrédulo. Lothar foi listado como um dos mais famosos desprezíveis no primeiro Capítulo de Demons For Dummies. — Os teus pais demoníacos não te ensinaram sobre as centenas de fiéis que você pode adorar? Você não está limitada a Satanás, sabe.

Sua arrogante expressão anunciou a irritação dela. — Meus pais não encheram nossas cabeças de fábulas ridículas...

— Nem todas são fábulas. Definitivamente não esta. — Ele aumentou o aperto no braço dela e fez um caminho mais curto para a saída. — Lothar é conhecido como o Príncipe das Riquezas. Um sacrifício para ele lhe dá tudo o que você quer, e uma vez que você é uma das convidadas de honra... — ele parou, deixando-a terminar o pensamento. Com sua aguda inspiração, ele sabia que ela juntara tudo.

— Eu sou parte do plano para obter as riquezas... Ou eu sou um sacrifício.

— Exatamente.

— Bem, então, — ela disse bruscamente, — Não vejo por que eu preciso ficar por aqui. — Inteligente como ela fez soar como se a saída fosse ideia dela.

— Isso é o que eu tenho tentado dizer a você, — ele rangeu.

Quase chegaram à porta principal quando um grande macho loiro bloqueou sua rota de fuga. A energia sombria que emanava dele o marcava como um anjo caído, o que significava que só podia ser Shrike, o anjo caído que promoveu a festa.

— Saindo tão cedo? — Seu sorriso, mostrando muitos dentes e muita gengiva, era tão gorduroso quanto seu cabelo penteado para trás.

Razr estava prestes a dizer ao cara para se foder quando Jedda ofereceu um sorriso de desculpas. — Tenho um assunto de família para atender, Sr. Shrike, — ela disse, aproximando-se mais de Razr. — E Razr se ofereceu gentilmente para me escoltar para casa.

Razr teve que dar seus pontos para a diplomacia, mas Shrike não mordeu. — Infelizmente, eu não posso deixar você fazer isso, — ele disse. — As festividades estão prestes a começar, e não tive a chance de falar com você sobre minha proposta.

— Sim, bem, isso é uma emergência. — Jedda ajustou sua brilhante bolsa de ombro com um puxão impaciente. — Por que não marcamos um encontro no meu escritório em algum momento desta semana?

O sorriso no rosto de Shrike se tornou predatório, e Razr amaldiçoou interiormente. Isso estava prestes a afundar, e a puta era que com as habilidades angélicas de Razr suspensas, Shrike era muito mais poderoso do que Razr. Qualquer negociação seria toda sobre a habilidade de Razr blefar através dessa merda.

— Como eu disse, — Shrike praticamente ronronou, — As festividades estão prestes a começar.

De repente, as luzes se apagaram, deixando o espaço iluminado apenas pelas chamas vacilantes das velas e candelabros nas paredes.

Sim. Afundando verdadeiramente.

Os murmúrios especulativos aumentaram e uma excitação profana encheu o ar.

— Não gosto disso. — Jedda sussurrou, e Razr experimentou o mais estranho desejo de confortá-la. De protegê-la. E não apenas porque ela estava em posse de sua gema. Merda, ela poderia ser responsável por roubá-la e matar

os seres humanos que a protegia.

Se sim, ele lidaria com isso. Mas agora, seu único objetivo era mantê-la segura.

E sair dessa vivo.

CAPÍTULO 5

Jedda estivera em um monte de situações desconfortáveis e francamente perigosas antes, mas algo sobre isto fez as outras, até mesmo as batalhas, parecerem mansas.

Shrike não era seu habitual Grande Mal. Ele era o Maior Mal com uma atitude. Ela não fazia ideia do que os anjos caídos eram capazes de fazer, mas provavelmente era seguro supor que eles poderiam fazer a maioria dos demônios parecer gatinhos.

Razr, por outro lado... Ela não sabia o que pensar dele. Ele era sexy, com certeza. Ela sempre foi uma otária para cabelos escuros e olhos escuros, e apostou sua pedra de vida que sob seu terno requintadamente adaptado havia o corpo de um atleta. Provavelmente tinha asas incríveis também.

Mas havia também uma familiaridade entre eles que não fazia sentido. Ela teria se lembrado de conhecê-lo, e ainda assim jurou sentir uma conexão, como se suas pulsações estivessem sincronizadas. E se isso fosse verdade, então seu pulso estava batendo tão forte quanto o dela enquanto ela assistia um bando de caras de chifres sem corte e de chifres com lâminas malignas nas extremidades das longas varas avançarem em direção ao centro da sala. Ela achava que as armas chamavam alabardas^[7], mas supôs que o nome não era importante. O fato é que elas poderiam dividir um corpo ao meio.

Razr se aproximou, e enquanto Jedda era capaz de cuidar de si mesma na maioria das circunstâncias, ela teve que admitir estar grata por ele ser, pelo menos por agora, seu aliado.

— Shrike, — resmungou Razr. — O que está acontecendo...

Ele o interrompeu quando, em um único e coordenado

movimento, os homens da alabarda balançaram suas lâminas tão repentinamente e tão rapidamente que ela não teve tempo de gritar antes de uma dúzia de cabeças caírem no chão. Os corpos decapitados dos seus proprietários desmoronaram ao lado deles com baques úmidos e sujos.

— Lexi! — Um rugido de raiva rasgou da garganta de Razr quando uma fêmea em um vestido de noite carmesim batia no chão, sangue jorrando de seu pescoço decapitado.

Náusea e horror passaram por Jedda, e ela tropeçou para trás conforme o choque alcançava a multidão. Algumas pessoas gritavam, algumas choravam, mas a maioria ria.

Razr se lançou em um borrão de fúria. Seu punho acertou a mandíbula de Shrike, derrubando-o em uma parede. Antes que Shrike pudesse se recuperar, Razr tinha Shrike pela garganta e preso, seus rostos nariz a nariz. — Você a matou! Que porra é essa?

— Este é um jantar de demônio, — Shrike rosnou através dos lábios ensanguentados. — O que você esperava? — Ele sorriu; um que Jedda assumiu que foi destinado a ser reconfortante, mas só saiu como aterrorizante. — Além disso, Lexi não estava amaldiçoada com um bando de vidas e mortes? Ela aparecerá de novo em algum lugar. — Seus olhos se iluminaram com uma malévola luz carmesim, e pequenas rajadas de raios faiscaram na ponta de seus dedos quando ele levantou a mão para a nuca de Razr. — Mas você não.

— Não! — Gritou Jedda. — Não faça isso, Shrike. Ele está comigo, e se você o matar, eu juro que qualquer *proposta* que você tenha para mim morrerá com ele. Eu nunca trabalharei com você.

Shrike bufou, mas deixou cair a mão para seu lado novamente. — Eu acho que você vai. Mas o deixarei viver. Por agora.

A multidão começou a cantar um monte de mumbo-jumbo⁽⁸⁾ que Jedda não reconheceu, mas compreendeu uma palavra: Lothar. Seu estômago revolvía-se novamente.

— Foda-se. — Razr empurrou Shrike forte o suficiente para fazer seu crânio rachar contra a parede. — Vamos embora, seu pedaço de merda. A cerimônia acabou.

Um dos capangas de Shrike viu o problema de seu chefe e avançou até ele, a ponta de sua lâmina pingando sangue. Jedda forçou suas pernas bambas a se aproximar de Razr para que pudesse tocar no ombro dele e mostrar a urgência da situação. Shrike poderia ter arquivado seus impulsos homicidas para o momento, mas ele parecia ser o tipo de psicopata que poderia mudar de ideia em um instante. — Ei, talvez você devesse recuar um pouco...

— Você realmente não tem escolha, a não ser me libertar. — A voz enganosamente calma de Shrike sacudiu Jedda. Em sua experiência, os exaltados eram muito melhores de tratar do que os povos cujas emoções corriam frias. Ambos podiam ser perigosos, mas os exaltados eram mais previsíveis e mais fáceis de manipular. Shrike não lhe pareceu uma dessas coisas. Ele gesticulou em direção a uma porta fechada próxima. — Por que não vamos a um lugar mais calmo para conversar?

Razr hesitou. Ele ia recusar e matar os dois, não é? Cara, ela ficou presa dentro das minas de diamantes que desmoronou e nunca se sentiu presa. Finalmente, quando contava o número de capangas entre ela e a porta mais próxima, Razr amaldiçoou e recuou. O que ele não fez foi parar de olhar furiosamente para o outro anjo caído. Nem mesmo enquanto Shrike os levava a uma grande biblioteca cheia de clássicos literários, ficção moderna e uma pitada de tom demoníaco.

Fervendo pela astúcia e traição de Shrike, e ainda pulando em um depósito de adrenalina, ela rodeou o bastardo assim que a porta se fechou. — O que você quer, Sr. Shrike? E por que você simplesmente não agendou um horário em vez de me convidar aqui para este... Este... Espetáculo?

Ela olhou para Razr, que estava a alguns metros de distância, seus punhos apertados em seus lados e seus olhos escuros ardentes. O ódio praticamente escorria dos poros dele,

e ela jurou que podia senti-lo em uma onda de calor ácido lavando sua pele.

Shrike caminhou ao redor da mesa e afundou na cadeira de couro atrás dele. Ele fez um gesto para que ela e Razr tomassem assentos nas duas cadeiras em frente a ele. Ela aceitou, mas Razr atirou ao anjo caído um piscar de olhos e permaneceu em pé, seu olhar afiado, sua postura enganosamente relaxada. Jedda teve a impressão de que lá dentro ele estava enrolado como uma cobra e pronto para atacar.

Shrike lançou um olhar irritado para Razr, mas depois se concentrou em Jedda. — Convidei você aqui porque as coisas que eu vou pedir para você não serão fáceis de encontrar. Daí o sacrifício. É importante que sua energia o envolva.

Malvado bastardo. Jedda não tinha muito espaço para dar lições a ninguém sobre o assunto da ética, mas nunca enganara ninguém para participar de um jantar com assassinatos.

Não, mas você também matou.

Maldição, não, ela não matou. Não intencionalmente.

Mas se beneficiara com a morte, não?

Empurrando seus pensamentos errantes para os recessos mais profundos de sua mente, onde eles pertenciam, ela olhou Shrike em seus olhos acinzentados. — Não aprecio o engano, — ela disse em sua voz vigorosa de negócios, aquela que usava quando se tratava de pessoas deploráveis, como o Tom da mina Taaffeite. — E definitivamente não aprecio estar envolvida em algum feitiço estranho. Então, eu acho que não farei negócios com você. — Ela começou a se levantar, mas rapidamente, a grande mão dele apertou seu pulso.

Um grunhido ressoou, congelando-a em seu assento mais efetivamente do que o aperto de Shrike alguma vez poderia.

— *Solte-a.* Os olhos de Razr brilharam com a ameaça da violência. Isso a fez imaginar o que os anjos caídos eram capazes de fazer. E provocou um pouco de um tesão.

Shrike sorriu, um sorriso tão frio que ela estremeceu. —

Contanto que ela prometa me escutar.

Merda. Ela não queria ouvir mais uma palavra desta lata de lixo ardente, mas também não tinha um desejo de morte, nem queria ver Razr flutuando no chão ao lado de sua cabeça.

— Claro, — ela concordou com uma calma forçada, esperando aliviar a tensão e terminar essa reunião. — Suponho que não pode machucar.

Shrike a soltou e ela resistiu ao desejo de esfregar seu pulso, onde sua pele queimava como se os dedos dele fossem bastões de fogo. — Agora, aqui está o negócio. O que eu quero será um desafio, mas sei que você conseguirá para mim.

— Apenas me diga o que é, e eu vou te dizer se acho possível.

Por alguma razão, ele parecia divertido, e ela não gostava nem um pouco. — Você está, é claro, familiarizada com os famosos crânios de cristal da Mesoamérica.

Ela não conseguia parar de revirar os olhos. Ele não apenas eram quase que certamente falsos, mas se ele quisesse um poderia facilmente contratar qualquer negociante competente em antiguidades. Não precisava dela para isso. — Claro. Mas...

— Você também conhece os chifres de cristal do diabo?

Ela inalou uma respiração espantada. A existência dos chifres de cristal do diabo não era de conhecimento comum. Até mesmo a maioria dos que estavam familiarizados com as lendas não acreditavam que existissem.

— Desculpe, — disse Razr. — Mas que porra é um chifre de cristal do diabo?

Shrike recostou-se, o olhar presunçoso em seu rosto tão desagradável que ela queria dar uma bofetada. — Não muito tempo depois que os primeiros crânios de cristal entraram em cena, um arqueólogo humano cavando no México descobriu um chifre de cristal curvo, muito parecido com um chifre de carneiro. Era perfeitamente perfeito, sem falhas.

Jedda inclinou-se ansiosamente, incapaz de conter sua

excitação. Ela adorava mistérios que cercavam os elementos da terra. — Ele foi encontrado no fundo de uma caverna cheia de esqueletos humanos, e estava quente ao toque. O homem que descobriu ficou louco pouco depois, e o chifre foi perdido. Mas então, em 1938, Adolf Hitler enviou uma equipe para a mesma caverna em busca de mais tesouros. Eles encontraram outro chifre, e assumiram que ele, junto com o primeiro, pertencia a um crânio de cristal. Mas nenhum crânio que combinasse com os chifres foi encontrado.

Shrike sacudiu a cabeça. — Encontrei um crânio. — Ele cavou a gaveta da mesa e tirou uma foto em preto e branco do que ela só poderia descrever como um crânio de cristal. Um crânio de cristal do demônio.

— Isso é incrível, — ela murmurou. — Todos os outros crânios são humanos, ou pelo menos, primatas na natureza. Mas isso se parece com algo que você encontraria em um cemitério de demônios. — Seu queixo longo e pontudo e dentes afiados lhe davam um perfil monstruoso, e dois cortes perfeitamente redondos nas têmporas pareciam ser os lugares de descanso perfeito para os chifres.

Razr se aproximou e puxou a foto para a borda da mesa. — Onde está agora?

— De acordo com minhas fontes, o próprio Satanás é o dono dele. — Ao rosnado de Razr, Shrike tomou o insulto, sua boca apertando em uma linha sombria. — Você tem algo a acrescentar?

— Não, — Razr disse; a estranha nota em sua voz fazendo Jedda suspeitar que ele soubesse algo pertinente a esta conversa. — É só que Satanás não foi visto em um tempo.

Shrike bateu seus longos dedos na mesa. — Então você acredita nos rumores de que ele foi usurpado?

Usurpado? Jedda não havia ouvido isso. Mas então, ela nunca, em seus cento e quarenta anos de vida, teria se interessado pela política dos reinos celestiais, humanos ou demoníacos, a menos que a afetassem diretamente. Estava

apenas interessada na política de sua própria espécie.

Com o encolher de ombros de Razr, ela suspirou. — Olha, eu não sei o que você quer que eu faça sobre isso. Seria melhor você contratar alguém que localize antiguidades. Sou uma gemologista. Eu me especializo em encontrar pedras preciosas que ainda estão na terra, em estado bruto, ou que foram aprimoradas com habilidades sobrenaturais.

— Não brinque comigo, querida. Eu sei que você lida em todas as gemas. E o chifre do diabo é um dos mais preciosos.

Merda. Como poderia sair dessa sem revelar a verdade, — que certos tipos de cristais estavam além de sua capacidade de sentir? Não só isso, mas cristal de quartzo, como o associado com os crânios e os chifres, bem poderia ser sua criptonita? Ela descobrira isso da maneira mais embaraçosa possível.

— Sr. Shrike, acreditam que apenas dois chifres existam. Não sei se posso encontrar um deles. Ela limpou a garganta. — E tenho certeza de que não vou encontrá-los se você me chamar de querida de novo.

Ele riu, mas ela não esperava menos. — Eu tenho fê em você. Mas não terminei. — Ele apoiou os antebraços na mesa e se inclinou. — Há outra coisa que eu quero. — Claro que havia.

— Você já ouviu falar das Gemas de Enoch?

Seu coração parou. Apenas... Parou. Seu peito apertou, sua respiração queimou, e seu estômago caiu para seus pés. Sob sua pele, ela sentiu seu pânico aumentar, e teve que forçar-se a malditamente se acalmar.

E era sua imaginação ou viu Razr tencionar pelo canto de seu olho? Deveria ser sua imaginação. A menos que ele sentisse o repentino e frio terror dentro dela?

Ela escondeu sua ansiedade atrás de um riso forçado. — Sr. Shrike. Certamente você não acredita nessa lenda tola.

— Não é nenhuma lenda. — As sobrancelhas de Shrike caíram em aborrecimento. — Três gemas feitas de sangue de anjo e lágrimas. Cada uma delas tinha rumores de possuir poderes diferentes, e cada uma delas foi colocada sob o cuidado

de um anjo. Essas pedras preciosas, quando ativadas juntas, formavam uma poderosa magia. Mas há cerca de um século, três demônios extraordinariamente poderosos derrotaram os anjos e roubaram as gemas.

Ele estava certo sobre as pedras, mas entendera a história errada. Muito errado. — Sinto muito, — ela disse, — Mas não perderei meu tempo em uma perseguição idiota de ganso.

— É verdade, — Razr respondeu, sem ajudá-la. — Pelo menos, a existência das pedras é real. — Ele perambulou pela biblioteca, seu olhar parecia captar tudo de uma só vez, e Jedda teve a sensação de que gravava na memória cada tomo e cada artefato exposto. — Embora Shrike fodeu a história.

— Realmente. — Shrike olhou furioso. — Talvez você pudesse me dizer onde eu errei e como você sabe disso?

— As façanhas dos anjos que usaram as pedras preciosas na batalha estão bem registradas na Biblioteca Akâshica do Céu, e gosto de ler. — Razr passou a mão sobre uma pilha de livros sobre a mesa perto da janela. — De acordo com vários relatos, os demônios não derrotaram os anjos. Os demônios assassinaram os seres humanos que eram os guardiões das gemas.

Bem, isso era um pouco mais perto da verdade, ela supôs. Mas apenas um humano foi morto, e a culpa pesava sobre ela como uma pedra de duas toneladas.

Shrike deu um suspiro cético. — Por que os anjos precisam de guardiões humanos?

— Porque o poder contido nas pedras precisa de um condutor. — Jedda imediatamente amaldiçoou seus lábios soltos. — Pelo menos, de acordo com as lendas, — ela acrescentou rapidamente.

Nuvens de tempestade se reuniram nos olhos de Shrike e suas unhas cavaram na mesa. — Parece que a minha fonte não forneceu informações suficientes, — ele rangeu; e cara, ela não iria querer ser essa fonte. Então, tão rapidamente como a tempestade entrou, ela passou, e Shrike olhou entre Razr e

Jedda. — Se os seres humanos mantêm as pedras preciosas, como os anjos se baseiam no poder?

— Não sei, — Razr respondeu, folheando um livro sobre a vegetação carnívora no reino demoníaco. — Eu não cheguei tão longe na minha leitura.

Jedda sabia a resposta à pergunta de Shrike, mas não sentia vontade de compartilhar. Inferno, ela não tinha vontade de lembrar que os anjos usavam joias especiais feitas de sua pedra preciosa correspondente. O anjo que assassinara a irmã de Jedda usava um colar de ametista ao redor do pescoço que combinava com a pedra que Manda possuía.

— Isso, — disse Ebel enquanto esfregava o dedo no pingente de seu colar, — me permite aproveitar o poder da pedra que sei que está em sua posse.

Ele olhou para Jedda, Manda e Reina por sua vez, seu olhar gélido emitindo um formigamento de pavor que deslizava pela espinha de Jedda. Foram apanhadas na casa que partilhavam; uma extensa mansão francesa do século XVII que pertencia aos seus pais falecidos.

— Cadê? Onde estão as três? — Ele se moveu para Manda enquanto ela se encolhia no canto, seu pé em botas descendo nas poças de sangue e pedras preciosas espalhadas por todo o chão. — Sinto o meu. Você cheira a ele. Eu quero de volta.

— Ela não pode dar a você! — Reina gritou. — É impossível.

Ele sorriu, e ao redor de seu pescoço, o colar de ametista brilhou. De repente, sua mão se estendeu, e um corte, maior do que os outros que ele infligiu, dividiu a pele de Manda, do ombro ao cotovelo. Ela gritou de dor enquanto o sangue escorria pelo seu braço e se reunia no chão. Gemas formadas no sangue, algumas não maiores do que um quilate de tamanho, enquanto outras, do tamanho do ovo de pato encantado que roubaram de um vampiro duas décadas antes eram mais impressionantes.

O que era ruim. Quanto maiores as pedras que se formavam fora de seu corpo, mais danos eram feitos dentro do corpo dela.

— Você quer entender o poder das pedras preciosas? — Ele

perguntou, e não, Jedda realmente não queria. Ela e suas irmãs reclamavam uma pedra e absorviam sua considerável energia. Essa energia lhes dava habilidades que elas não possuíam antes, mas tinham consciência de que o poder das gemas não seria totalmente desbloqueado sem seus companheiros, e agora parecia que elas descobririam como essas coisas eram poderosas.

Gritos explodiram no cérebro de Jedda, gritos que pertenciam as suas irmãs, a si mesma... Não, espere...

Ela piscou, percebendo que estava perdida no passado, quando bem aqui no presente as pessoas gritavam atrás da porta. Shrike sorria.

— Mais sacrifícios, — ele ronronou, o êxtase em sua voz quase tão perturbador quanto o que acontecia na outra sala. — Lothar é exigente. E com cada grito, sua vontade se infiltra em você.

O horror a deixou lutando para respirar. — O que... O que você quer dizer?

— Quero dizer que todos os dias que passar sem você trazer para mim o que desejo causará mais e mais sofrimento a você. Não se preocupe, não vai matá-la. Mas antes que o mês termine, você vai querer.

Razr jogou o livro na pilha sobre a mesa e girou ao redor. — Seu doente. — Ele torceu o anel em seu dedo como se tentasse encontrar algo em suas mãos que não envolvesse o estrangulamento do bastardo sentado diante deles.

Jedda votou a favor do estrangulamento.

As sobrançelas de Shrike subiram. — Você é um anjo de merda caído. — Ele zombou. — Um Unfallen, eu suspeito, mas você ainda fodeu o suficiente para ser expulso do Céu. Então não me diga que nunca matou ninguém.

A voz de Razr ficou baixa e ameaçadora, e os cabelos no pescoço de Jedda se ergueram. — Como um anjo eu matei milhares de demônios como você.

— Assim será, Jedda, — disse Shrike, — se não me trazer

o que eu quero. — Ele lançou um olhar para ela que prometia agonia em grande escala. — E você vai me atualizar diariamente de seu progresso, ou eu enviarei os meus homens para lidar com você.

Filho da puta. Era por isso que ela estava sozinha no negócio. Por que se recusava a trabalhar para alguém, exceto em seus próprios termos. Ela não gostava de ser controlada ou amarrada a ninguém, e o que Shrike estava fazendo a amarrava a ele e controlava suas escolhas pelo próximo mês, pelo menos.

Fúria abrasou sua garganta com cada palavra. — Então você me trouxe aqui sob falsos pretextos para me forçar a cumprir suas ordens?

— Isso não foi inteiramente uma artimanha, — Shrike esticou as mãos sobre a mesa, o rosto tão descontraído que ela teve a impressão de que ele fodia muito as pessoas. E ria disso. — Patrocino uma legítima conferência de bruxaria anual. Você pode pesquisar no Google.

Ela pesquisou, e foi por isso que se sentiu confortável em atender. — Eu vou destruí-lo no Yelp⁽⁹⁾, — ela estalou.

Razr riu, mas cortou abruptamente ao olhar a parte de trás de sua mão, onde o contorno em relevo do que parecia uma asa brilhava com uma estranha luz carmesim. Estava lá mais cedo? Ele achava que não.

— Bem, bem, — Shrike murmurou. — Um *glifo Azdai*.

Razr levantou o olhar para encontrar Shrike. — O que você sabe sobre *glifos Azdai*?

— Eu sei mais do que deveria. — A expressão de Shrike se suavizou, mesmo com a voz amarga, deixando Jedda mais confusa do que nunca.

— Eu preciso ir. — Razr fez um *gesto venha comigo* para Jedda e se dirigiu para a saída, mas Shrike balançou a cabeça e o barulho de uma pesada trava deslizando no lugar sacudiu a porta.

— Nós não terminamos aqui.

Razr virou com um assobio. — Se você sabe alguma coisa

sobre *glifos Azdai*, você sabe que eu preciso ir.

— Eu sei que você precisa de alguém para entregar o seu castigo. — Shrike se levantou suavemente. — Eu farei as honras. — Ele estendeu a mão. — Eu lhe devo pelo gancho de direita e o crânio quebrado.

— Vá para o inferno.

— Mais uma vez, vou apontar que você não tem escolha. Este castelo está bloqueado e posso decidir continuar assim até você concordar.

— O que está acontecendo? — Jedda perguntou. — Não entendo nada disso.

Razr explicou, mas seu olhar permaneceu trancado com Shrike, uma batalha de vontades que ela pressentia que não acabaria bem.

— Azdai era um anjo antes que os humanos soubessem o que eram anjos. Antes da rebelião que fez Satanás ser expulso do Céu. Razr sugou ar entre os dentes como se estivesse com dor, mas Jedda não tinha ideia do que poderia estar machucando-o. — Azdai machucava os humanos da mesma maneira que as crianças humanas às vezes puxam as asas das moscas. Ele era curioso e cruel, e precisava ser punido. Ainda não existiam Anjos caídos, então o Céu surgiu com este glifo e o castigo que o acompanha. — Ele ergueu a mão, onde o glifo em forma de asas ardia brilhante carmesim, tão zangado que ela se encolheu. — Quando brilha, significa que é hora de experimentar o castigo. Se a punição não acontecer imediatamente, sofreremos até que algum anjo idiota apareça para infligir a punição dez vezes. — Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e puxou as mais belas cordas de marfim que ela já viu. Até mesmo os esporões de osso nas pontas das tiras de couro foram polidos até a perfeição cintilante. — E não podemos infligir a punição nós mesmos. — Ele desdobrou a alça compacta e a prendeu no lugar, e então passou o dispositivo de tortura para Shrike. O estômago de Jedda revirou ao perceber que o chicote estava prestes a ser usado. — Nós

ganhamos crédito extra quando a punição é impiedosa.

— Crédito extra? — Ela perguntou, sentindo-se completamente doente.

— Podemos passar mais tempo entre espancamentos.

Ela colocou a mão sobre a barriga, mas não suavizou a náusea. — Isso é... Bárbaro.

— Você não receberá nenhum argumento de mim, — disse Razr, removendo seu paletó e camisa. Como suspeitava, ele tem a forma de um atleta, seu largo peito musculoso, cônico até uma cintura estreita e abdominais definidos, os quais ela apostou que faria diamantes parecerem suaves em comparação.

— Espere. — Ela se levantou e tentou raciocinar com Shrike. — Não faça isso, — ela implorou. — Farei o que você quiser. Farei o meu melhor para encontrar os itens que você quer...

— Você já fará isso, — disse Shrike.

Ela olhou para Razr, que agora removia as várias armas amarradas ao redor de seus quadris e olhava para ela como se ela estivesse louca por querer ajudá-lo. Ela meio que se sentia assim, ela supôs. Isso não era da conta dela. Merda, ela não sabia por que ele sequer estava no escritório, em primeiro lugar, exceto que, oh, certo, ele tentou salvá-la do jantar infernal e ficara preso na armadilha que Shrike armou para dela. Então, sim, isso era tudo culpa dela, e não queria ver Razr ferido.

— O que eu posso fazer?

Razr jogou suas roupas e meia dúzia de lâminas em uma cadeira. — Você pode certificar que esse babaca não fode comigo quando eu desmaiar.

Com isso, estendeu a mão e agarrou a parede.

CAPÍTULO 6

Isso chupou. Normalmente o castigo de Razr vinha de Azagoth ou Hades, embora Zhubaal tivesse realizado duas vezes. Z não gostava, não como Azagoth e Hades, que pareciam gostar de dar um pouco de tortura, mesmo entre amigos, mas às vezes as coisas não podiam ser ajudadas.

— Por favor, — Jedda sussurrou enquanto os pesados passos de Shrike atravessavam a sala. — Com certeza isso pode esperar...

— Não pode, — Shrike disse; seus olhos brilhando com aquela impiedosa luz carmesim novamente. — Mesmo agora, ele está sentindo a pressão construir dentro dele. Sua pele está queimando. Seu sangue parece lava. Cada minuto sem punição aumenta a agonia. Não é verdade, Razr?

Infelizmente sim. — Como diabos você sabe?

Shrike acariciou seu dedo sobre a tira suave do chicote, e quão fodido era Razr realmente ter ciúme? Ele odiava o chicote. Mas era dele, e ele desprezava o fato de que este anjo caído fodido estava acariciando-o.

Sim, fodido.

A voz de Shrike era suave, quase... Terna. — Não importa como eu sei?

Na verdade, não, mas Razr adivinhou que havia um inferno de uma história por trás de seu conhecimento. — Apenas acabe logo com isso. Seis delas.

— Não! — Jedda colocou-se entre Razr e Shrike. Que diabos ela estava fazendo? Ele era um estranho para ela, e ainda assim ela tentava protegê-lo.

Não habituado a ser o destinatário de tal bondade, ele baixou a cabeça, sem saber como lidar com isso. Suas asas, amarradas tão firmemente que doíam, tremiam sob sua pele como se quisessem estourar em suas costas e protegê-la do que

estava prestes a testemunhar.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela por cima do ombro. — Jedda, — ele disse grosseiramente, — Está tudo bem. Não olhe. Será rápido.

Durante o intervalo de uma dúzia de batimentos cardíacos, ela hesitou. E então, relutantemente, ela acenou com a cabeça e se afastou para Shrike, mas ainda gritou quando o primeiro golpe caiu sobre seus ombros, os quais, embora completamente curados, ainda estavam sensíveis dos últimos açoites que recebera na mão de Jim Bob.

A dor explodiu e o sangue salpicou. Ele cerrou os dentes e recebeu o segundo golpe com um grunhido. Seus ouvidos zumbiram, mas através do zumbido ele podia ouvir Jedda implorando para que Shrike parasse.

Nada que ela dissesse o impediria. Ela não conseguia detê-lo. Isso era algo que Razr ganhara, e ele aprendera da maneira mais difícil que era muito menos doloroso receber os golpes do que sofrer por dias, às vezes, até que um anjo aparecesse para esfolá-lo com dez vezes o número de golpes.

Sessenta golpes.

Normalmente ele curava em poucas horas, mas levava dias para se recuperar desse tipo de tortura infligida pelo anjo.

Outro golpe caiu e sua visão ficou turva.

Ele nem sequer sentiu o próximo.



— Deuses, você é pesado. Você tem sorte de que minha espécie seja estranhamente forte. — Ele também teve sorte de ter um Harrowgate apenas um quarteirão de distância da casa de Jedda ou ela seria forçada a explicar a um motorista de táxi por que estava carregando um homem sangrando e inconsciente no meio da noite.

Ela ofegou com o esforço enquanto despejava o corpo inconsciente de Razr em sua cama, sem cerimônias, e tanto para seu novo edredom de jade, ametista e lençóis. Tudo arruinado por manchas pegajosas de sangue.

O que aconteceu com isso, afinal? Por que Razr precisava ser torturado? E por que ela se importava? Ela não se importava com ninguém desde o dia em que um anjo matou uma irmã e enviou a outra para o vento. Ela ficava solitária às vezes, mas principalmente estar sozinha significava não ter que competir com ninguém por nada. Como as gemas que a mantinham viva.

Oh, seus pais planejaram antes do tempo para evitar a competição entre Jedda e suas irmãs, e em sua maior parte funcionou. Mas sua espécie era naturalmente competitiva, e honestamente, ela estava surpresa que ela e suas irmãs tivessem ficado juntas por tanto tempo quanto ficaram. A maioria dos irmãos elfos perdeu o contato dentro de dois anos após atingir a idade adulta, na idade de dezesseis anos humanos.

Ela se perguntou onde Reina estava, se ainda estava no reino humano. A última vez que Jedda viu sua irmã foi há uma década, em uma joalheria do submundo e apresentação de armas na periferia da região Ca'askull de Sheoul. Elas se encontraram em um estande de exibição de magnetita amaldiçoada, e não havia feito nada para curar a dor entre elas.

Absolutamente nada. Reina sabia como entrar em contato com Jedda, mas não o fez.

Não que Jedda fosse totalmente irrepreensível. Ela a seguiu uma vez, mas após descobrir que Reina não morava no local que ela dera a Jedda, ela desistiu. Claro, ela poderia assistir ao comércio de joias semanais no reino elfo, onde Reina certamente estaria em uma base regular, mas Jedda era teimosa, e não seria aquela a fazer propostas neste momento.

Um som na porta da frente, seguido de uma onda de intensa maldade, sacudiu-a de seus pensamentos e levantou os

pelos na nuca. Silenciosamente, ela deslizou para a janela da sala e espiou entre as cortinas de safira. Lá, pendurada nas sombras ao lado de sua varanda, havia um demônio que ela reconheceu no jantar de sacrifício. Ele ficou parado ali, de costas para a lateral da casa, olhando para a rua.

Que diabos?

Ela abriu a porta. — O que você está fazendo?

Ele se virou para ela, cintilando seus dentes afiados e feios. — Shrike quer que eu fique de olho em você. Garantir que você entregará o que prometeu.

— Diga a Shrike que ele pode ir se foder. Não preciso de babá.

O bastardo começou a avançar para ela, mas ferrou. Ela não daria a ele a chance de colocar um dedo nela. Estendendo a mão, chamou o poder da própria gema que Shrike queria que ela encontrasse, o diamante azul-gelo dos mitos e lendas. Ao redor dela, o ar brilhava como o calor construído. Com um mero pensamento, ela soltou a energia, acertando-o com uma onda de choque que o fez voar para o outro lado da rua, onde caiu em uma pilha estranha contra um poste de luz.

— Fique fora de minha propriedade, — ela gritou. — Ou da próxima vez essa onda vai te dividir. — Não era verdade, mas ele não precisava saber disso. Oh, ela poderia ter chamado duas vezes mais poder, mas morava em um bairro humano, e não havia sentido chamar atenção para si. Especialmente porque muitos seres humanos estavam cientes da existência do sobrenatural, graças a recentes eventos quase apocalípticos, e nada de bom nunca vinha dos seres humanos e seu medo.

Ainda assim, ela sempre se perguntou quão realmente poderosa sua pedra seria se emparelhada com sua correspondente e o anjo que a possuía. Antes de matar Manda, Ebel, o Anjo Irritado, havia dito que as gemas pareadas eram capazes de uma destruição generalizada em nível atômico, e ela acreditava nisso. Mesmo agora ela podia sentir o poder de sua gema como um pulso dentro dela, como se quisesse soltar tudo

que era capaz.

Tremendo, ela entrou e pegou o kit médico do banheiro. Razr ainda estava frio, então ela suavemente tirou as calças dele.

Ele não usava cueca. *Oh meu.*

Sua boca ficou tão seca quanto a floresta de areia em sua pátria elfo quando tocou em seu corpo magnífico. Tudo começou a queimar, partes que ela quase esqueceu que possuía nos cinco anos que ficara sem um homem. O anjo caído era tão perfeito quanto qualquer coisa que ela já viu. Fazia sentido, ela supunha – nunca pensaria que anjos seriam nada menos que perfeitos. Mas vendo um nu e de perto? Ninguém poderia culpá-la por querer tirar fotos e postar para todos os seus amigos no Instagram, certo?

Amaldiçoando sua ética, ela o virou sobre sua barriga para permitir o acesso a sua parte traseira desfiada. Envergonhada com o fato de que ela simplesmente o comeu com os olhos. Deuses, ele deve ter sofrido tanto. Ela quase desmaiou durante a surra, incapaz de conter o estômago com a visão de músculo e osso expostos pelas lacerações profundas.

Para piorar as coisas, Shrike se revelara sanguinário, cada vez mais irritado com cada golpe, como se levasse uma profunda dor interior de Razr. Quando terminou, ele atirou o chicote e fugiu do escritório sem dizer uma palavra, deixando-a para pegar o corpo inconsciente de Razr e encontrar o caminho de saída do castelo.

Pelo menos as feridas pararam de sangrar e já começavam a cicatrizar. Ainda assim, essa era uma das vezes que ela desejava ter escolhido a Gema de Enoch em vez do diamante. Jedda e suas irmãs não sabiam o poder que cada uma das gemas possuía no momento em que as escolheram e as assimilaram, mas nem Jedda nem Reina estavam completamente satisfeitas com os resultados. Manda abraçara o poder matador de sua pedra, mas Reina não queria curar ninguém e estava furiosa. E enquanto a joia de Jedda dera a ela

a habilidade de repelir violentamente demônios, a qual ela realmente usava às vezes, ser capaz de ajudar de vez em quando seria legal também.

Com muito cuidado, limpou as feridas de Razr e colocou ataduras, cada uma tirando uma maldição élfica dela. Tal corpo perfeito, rasgado aos fragmentos em uma base regular. Ele não tinha cicatrizes, pelo menos, nenhuma visível. Ouviu que havia espécies de demônios que podiam ver cicatrizes que ninguém mais podia, e se perguntou o que um desses demônios veria se olhasse para Razr.

Jedda via um homem muito em forma, muito tonificado.

A pele bronzeada se estendia sobre grossas veias que ajudavam a definir os músculos de cortes afiados de seus ombros e braços, e se havia uma gama de gordura em seu corpo, ela transformaria sua joalheria em uma loja de iogurtes.

Docemente, ela correu seus dedos sobre seu bíceps e antebraço, todo o caminho até seus dedos. Seu anel a fascinava, e quando tocou o diamante negro no centro, sentiu o zumbido mais estranho, como se um encantamento estivesse contido e tentasse sair. Ainda mais estranho, as gemas encantadas sempre estavam alinhadas com a energia boa, má ou neutra, e ela não conseguia ler nada. Ele estava ciente de seu potencial poder? Ou seu alinhamento?

Colocando suas perguntas de lado, ela seguiu uma grossa veia até o dorso de sua mão e colocou sua mão sobre a dele, maravilhando-se de quanto maior era a dele. Como um elfo, ela estava naturalmente no lado delicado, mas ele realmente criou um nítido contraste, não só em seu tamanho, mas em sua coloração. Onde ela era clara, ele era escuro.

Até mesmo as tatuagens que rodeavam as omoplatas dele e percorria a parte de trás de seu pescoço em tranças gêmeas de estilo celta antes de desaparecer sob o cabelo preto, cortado curto, estavam escuras. Não na cor – embora fossem de um intenso azul – mas na natureza. Ela reconheceu os símbolos tecidos no padrão semelhante a um laço. Eles eram muitas

vezes queimados ou esculpidos em objetos, como gemas amaldiçoadas ou encantadas, para amortecer seu poder.

As tatuagens de Razr eram mais castigo pelo que ele havia feito?

Deuses, o que ele fez? Deveria ter sido ruim ser expulso do Céu, mas depois ser selado com punição extra?

Ela olhou para a porta. Talvez tivesse cometido um erro trazendo-o para casa. Ela ouviu que havia uma clínica aqui em Londres que tratava de demônios, anjos caídos e coisas assim... Ela poderia deixá-lo lá e depois verificá-lo amanhã.

Ele mudou de posição, estremeecendo ao menor movimento, e ela suspirou em resignação. Afinal, uma menina tinha que trazer para casa o cara errado pelo menos uma vez na vida, não é? E ei, ele tentou avisá-la, tentou tirá-la do jantar antes de tudo ir para o inferno. Se ela tivesse escutado em vez de discutir, talvez não estivesse nessa confusão.

Ela devia a ele por tentar.

Além disso, ele parecia saber muito sobre as Gemas de Enoch. Isso a deixou um pouco nervosa, mas ao mesmo tempo, ela adoraria aprender mais. Ela e as irmãs só as descobriram porque as sentira em uso e as roubaram antes de saberem o que eram. Desde aquele dia, há um século, Jedda fizera o máximo de pesquisa possível, mas pouco se sabia sobre elas.

Parecia que muito poucos anjos publicaram livros sobre suas maiores armas. Vai saber.

Após terminar de remendá-lo, ela foi preparar algo para comer na cozinha e planejar seu próximo movimento. Claramente Shrike falava sério sobre como conseguir o que queria, e se ele realmente a envolveu em algum tipo de magia demoníaca sacrificial, ela estava em apuros. Talvez pudesse colocar as mãos no chifre que queria, mas não havia como dar a joia a ele, mesmo que quisesse. Era parte dela. Era por isso que seu coração batia e seu sangue bombeava.

Sem ela, ela morreria. No entanto, a única coisa que a irritava era que se ela não desse a ele, o resultado seria

provavelmente o mesmo.

Café. Porra, Razr precisava de café.

Esse sempre foi seu primeiro pensamento quando acordava. Mesmo como um anjo acordando no Céu, ele queria aquela bebida exclusivamente humana para a qual tantos de seus irmãos angélicos se voltavam. Quente, frio, preto, com leite... Não importava para Razr. Basta entregá-lo ou sair do caminho.

Ele bocejou, abriu os olhos e piscou, assustado com a visão de Jedda sentada em uma cadeira ao lado da cama em que estava atualmente esparramado. Ele sonhara com ela, exceto que ela não usava uma blusa de seda turquesa brilhante e cintilante calças pretas que mostraram as coxas tonificadas e panturrilhas como agora.

Ela estava nua. Seu luxuoso cabelo azul-prateado cobria seus peitos empertigados, mas tudo o mais estava gloriosamente livre de qualquer tipo de cobertura. Ela caminhava em uma praia de areia branca e conchas rosa, e quando se aproximou dele, ela estendeu o seu diamante Enoch.

Razr estendeu a mão... Mas ele ainda não sabia se queria a gema, ou ela. O sonho desapareceu quando a consciência interrompeu.

— Ei, você. — Jedda pegou um jarro de água na mesa de cabeceira. — Você não ficou inconsciente quanto eu pensei que ficaria. Você cura rápido.

Confuso, ele rolou de lado e se levantou em um cotovelo, sentindo a pitada de alguma coisa em suas costas. Bandagens. Ela o cobrira? — Onde estou?

— Eu trouxe você para a minha casa. — Ela despejou água em um copo e entregou a ele. — Eu não poderia simplesmente deixá-lo lá, sangrando no chão de Shrike. Quem sabe o que ele faria com você?

Seu estômago roncou, ele perdeu o jantar de sacrifício, afinal, e tomou um gole de água para sufocar a fome. Não era café, mas não reclamaria com alguém que o ajudara.

— Onde estão minhas armas e roupas? — Quando ela apontou para uma pilha no chão, ele relaxou e colocou o abaixou o copo. — Como você me trouxe aqui? E onde é aqui?

Ela ofereceu um sorrisinho. — Sou mais forte do que pareço, e aqui é Londres.

Oh, certo. Ele obteve aquela informação quando viera para a Escócia. — Perto de sua loja?

Ela encolheu os ombros. — É uma curta distância em tempo bom. Uma parada no metrô em mau tempo. Mas esta é a Inglaterra, então eu pego muito o metrô. — Ela fez um gesto circular com um dedo adornado. Além de suas unhas incrustadas de gemas, ela usava muitos anéis. Até três em cada dedo. — Vire-se e eu removerei as bandagens.

Ele podia fazer isso sozinho, e geralmente não gostava de receber ordens, mas de repente ele queria muito que ela cuidasse dele. Tocando-o. O sonho ainda estava fresco em sua mente, então o que diabos.

Além disso, enquanto era tecnicamente proibido aos anjos fraternizar com demônios, ele era, para todos os efeitos, considerado um anjo caído. O que significava que todas as apostas estavam fora, e o Céu poderia se foder.

Ela poderia fodê-lo.

Gemendo com o inapropriado pensamento erótico, ele se virou, ficando de bruços, e oh, veja isso, ele estava nu. Ela o desnudara e ele não acordara? Isso acontecera apenas uma vez antes, quando Zhubaal o levava do escritório de Azagoth após uma flagelação particularmente brutal e o colocou em sua cama em Sheoul-gra. Ele acordou confuso e dolorido, mas pelo menos ele estava em sua própria cama.

O colchão mergulhou quando ela se sentou ao lado dele, sua coxa quente apertando seu quadril através do lençol de cetim roxo. Ela gostava dos tons de joia, não é? Tudo no quarto,

do abajur de citrino brilhante para o tapete de jade e a parede de cor rubi gritava, eu odeio cor sutil e tons de terra. — Qual é o problema com essa coisa de punição?

Suas bochechas se aqueceram de humilhação. — Fiz algo estúpido e tenho problemas com isso.

— Sim, eu acho que sim. Deve ter sido muito ruim, para você ser expulso do Céu e ser amaldiçoado com punição eterna.

— Também passei algumas décadas na prisão, — ele murmurou no travesseiro.

Seus dois membros da equipe, Ebel e Darlah, apodreceram com ele enquanto todos os seus destinos eram decididos. Ebel foi libertado primeiro, sem restrições sobre seu poder e sem um *glifo Azdai*. Levou apenas dois anos para rastrear sua pedra preciosa e destruir um dos ladrões que a roubaram, mas a ametista foi manchada pelo mal de quem a possuía, um mal que escureceu sua alma e o virou contra sua própria espécie.

Ele foi caçado e abatido. Sua gema e sua correspondente agora permaneciam inutilmente no escritório de algum arcanjo até que as outras duas Gemas de Enoch pudessem ser recuperadas e uma nova equipe pudesse ser formada.

Então, eles liberaram Darlah para encontrar a sua gema, mas desta vez, ela foi punida como Razr, em suas asas e, consequentemente, seu poder, e foi marcada com um *glifo Azdai*.

Ela desapareceu três anos depois e dada morta.

Agora era a vez de Razr. Voltar ao Céu com sua gema o redimiria. Retornar com o seu diamante e a granada de Darlah faria dele um herói. O Céu teria mais uma vez as três Gemas de Enoch, e ele poderia montar outra equipe para combater os demônios.

Ele *precisava* daquelas pedras, e uma estava dentro de seu alcance. Precisava apenas exercitar um pouco de paciência e ser esperto.

O dedo de Jedda alisaram as ataduras e ele quase ronronou. Ninguém o tocara assim desde Darlah. E mesmo

assim, seu relacionamento era sexual, frenético e intenso, com zero momentos íntimos. Pelo menos, não pela sua definição de íntimo.

— Posso perguntar o que você fez?

Ele inalou bruscamente, imaginando como levar isso. Ele podia mentir, dizer a verdade, empregar a evasão... Ele tinha algumas opções. No final, ele estabeleceu uma versão genérica da verdade, imaginando que oferecer um pouco de informação poderia ajudá-lo a extrair informações dela, também.

— Eu fazia parte de uma equipe de elite que matava demônios. Nós nos descuidamos um dia, e nosso descuido custou vidas e propriedades.

A raiva e o arrependimento queimavam suas veias com a lembrança. Eles lutavam contra hordas de demônios avançando em uma aldeia de merda no que era agora a Somália, e Razr ordenara a Ebel que deixasse as pedras e seus guardiões humanos na beira da cidade, perto de Razr e sua equipe. Mas Ebel entendeu mal, colocando o trio de seres humanos e gemas no centro da cidade, deixando-os fora da vista e vulneráveis aos demônios, os quais escorregaram de alguma forma através da barreira gerada pelo diamante Enoch de Razr. Foi um desastre de proporções épicas, e um que Razr jamais esqueceria. Nem mesmo seus sonhos lhe davam descanso da visão da morte e da destruição.

— Sinto muito, — Jedda disse suavemente. — Eu sei exatamente o que é isso. Perdi minha família inteira porque fui descuidada também.

— Eles estão mortos?

Ela tirou um curativo com uma surpreendente ternura. Ele teria arrancado o otário. — Meus pais e uma irmã estão. Minha outra irmã e eu bem que poderíamos ser estranhas.

Ok, então agora ele precisava saber. — Que tipo de demônio você é?

Ela mudou de posição, plantando uma palma quente em sua cintura, e seu corpo adquiriu vida súbita e calor. Debaixo

de seus quadris, seu eixo inchou, e o lençol acetinado esfregando-o como uma carícia piorou ainda mais.

— Eu não sou um demônio.

Ele riu. — Besteira.

— Não sou. — Ela tirou outra tira de curativo, e ele congratulou-se com o ligeiro ardor do adesivo puxando sua pele. Ele precisava da distração. Seriadamente. — Eu sou um elfo de gemas.

— Um quê? — Fale sobre uma distração.

— Um elfo de gemas, — ela disse lentamente, como se ele estivesse com dificuldade de ouvir. Ou uma criança.

— Eu te ouvi. Somente não sei o que é um elfo da gema.

— Os anjos não devem saber tudo?

Que fofo. Os anjos pareciam ser mantidos no escuro sobre tudo. — Obviamente não, — ele disse, ajustando seus quadris para oprimir sua ereção. — Mas eu sei que você é um demônio.

Ela removeu outra atadura, desta vez de forma menos suave. Muito menos suave. — Acho que eu saberia se eu fosse um demônio.

— Como você sabe? — Ele respondeu. — Uma girafa sabe que é uma girafa? Você foi classificada pela ciência ou Baradoc, o demonólogo?

Ela bufou de indignação, e ele escondeu seu sorriso no travesseiro. — Meu povo não faz parte do mundo demônio ou humanos. Nós não temos qualquer tipo de religiões ou tradições correspondentes. Até temos nosso próprio reino.

Ele bufou. — Os anjos não sabem de tudo, mas estamos familiarizados com todos os reinos. Se houvesse um reino elfo, eu saberia.

— Isso é muito arrogante.

Ele encolheu os ombros. — O que posso dizer? Eu sou um anjo. Um anjo caído, — ele corrigiu.

— Anjo ou não, você é um idiota, — ela murmurou, e ele riu. Ela era adorável. E claramente, um demônio. Então ela estava mentindo para ele ou realmente acreditava que era um

elfo?

Um duende de merda. Ridículo.

Os dedos dela se moveram sobre seus ombros nus, e ele se esticou com o primeiro toque nas cicatrizes de onde suas asas emergiriam se não estivessem presas.

— O é isso?

— São âncoras de asa.

— É aqui que eles cortaram as asas? — Havia uma nota surpreendente de tristeza em sua voz, deixando fora de equilíbrio. Ela não o conhecia. Na verdade, não. E ainda, ela se sentiu mal por ele? — Eu pensei que já teriam curado. Quando você caiu?

— Dois anos atrás, — ele se cercou, não querendo entrar nisso, especialmente porque suas asas não foram cortadas. Apenas amarradas tão firmemente com fio de ouro especial que elas doíam cada minuto de cada dia.

— Mas os pontos...

Ele se sentou rapidamente para mudar de assunto, mas o movimento súbito a desequilibrou e fez com que ela caísse esparramada no chão. Bem em cima do tapete insanamente brilhante.

— Oh, merda. — Ele saltou da cama para ajudá-la. — Desculpa. Eu... — ele parou quando a levantou, olhando para o rosto dela enquanto ela olhava para ele, deixando-o ainda mais fora de equilíbrio do que antes.

Aqueles olhos incríveis brilharam quando ela percebeu sua nudez. Seu pau, já duro como pedra, sacudiu sob o olhar dela. O desejo martelou através dele, tornando-se um rápido bater em sua virilha que se intensificou quanto mais tempo eles ficavam ali, ambos congelados pelo que estava acontecendo.

Ele a queria. Ele a desejou desde o primeiro momento em que a viu, embora acreditasse que as coisas só podiam acabar mal entre eles. Especialmente se ela fosse responsável pelo roubo de sua gema e pela morte de seu hospedeiro humano, um jovem chamado Nabebe, que Razr quase ressuscitara.

Mas porra, ele gostava de Jedda, e começava a duvidar que ela tivesse qualquer coisa a ver com os eventos que o baniu do Céu. Como comerciante de joias, ela poderia ter adquirido o diamante Enoch a qualquer momento durante o século passado ou assim, e fazia sentido que ela negasse saber qualquer coisa sobre ele, dado que as forças mais poderosas no Céu e Sheoul estavam atrás dele. Inferno, Razr ouviu que até mesmo Satanás havia colocado as antenas para fora antes de ser trancado por Revenant, o novo rei do Sheoul, e seu irmão, Reaver, o anjo de batalha mais famoso da história.

Mas ela é um demônio. Você odeia demônios. Você nasceu para lutar contra eles. Para destruí-los.

Sim, isso era verdade. Mas durante o serviço de Razr a Azagoth, ele esteve ao redor de demônios o suficiente para saber que eles não eram iguais. Os anjos de batalha aprendiam desde bebê que todos os demônios eram puro mal e deviam ser destruídos, mas sabia melhor agora. Assim como os humanos, cada demônio era único em seu nível de maldade ou decência de suas almas.

Ele apostaria que Jedda era uma das decentes.

Ela inclinou o rosto, e seus joelhos quase se dobraram diante da necessidade que transformou o azul claro de seus olhos em piscinas azuis opacas. Ela queria isso tanto quanto ele.

— Não costumo fazer isso, — ela sussurrou com uma voz trêmula, a qual o perfurou no profundo lugar que o tornava macho.

— Eu também não, — ele sussurrou.

— Eu... Eu não posso engravidar, — ela disse suavemente.
— Não até eu absorver um azurita.

Ele não fazia ideia do que diabos ela falava, mas não importava. A fertilidade foi uma das coisas tiradas dele quando suas asas foram presas. Não havia bebês ilegais meio-demônios para ele.

Querendo prová-la, e fugir de um assunto incrivelmente

incômodo, ele baixou a boca na dela.

Ele pretendia que o beijo fosse gentil. Exploratório. Mas ela não queria nada disso.

Jogando os braços ao redor dele, ela aprofundou o beijo, sua língua encontrando a dele em um choque violento. Suas pernas subiram e envolveram seus quadris, e ele sibilou ao sentir seu centro quente esfregando contra seu duro comprimento. Ela ondulou descontroladamente, seus seios firmes apertando contra a parede dura de seu peito. Cara, ela se sentia bem. Tão boa que ele precisou deslizar uma mão entre os seus corpos para reduzir a fricção que ameaçava arruinar tudo isso.

Ela gemeu ao contato de seus dedos em seu núcleo, então ele apertou contra o tecido de suas leggings, deixando seu toque tanto acalmar quanto inflamar. O cheiro da excitação dela alimentou a dele, enlouquecendo-o, fazendo com que ele desejasse mais.

Agora.

Ele girou contra a parede, e usando apenas seus poderes angélicos severamente reduzidos, ele a levantou ao lado de uma pintura de rubis soltos e um colar de pérolas derramando-se de um cálice de ouro. A surpresa nos olhos dela queimou enquanto estava pendurada ali, exposta ao seu olhar e à sua misericórdia. Com as mãos livres e o corpo tão preso que mal podia se contorcer, ele tirou as calças dela, deixando-a apenas com a camisa de seda e a roupa íntima de renda água-marinha brilhante.

Impressionante.

A boca dele encheu d'água enquanto deslizava as palmas sobre suas coxas cremosas e enganchou seus polegares sob o elástico da calcinha.

— Sim, — ela suspirou; seu corpo tremendo com antecipação. — Toque-me.

Ela disse isso como se ele fosse capaz de resistir. Sem chance disso. Ele adoraria tomar o tempo para provocá-la, fazê-

la implorar, mas ele era como um homem vagando por um deserto escaldante há dias e que acabava de chegar a um oásis.

Com avidez, ele empurrou um polegar entre suas dobras e acariciou sua umidade sedosa através de sua fenda, circulando seu nó inchado antes de descer para penetrá-la profundamente. Ela jogou a cabeça para trás e arqueou em sua mão tanto quanto seu poder angélico sobre ela permitia.

Porra, ela era linda, seu cabelo chicoteando em torno de seu rosto enquanto ela sacudia a cabeça, as bochechas brilhando com um tom rosado que combinava com a cor de sua língua enquanto a segurava entre seus dentes cerrados.

Ansioso por mais, ele tirou a calcinha, com cuidado para não rasgá-la quando ela ficou presa em torno de seus tornozelos. Enquanto se endireitava, ele a beijou e lambeu seu caminho até sua perna, saboreando sua pele lisa e cada pequena captura de sua respiração. Sua própria respiração estava agitada, seus batimentos cardíacos martelando dentro de sua caixa torácica como se o incitasse. Ninguém para refutar os sinais que seu corpo o enviava, ele tremulou a língua sobre as colinas inchadas do sexo de Jedda. Com seu grito de êxtase, mergulhou a língua em seu liso vale, fazendo-a gritar novamente e seu pau se sacudir com os primeiros movimentos do orgasmo. Ele não queria que isso terminasse, queria lambê-la até que ela implorasse para ele parar, mas fazia muito tempo que esteve com uma mulher, e seu corpo estava humilhanantemente pronto para se lançar.

Com um grunhido de arrependimento e antecipação, ele separou as coxas dela e entrou em um movimento suave. Seu poder ainda a segurava contra a parede, então ele plantou seus antebraços ao lado da cabeça dela e se estabilizou conforme se erguia contra ela.

— Razriel, — ela gemeu, sacudindo-o para fora de sua luxúria com o uso de seu nome de anjo, mas só até trancar as pernas em sua cintura e arquear, levando-o tão profundo que ele achou que eles nunca viriam a desembaraçar.

Seu sangue bombeava como se estivesse em batalha, a adrenalina abrasando suas veias e a pele até que cada parte dele se sentia mais viva do que em anos. Décadas. Suas bolas pulsavam e apertavam, e ofegando, ele bateu nela, seus gemidos delicados se misturando com seus gemidos de prazer.

Ela gozou sem aviso, endurecendo-se contra ele, um grito abafado rasgando de sua garganta. Sua bainha sedosa espremeu-o, catapultando-o em sua própria explosão elétrica de êxtase, que o fez ver cores e deixando o quarto dela hiper brilhante.

Quando caíram, ele percebeu que soltara o poder que a segurava contra a parede, e agora ela se agarrava a ele com tanta força que nem uma gota de suor podia ficar entre eles.

Maldição, isso foi bom.

— Sabe, — ela murmurou no pescoço dele, — você nunca me disse por que me rastreou na conferência e o que você queria que eu encontrasse para você.

Este provavelmente não era o momento de revelar sua mão, mas também não precisava blefar. — Deve ser algo no ar, — ele disse; se afastando apenas o suficiente para medir a resposta dela pela sua expressão, — Porque, na verdade, eu quero o que Shrike quer.

Ela se enrijeceu contra ele, e pânico brilhou nos olhos dela. — Não entendo.

— As gemas, — ele disse. — As duas Gemas de Enoch restante. Eu as quero, e acredito que você seja a chave.

CAPÍTULO 8

Tudo o que Jedda podia fazer era não entrar em erupção num ataque de pânico. E um ataque de pânico de elfo de gema era bagunçado. Uma espécie de explosão de pó de diamante sobre tudo ao redor dela, em uma nuvem maciça e sufocante. E essa merda ficava em toda parte e em tudo. A última vez que ela teve um ataque de pânico, as partículas abrasivas entupiram o filtro de ar do aspirador de pó e arranharam sua mesa de centro de vidro.

Lentamente, para não despertar suspeitas, baixou as pernas rígidas, permitindo que Razr escorregasse de seu corpo.

Ele ainda estava duro. Ele poderia voltar? Porque ela podia. De novo e de novo.

Maldição, esse foi o melhor sexo que tivera desde... Bem, sempre, a intensidade e a falta de delicadeza fez isso mais intoxicante. Seu domínio absoluto sobre ela, imobilizando-a para que ela estivesse impotente para fazer qualquer coisa, a não ser render-se ao toque dele, foi inesperado, excitante, e algo que seus parceiros humanos nunca fizeram.

Ela ainda estava um pouco tonta quando se afastou dele e pegou uma túnica de seda do armário. Verde, é claro.

— Olha, — ela disse, soando como se tivesse acordado depois de uma noite de festa e não dormiu o suficiente. — Não sei por que essas pedras de repente estão no radar, mas você me ouviu dizer ao Shrike que não posso encontrá-las. E mesmo se eu pudesse encontrá-las, eu teria que dar a ele ou a maldição de Lothar fará da minha vida um inferno.

Deuses, o que ela faria? Quebrar a maldição, se sequer fosse possível, compraria algum tempo para ela, mas dado que Shrike enviara um valentão para vigiá-la, ela pensou que não conseguiria muito mais tempo.

E sério, por que as pedras estavam em demanda depois de décadas de obscuridade? Tanto a sua pedra como a de Reina

estavam seguramente abrigadas na mais segura abóbada do universo, e não era como se os dhampires dessem passeios à instalação para as pessoas verem o que há lá dentro. Ela não podia sequer entrar, e era uma cliente.

Algo deve ter acontecido com sua irmã. Mas o que? Ela estava em apuros? Ela contou a alguém sobre as gemas?

Ela estava morta?

Uma dor de desespero se concentrou em seu estômago no pensamento, mas não, ela teria sentido sua irmã morrer, assim como sentiu quando Manda deu seu último suspiro. Mas ainda assim, algo pode estar terrivelmente errado.

Razr a observava, seu corpo densamente musculoso e ainda nu, a pele coberta por um brilho fino de suor, seu impressionante comprimento brilhando com sua excitação. Embora tivesse tido o orgasmo mais incrível de todos, ela ainda sentia um inchaço de desejo se expandir entre suas pernas, diminuído apenas pelo tema sóbrio à mão.

Dois anjos caídos queriam a única coisa que ela não podia desistir.

Razr esfregou uma mão sobre o rosto como se tentasse afastar o desapontamento em sua expressão. — Vamos descobrir algo. Shrike é um vagabundo confiante, e tenho fé que você pode apresentar pelo menos uma das gemas. — Ele gesticulou para o banheiro. — Me deixa usar seu chuveiro?

Aliviada por afastar isso, ainda que por apenas meia hora, ela acenou com a cabeça. — As toalhas estão no armário perto da pia, e há alguns frascos para viagem com escovas de dente e sabões na gaveta debaixo das toalhas. Há uma opção de vapor no chuveiro também – pode ajudar se suas costas ainda estiverem doendo. Não tenha pressa. — Esperançosamente ele demoraria, porque necessitava pensar em uma maneira de sair desta confusão. — Eu farei algo para comer, caso esteja com fome.

Seu sorriso travesso quase fez seus joelhos já trêmulos ameaçarem cair. — Estou morrendo de fome — ele disse com

voz baixa e rouca. — Esse pequeno gosto de você não foi suficiente.

Quando ele se virou para se afastar dela, a flexão dos músculos em seu traseiro e pernas a empurrou sobre a borda, afundando na cadeira de cabeceira para se recompor por um momento. Como podia estar tão atraída por alguém que mal conhecia, num momento em que sua vida estava em perigo?

Gemendo, ela enterrou o rosto em suas mãos. Que diabos ela fez? Em que dificuldade ela estava? Um anjo caído parecia inclinado a torturá-la até que ela lhe desse o que ele queria, e o outro parecia determinado a seduzi-la para dar-lhe o que ele queria.

Não que ela pudesse. Mas que maneira de ir.

Ela se encheu de autopiedade até ouvir a água cair e então foi até o banheiro dos convidados para se limpar e vestir uma camiseta e jeans azuis antes de verificar se o servo de Shrike ainda estava lá fora. Ele estava, mas ele era esperto o suficiente para ficar do outro lado da rua. As pessoas passavam por ele como se ele não estivesse lá, e ela imaginou que ele usava qualquer truque que fosse que alguns demônios usavam para se tornarem invisíveis ou imperceptíveis aos humanos.

Merda, ela estava ferrada.

Murmurando obscenidades em inglês e elvish, ela juntou uma versão rápida de sua receita favorita de shepherd's pie^[10] e pudins de Yorkshire. Embora Jedda tivesse crescido na França, sua mãe era fã de comida britânica, e Jedda gostava de recriar os pratos de sua mãe de vez em quando, ainda que tivesse que comê-los sozinha.

Às vezes, ela convidava seus empregados para jantar, seis seres humanos que ela considerava amigos, mas que não sabiam a verdade sobre ela. Mas, na maioria das vezes, quando cozinhava, ela o fazia para ela. Enquanto preparava a refeição, considerava suas opções. Precisava procurar o chifre de cristal que Shrike queria, com certeza. Mas claramente, ela não podia desistir da joia que se tornara parte de seu corpo e alma. Ela

não desistiria de sua irmã ou da pedra dela, tampouco.

No entanto, precisava encontrar Reina.

Enquanto a comida assava, enchendo seu apartamento com o cheiro saboroso e quente de carne, ela espiou pela janela novamente. Ooh, novo valentão. Mudança de turno, ela supôs.

— Algo interessante lá fora? — A voz grave de Razr vinda do corredor a fez estremecer.

— Não é interessante, — ela disse quando ele se aproximou dela, vestido com as roupas da noite passada. O macho definitivamente poderia preencher um terno. — Irritante. Shrike enviou um idiota para ficar de olho em mim.

Razr puxou a cortina para o lado com um rosnado. A ameaça se espalhou por ele, e por um momento ela pensou que ele atravessaria a janela. — Fique aqui.

Ela tentou detê-lo quando ele abriu a porta da frente. — Não, espere!

Ele não parou até estar nariz com nariz com o demônio do outro lado da rua. Ela não podia ouvir a conversa, mas podia vê-la se aquecendo, com Razr apoiando o cara contra um poste de luz. Alguns segundos depois, o demônio se afastou na direção do Harrowgate mais próximo.

— O que você disse para ele? — Ela perguntou quando Razr voltou.

— Eu o apresentei a alguns de meus amigos.

Ela franziu o cenho. — Que amigos? Não vi ninguém.

Foi a vez dele de franzir o cenho para ela. — Você não viu os *griminions*?

O temporizador do forno soou, e ela se dirigiu para a cozinha. — O que são *griminions*?

— Sério? — Seus passos pesados a seguiram. — Quero dizer, eu sei que nem todos os demônios sabem o que é um *griminion*, mas você nem os viu? Caras pequenos em mantos arrepiantes? Olhos incandescentes, garras como mãos... — ele estendeu a mão logo abaixo do nível da virilha... — nunca viu?

— Eu te disse, eu não sou um demônio. E não, eu não vi

nenhum *griminion*, e pela descrição deles, eu estou feliz por não ver. — Ela olhou para ele, perplexa. — Você disse que eles são seus amigos?

— Bem, não amigos, exatamente. Mais como colegas de trabalho. Estavam na área.

Ela estava prestes a perguntar qual era o trabalho dele e para quem Razr trabalhava quando o temporizador do forno se apagou novamente e o telefone tocou simultaneamente. — Você se importa de tirar a comida do forno enquanto pego o telefone? Vou demorar um pouco.

Era Sylvia, de sua loja, com uma pergunta sobre o preço de um par de pedras raras da Austrália. Até o momento em que Jedda relaxou e saiu do telefone, Razr já havia colocado a mesa.

— Isso parece incrível. — Ele disse enquanto se servia. Após provar, ele fez um som de êxtase que a fez se lembrar do que fizeram no quarto. — É maravilhoso.

— Não é nada especial. — Ela encolheu os ombros, exteriormente indiferente, mas por dentro, seu coração fez uma pequena dança feliz pelo elogio. — Você cozinha?

— Não. — Ele pegou um pudim de Yorkshire. — Quase sempre como comida de cafeteria.

Comida da cafeteria? Ela o estudou, percebendo que não sabia absolutamente nada sobre ele. Ela o trouxe para casa, cuidou dele, dormiu com ele, alimentou-o... E ele era um completo mistério.

Se este fosse um filme, seria uma divertida comédia romântica ou a montagem de um filme perseguidor. Ela engoliu em seco e levantou para buscar alguma coisa para beber, tomando nota das facas ao lado do fogão. Como se fossem de ajuda se ele decidisse cortá-la. As armas que usava em seu corpo faziam uma zombaria de suas pequenas facas de cozinha.

Sem mencionar que ele era um anjo caído, provavelmente capaz de derretê-la em suas meias.

Ela pegou duas garrafas de água cristalina da geladeira e sentou. — Então, por que você come um monte de comida de

cafeteria?

Razr aproveitou o momento para engolir um pedaço da torta enquanto desenroscava a tampa de sua garrafa da água. — Eu moro em uma espécie de campus. É uma área de treinamento para um tipo especial de anjo chamado Memitim. — Ela deve ter parecido tão confusa quanto se sentia, porque ele acrescentou: — Memitim são basicamente guardiões humanos terrestres. Eles têm que ganhar o seu caminho para o Céu.

— Oh. Bem, isso deve ser uma merda. Você... Você... Era um desses Memitim?

Ele balançou a cabeça. — Eu nasci no Céu, um anjo de pleno direito. Agora ajudo a treinar os Memitim.

Jedda se deu um momento para processar isso. Realmente nunca pensou muito no reino celestial, e certamente nunca lhe ocorreu que haveria mais do que um tipo de anjo, muito menos na Terra.

— Sabe, você não é o que eu esperaria de um anjo caído.

Ele fez uma pausa com a boca da garrafa de água perto dos lábios. — Sim? O que você esperava?

— Shrike. — Ela estendeu o guardanapo em seu colo. — Quero dizer, além de você, ele é o único anjo caído que eu já conheci. Ele é o que eu esperava. Você não parece tão... Danificado.

— Eu... Não sei como responder a isso. — Ele sorriu; seu charme provando seu ponto. — Sinto que preciso me defender e insistir que eu sou todos os tipos de danificado. — Ele inclinou a garrafa, e ela ficou hipnotizada pelo modo como a garganta dele funcionava com cada gole, sua pele flexível ondulando sobre os tendões. — Então, — ele disse após tomar a maior parte da água da garrafa, — você diz que é um elfo.

— Eu sou um elfo. — Ela enfiou o cabelo atrás de uma orelha pontiaguda para que ele não pudesse deixar de notar. Não deixou de perceber como ele mudara de assunto. Agora ela estava super curiosa sobre seus danos.

A boca dele se curvou em diversão. — Muitos demônios têm orelhas pontudas.

— Não sou um demônio. — Tão insultante. E quantas vezes ela precisava dizer isso para ele? Irritada, pegou a garrafa de água, mas, com a pressa, a derrubou, batendo-a no portaguardanapo de mármore. A garrafa quebrou, derramando água em toda parte. — Maldição. — Ela pegou um guardanapo, mas, mais uma vez, a pressa lhe custou, e ela cortou o braço em um pedaço de vidro quebrado.

Sangue espirrou sobre a mesa, e antes que pudesse limpá-lo, pequenas esmeraldas, citrino, e uma dúzia de outras pedras preciosas se formaram nos respingos de sangue.

— Isso é... Interessante, — Razr murmurou.

— Não é nada. — Ela passou a mão pela confusão e, instantaneamente, as gemas desapareceram na palma da mão. — Limparei tudo...

— Espere. — Ele agarrou seu pulso e puxou a mão dela para perto. — O que aconteceu? Gentilmente, ele pressionou um guardanapo contra a ferida, que já cicatrizava, mas também derramava mais duas gemas. — O que está acontecendo, Jedda?

Com seu tom delicado, suave, mas afiado, seu hálito queimou em sua garganta e seu sangue queimou em suas veias. Elfos de gema faziam tudo o que podiam para esconder esse segredo. Se as pessoas soubessem a verdade sobre eles, seriam caçados até a extinção, abatidos pela riqueza que carregavam dentro de seus corpos.

Jedda não conhecia Razr. Não confiava nele. E, no entanto, havia algo nele que a fazia querer confiar nele.

— Jedda? — Ele perguntou. — Você pode me dizer.

— Não, — ela murmurou. Ao redor dela, poeira de diamante se espalhava no ar, transformando a cozinha em um globo de neve de valor inestimável.

— Ok, então. — Com um pouco de tosse, Razr a libertou, segurando o guardanapo encharcado de sangue. Quando o

virou, duas safiras pingaram na mesa. — Eu vou te dizer o que eu acho que está acontecendo. Você, seu pó de diamante, e sangue de pedras preciosas; você está preocupada que eu vá pendurar você pelos pés e sangrá-la por elas. Estou certo?

Ele entendera. Filho da puta. Ela supôs que não havia mais razão para mentir, então olhou para a água cristalina enquanto *pingava, pingava, pingando* no chão. — Minha espécie... Nós não localizamos gemas inestimáveis apenas para vender. Usamos como combustível. Elas são do que nossos corpos são feitos. Nossos ossos, nossos músculos, nossos órgãos. Podemos senti-las. Não nos gabamos do nosso talento, mas é por isso que eu sou uma gemologista bem-sucedida.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Você precisa de diferentes tipos de gemas para sobreviver?

— Você fala se eu poderia viver, digamos, exclusivamente de rubis? — Ao assentir com a cabeça, ela balançou a cabeça. — Cada gema tem uma composição química e mineral diferente, e nosso corpo precisa de certos tipos de pedras para diferentes funções. Preciso de diamantes para chorar e para o revestimento protetor na minha pele, por exemplo.

Estendendo a mão, ele passou um dedo ao longo de seu biceps, deixando para trás um caloroso formigamento. — Revestimento protetor?

— Vê como eu brilho na luz certa? É pó de diamante. Quando estou em uma mina e meu corpo detecta gases mortais ou calor excessivo, ele absorve o pior e me deixa ir mais fundo e ficar mais tempo do que os seres humanos. Topázio me dá visão noturna. Fez um gesto para as grandes pedras preciosas que guardava ao redor do apartamento, muitas exibidas como obras de arte, algumas apenas enchendo tigelas de vidro, e outras à espera de serem limpas. — Todas elas liberam suas próprias vibrações únicas e vivificantes. Nós não as absorvemos todas, nós nos cercamos com elas também. Sua energia é nosso combustível.

Sentado em sua cadeira, ele pareceu contemplar o que ela

dissera a ele. — Sua energia é infinita? Ou você precisa substituir as gemas quando sua energia está esgotada?

Ela estendeu a mão e girou a peça central da mesa, um prato de cristal contendo uma mistura de gemas não cortadas, e assistiu as cores girarem em um borrão multicolorido. — As pedras que mantemos ao nosso redor fornecem energia infinita, mas suave. Para energia mais intensa e habilidades especiais, temos que absorver as gemas. As pequenas são drenadas dentro de alguns meses, e mesmo as maiores e mais poderosas podem ser esgotadas se não retornarmos ao nosso reino a cada década ou assim para recarregá-las. Podemos também atingir a capacidade.

— Capacidade?

Ela assentiu. — Estou tão cheia de hematita que não posso absorver outra, a não ser que eu quebre um osso e precise de mais para curar.

— Alguma coisa que você não possa ficar perto?

— Oh, sim. Algumas são tão poderosas que podem ter um efeito nocivo em nós, como uma droga que nunca desaparece. — Ela viu isso mais vezes do que queria admitir. — Claro, parte do que nos torna o que somos é que não podemos resistir a pedras preciosas como essas. Nós as queremos, mesmo sabendo que não devemos realmente usá-las. Essas nós armazenamos. Pelo menos, aqueles que não são loucos para usá-las, armazenam.

Houve uma pausa longa conforme ele olhava para ela com tanta intensidade que ela começou a se contorcer. — Você tem alguma assim?

— Várias. — Ela empurrou um pedaço de cenoura em seu prato, seu apetite arruinado pelo tóxico. — A maioria delas está lá porque estão infundidas com o mal, e não quero que eles saiam para o mundo. Quero dizer, você pode imaginar o que aconteceria se alguém como Shrike pegasse um lápis-lázuli que poderia transformar água em arsênico em grande escala? — Ela estremeceu.

— Você tem um lápis-lázuli que pode fazer isso? — Razr se levantou e se dirigiu para a cozinha.

— Tenho um monte de gemas que são até mesmo pior, — ela suspirou.

De maneira nenhuma ela deixaria qualquer uma delas ir, e pagara os dhampires o suficiente para manter as coisas eternamente guardadas. Especialmente ela não queria que elas caíssem nas mãos de duendes malvados. Os membros de sua espécie eram demasiado autodestrutivos quando se tornavam maus, como Jedda sabia muito bem. Nunca mais permitiria que uma joia maligna deixasse sua posse.

Razr pegou o lixo e começou a limpar o vidro quebrado, recusando-se quando ela se ofereceu para ajudar. — Ok, então você tem essa incrível afinidade com pedras preciosas. O que a faz pensar que não consegue encontrar as Gemas de Enoch? Parece que se alguém pode, é você.

— Não posso apenas desejar uma pedra em minha posse, — ela disse, porque era a verdade. — Para encontrar uma pedra encantada, ela tem que estar em uso. Essa é a única maneira dela enviar um sinal forte o suficiente. Mas mesmo assim, eu preciso estar em algum lugar perto.

Ele enxugou o último vidro quebrado com uma toalha de papel. — Quão perto?

Ela deu de ombros. — Uma vez, uma princesa demoníaca de Svetnalu, no norte do Vietnã, usava runas feitas de um animal de lava, e senti isso da Malásia. Mas isso é raro. Realmente raro.

Ela e suas irmãs sentiram as Gemas de Enoch em uso duas vezes mais longe, mas de maneira nenhuma ela compartilharia essa preciosa pepita de informação.

— Então você está dizendo que não tem ideia de onde qualquer uma das Gemas de Enoch está, e não sabe como encontrá-las.

Ela ficou intensamente e subitamente interessada em seu prato para que não tivesse que olhar para ele. — É isso que

estou dizendo, — ela murmurou.

Houve um longo silêncio, e ela sentiu a decepção rodando em uma onda tão forte que jurou experimentar também. Ela realmente se sentia mal por não poder dar o diamante para ele?

Finalmente, quando ele se sentou em frente a ela, ele quebrou o silêncio. — E se eu conseguir o chifre de cristal? Podemos tirar Shrike de suas costas com ele. Pelo menos comprar algum tempo extra, e eu a ajudarei a encontrar as Gemas de Enoch.

Ajudá-la? Não faria qualquer diferença. Ela não podia desistir de seu diamante. Mas o chifre do diabo de cristal? Ele falava sério? — E quanto ao chifre? Como você pode me ajudar a consegui-lo? Pensei que você não soubesse nem mesmo o que era?

— Após você e Shrike o despreverem, eu percebi que vi isto antes. — Ele juntou as sobrancelhas. — Acontece que eu sei quem é o dono de um.

Ela revirou os olhos. — Isso é quase impossível. Provavelmente uma réplica. Eu disse para você, de acordo com a lenda, há somente dois...

— E um deles acontece pertencer a meu chefe.

Ele realmente estava delirante. Mas ela jogou junto. — Ok, — ela disse. — Eu vou morder. Quem é seu chefe?

— Eu o chamo Azagoth, mas você provavelmente o conhece como o Grim Reaper.

Ela não sabia se deveria rir ou rir... Mais forte. Grim Reaper? Os demônios sempre chamavam a si mesmos de todos os tipos de merda louca. Ela conheceu uma dúzia de idiotas que juraram ser Lúcifer. E mais uma dúzia de pessoas que diziam ser Jack o Estripador. Hitler. Calígula. A lista continuava.

— Diga-me. Você prova que trabalha para o Grim Reaper, e provarei que sou um elfo. Feito.

— Feito. — Razr sorriu; aquele sorriso assassino que fez seus ovários apertarem. — Venha, Dobby^[11]. Vamos.

CAPÍTULO 9

Dobby? Jedda revisou sua opinião sobre Razr. Ele estava claramente quebrado.

Além disso? Sheoul-gra era super assustador.

Jedda passara a maior parte de sua vida no reino humano, com passeios ocasionais para os reinos elfos e demoníacos, mas a casa do Grim Reaper era, de longe, o lugar mais perturbador em que estivera. Razr explicou que era como um tanque de espera para as almas de demônios mortos e humanos maus, mas aparentemente havia duas seções distintas. Uma era para os vivos, e a outra, conhecida como o Inner Sanctum, era onde as almas eram mantidas, presidido por um anjo caído chamado Hades, mas não até que Azagoth checassem cada uma delas.

À primeira vista, ao materializar-se no portal de entrada, tudo parecia bastante normal. Uma paisagem verde e gramada estendeu-se longamente, interrompida por uma floresta à distância. Antigos edifícios de estilo grego formavam uma cidadezinha pontilhada por fontes e esculturas, todos emprestando uma vibração pacífica.

Mas uma vez dentro do maior dos edifícios, as coisas ficaram bizarras, estranhas, e um pouco assustador. Desde a sala repleta de estátuas torturadas e torcidas até o pequeno demônio demoníaco que Razr chamava de *griminions*, a casa de Azagoth a deixou apenas querendo voltar para sua casa.

— Por que eu posso ver os *griminions* aqui, mas não no reino humano? — Ela perguntou enquanto eles passavam de um lado para o outro, tagarelando em algum idioma que lembrava os esquilos que a repreendiam todas as manhãs na caminhada para o trabalho.

— Provavelmente é porque você é um elfo. Os humanos normalmente não podem vê-los.

— Oh, agora você acredita em mim?

Ele lançou um olhar enviesado para ela quando eles começaram a descer um corredor sombrio. — Está realmente começando a fazer sentido.

— Hmph. — Ela o cutucou nas costelas. — Eu te disse.

— Não fique arrogante, Keebler^[12], — ele a advertiu, mas seu tom era provocador e sua boca feita para o pecado estava curvada de malícia. — Você ainda não provou isso.

Macho teimoso. — Não se preocupe, eu vou. — Um zumbido sombrio e intenso vibrou através dela, vindo de uma sala à frente. Quando Razr parou diante dela, olhou com curiosidade para as portas de ferro. — O que está aqui dentro?

— Um monte de merda que Azagoth coletou de pessoas que lhe devem. — Razr acenou para um cara grande com um cabelo moicano azul na extremidade do corredor. — Ou pessoas que ele chantageou. Eu não sei. Em qualquer caso, é um museu de porcaria rara e valiosa.

Ela não podia dizer se ele estava brincando sobre a chantagem, mas realmente não se importava. Ela enfiou uma pedra preciosa no traseiro de um cara. Quem era ela para julgar?

— Como pedras encantadas? — Ela saltitou em excitação.

— Sim. — Ele sorriu. — Quer ver?

— Você realmente precisa perguntar?

O forte som de pés com botas ecoou pelo corredor quando Razr ia abrir a porta.

— Ei, Razr, espere. — O cara Moicano caminhava até eles; sem camisa, e suas calças mudando de cor deixavam Jedda tonta. Uma fêmea escultural, com o cabelo brilhante e avermelhado preso em um nó em cima da cabeça, andava um passo adiante dele com a autoridade de uma rainha. Ela tinha uma luz brilhante na escuridão que os cercava, seu vestido amarelo como o sol e na altura dos joelhos, seus chinelos combinando batiam contra seus calcanhares.

— O que houve? — Razr perguntou.

— Azagoth quer vê-lo na biblioteca. Lilliana cuidará de sua

fêmea.

— Não sou a mulher dele, — disse Jedda, esperando não soar tão nervosa quanto se sentia. — Nós somos... Parceiros de negócios. — Ela estendeu a mão. — Eu sou Jedda Brighton.

O moicano olhou para a mão dela. A fêmea o atacou e segurou a mão de Jedda. — Eu sou Lilliana. Azagoth é meu marido. — Ela levantou o polegar para o cara Moicano. — Esse é Hades. Às vezes esquece as maneiras básicas.

— Não preciso delas onde moro.

Razr bufou. — Não acredite nele. A companheira dele o mantém na linha.

— Pfft. — Hades acenou com a mão em negação. — Ela sabe quem governa o poleiro.

Lilliana riu. — Cat governa.

Os ombros de Hades caíram. — Sim. — De repente, ele sorriu e balançou as sobrancelhas. — Mas ela faz sexo comigo, então está tudo bem.

Se alguém tivesse dito a Jedda que um dia ela estaria na frente de Hades, ela teria dado a eles o mesmo procedimento corretivo que dera a Tom, pau de uísque. O pensamento a fez perceber que poderia ter uma bebida, e na verdade, não era nem sequer uma fã de álcool.

— Vamos lá, idiota. — Hades deu um tapinha no ombro de Razr e começou a descer o corredor, deixando-a sozinha com uma completa estranha. Em um lugar estranho. Cheio de coisas estranhas.

Ela começaria a soltar pó de diamante a qualquer momento.

— Não se preocupe, Jedda, — Razr falou sobre seu ombro. Seu olhar infeliz sobre ela, assegurando-lhe com um olhar que ele falava sério. — Você está a salvo aqui. Eu prometo.

Era louca se acreditasse nele? Alguém que acabou de conhecer? Provavelmente, mas nunca encontrara alguém cuja energia sincronizasse tão bem com a dela. Era como se ele estivesse de algum modo alcançando dentro dela e segurando a

essência de sua pedra vital, fluindo diretamente do diamante Enoch, para a palma dele. O amor era assim? Ela estava tão louca para pensar que poderia acreditar nele?

— Gostaria de um passeio? — Lilliana perguntou, felizmente interrompendo os pensamentos insanos de Jedda. — Os meninos podem demorar um pouco. Razr nos encontrará quando terminar.

Jedda concordou, não tendo mais nada a fazer. Além disso, estava curiosa. Esta era uma oportunidade única na vida, e poderia até descobrir algumas gemas novas no material que compunham esse reino misterioso.

O passeio provou ser fascinante. Lilliana e ela caminharam por florestas cheias de animais do reino humano, e elas assistiram dezenas de anjos de Memitim treinar e jogar esportes de equipe. Aparentemente, os esportes de equipe eram ideia de Razr para desenvolver suas habilidades de trabalho em equipe. Lilliana disse que houve muitas queixas e até brigas no início, mas agora os Memitim, que eram, incrivelmente, todos os filhos de Azagoth, estavam melhorando.

Jedda chegou até a conhecer alguns anjos não caídos, que era um conceito estranho e feio. Aparentemente, anjos caídos precisavam entrar no Sheoul para completar sua queda e torná-los verdadeiros anjos caídos, e essas pessoas escolheram o santuário do reino de Azagoth para ficarem seguros. Viviam com medo de serem arrastados à força para o Inferno, o que destruiria qualquer possibilidade de redenção. Jedda estremeceu quando Lilliana e ela voltaram para o edifício principal.

— Você está bem? — Lilliana perguntou, andando atrás de Jedda para conduzi-la pelas portas da frente.

— Estou bem. Acho que simplesmente não percebi o que Razr está passando. Ele deve estar aterrorizado por não ser capaz de voltar ao Céu.

— Bem, — Lilliana disse ironicamente, — O céu não é tudo isso que diz ser.

Jedda pensou em Becky, uma de suas empregadas dedicadas à igreja. — Conheço alguns humanos que ficariam muito aborrecidos ao ouvir isso.

Lilliana riu. — Os seres humanos se dão muito bem no céu. Para anjos... É tudo trabalho e política. — Ela virou um corredor estreito. — Você está com fome? Pedi a Suzanne um chá e biscoitos.

Como se fosse um sinal, o estômago de Jedda roncou. — Meu favorito.

Lilliana a levou a uma pequena, mas elegante sala de jantar, onde uma mesa com os refrescos prometidos foi preparada. Uma mulher morena, alta, vestindo jeans e uma camiseta preta entrou de uma porta em arco carregando uma bandeja de sanduíches.

— Está tudo pronto, — disse a fêmea, colocando a bandeja sobre a mesa. — Sei que você não pediu os sanduíches, mas eu gosto de fazer.

— Suzanne gosta de tornar a comida ainda menor, — explicou Lilliana, uma nota de afeição em sua voz. — Quando é sua semana de serviço na cozinha, tudo o que comemos é em miniatura.

Suzanne apertou um punho no quadril. — Se é o tamanho da mordida...

— É o tamanho certo, — Lilliana terminou com um revirar de olhos.

— Muito engraçado, — murmurou Suzanne. — Agora, se você não se importa, eu vou verificar o meu humano.

Jedda sentou. — Seu humano?

Lilliana serviu chá em duas delicadas xícaras de ouro em forma de crânios humanos. Sheoul-gra era a mistura mais estranha e desconcertante de normal e horrível.

— Lembra quando eu disse que os Memitim estavam encarregados de proteger seres humanos chamados *primori*? — Lilliana perguntou.

Jedda assentiu, lembrando-se de Lilliana dizendo que

primori eram humanos, e às vezes demônios, que de alguma forma eram importantes para o tecido da existência.

— Bem, — continuou Lilliana, — Suzanne acabou de receber seu primeiro *primori*. Estamos muito orgulhosos.

Sorrindo, Suzanne estendeu o pulso, revelando uma marca pequena e redonda. — Este é um *heraldi*. Representa a vida dele. Se queimar, ele está em apuros. Ele está bem agora, mas eu ainda deveria verificá-lo.

Lilliana se inclinou para perto de Jedda e disse em um sussurro conspiratório: — Suzanne está apaixonada.

— Eu não. — As bochechas de Suzanne ardiam, traindo-a. — Mas ele deve morrer. Ele só precisa descarregar o desprezível necrocrotch que está com ele.

O sorriso de Lilliana vacilou um pouco. — Não se envolva, Suz. Você sabe melhor.

— Eu sei, eu sei. — Suzanne deu um aceno divertido, seguindo em direção à porta, provavelmente ansiosa para evitar um sermão. — Sexo com os humanos é ruim. Mas vamos, me dê algum crédito para necrocrotch.

— Necrocrotch? — Um macho loiro mastigando de um saco de batatas fritas saiu da cozinha com outro macho de cabelo longo, dois tons mais escuro, balançado frouxamente em torno de seus ombros. Ambos estavam vestidos de couro, seus peitos, cintura e quadris repletos de armas. — Doce. Estou pedindo isso emprestado.

Lilliana gesticulou para os dois machos. — O bocudo é o irmão e mentor de Suzanne, Hawkyn. O aspirante a Fabio^[13] é Cipher. Ele é Unfallen.

— Eu os chamo de Aliança Ímpia, — Suzanne disse afetuosamente.

Cipher franziu o cenho. — Quem é Fabio?

— Ele é um modelo de capa da... — Lilliana a cortou quando Cipher inchou como um galo.

— Modelo de capa? Foda-se, sim, eu poderia fazer isso.

Hawkyn deu um soco no ombro do seu amigo, e eles

discutiam alegremente enquanto saíram, deixando Jedda se maravilhar com o momento de normalidade neste lugar incrivelmente bizarro. Ela nunca teria imaginado que as pessoas que viviam em um purgatório do submundo poderiam ser tão... Bem, felizes.

— Estou saindo daqui também, — disse Suzanne. — Meu *primori* está esperando.

— Apenas tenha cuidado, — Lilliana gritou, mas tudo que conseguiu por seu esforço foi um dedo médio levantado quando Suzanne desapareceu ao virar a esquina.

— Suzanne parece um nome estranho para um anjo, — refletiu Jedda, olhando para o Memitim.

— Memitim são criados por seres humanos, então eles geralmente têm nomes humanos comuns, representativos do período de tempo e região em que foram criados. Suzanne é relativamente jovem.

— Uau. — Jedda balançou a cabeça enquanto mexia o mel em seu chá. — Algum dos Memitim é seu filho?

Mesmo antes que a pergunta estivesse totalmente fora de sua boca, ela se chutou por perguntar. Lilliana explicara que havia dezenas de mães Memitim, mas Jedda acabara pensando que Lilliana poderia ser uma delas. Ou não. De qualquer maneira, poderia ser um assunto delicado.

Felizmente, Lilliana não pareceu se incomodar com a pergunta. — Azagoth e eu ainda não temos filhos. — Ela deixou cair um cubo de açúcar em seu chá. — Este é o nosso momento e estamos gostando.

Uau. Jedda não passara muito tempo perto de demônios ou no reino dos demônios, mas a maior parte do que experimentara quando se tratava de demônios era puro caos. Essas pessoas eram focadas, inteligentes e genuínas. Pegando um sanduíche, ela balançou a cabeça, espantada.

A boca de Lilliana se curvou. — O que foi? Você parece surpresa com alguma coisa.

— É só que eu esperava que o reino do Grim Reaper

fosse... Bem, não isso.

— Você esperava tortura, sofrimento e um monte de coisas assustadoras.

Bingo. — Eu não queria dizer isso em voz alta, mas sim.

A outra mulher soprou vapor da superfície de seu chá. — Isso é como costumava ser. Quando cheguei aqui, de fato. — Ela tomou um gole e então colocou o copo sobre o pires. — Todos estão satisfeitos agora, mas não se engane, este é um reino infernal. Aqui é onde as almas demoníacas e as almas dos humanos malignos são armazenadas. E meu companheiro pode ser tão mau quanto qualquer coisa que você viu.

Jedda engoliu seu sanduíche de pepino em um gole doloroso. — Posso te perguntar uma coisa? Algo pessoal?

Lilliana encolheu os ombros. — Vá em frente.

— Em nossa caminhada, você disse que viveu no Céu e chegou à hora de viajar para ganhar a vida. Desistiu disso para estar com Azagoth. Você nunca se ressentiu dele? Nem um pouco?

— Nunca. — A ferocidade na voz de Lilliana deixou bem claro que ela falava sério. — Quero dizer, eu fico com raiva dele porque ele pode ser um grande idiota às vezes, mas eu sabia no que estava me metendo. Eu o faço feliz, e ele me faz tão feliz. Eu sacrificaria qualquer coisa para manter isso assim.

Barulhos do lado de fora do corredor atraíram a atenção de Jedda. Hades caminhava em sua direção com um corpo sangrento em seus braços, e demorou um segundo para perceber quem era. Quando o fez, o seu coração deslizou para uma dolorosa parada.

— Razr. — Terror saltou em seu peito enquanto pulava e corria para o corredor. Seu pé escorregou em sangue e ela quase caiu, mas se segurou espetacularmente na parede pouco antes de cair. — O que aconteceu?

Lilliana agarrou seu braço por trás e a puxou ao redor, impedindo-a de prosseguir. — O castigo dele. A marca dele deve ter brilhado durante seu encontro com Azagoth.

— Eu odeio isso, — gritou Jedda. A adrenalina percorreu seu corpo como um bilhão de minúsculos diamantes sem cortes que abrasavam todos os nervos e a faziam tremer de raiva e desamparo. Ela sabia que a condição de Razr não era culpa de Lilliana. Não era culpa de ninguém que vive aqui. Mas isso era doente e torcido, e que tipo de trabalho de merda inventou tal crueldade de qualquer maneira? — É besteira; e maldição, eu quero ajudá-lo. Agora, merda!

Lilliana inclinou a cabeça como se soubesse exatamente o que Jedda estava passando. Nem fazia sentido. Jedda não conhecia bem a Razr. Mas não podia lutar contra isso, aquilo que a fazia desejar e querer cuidar dele. Cuidar dele quando ele não conseguia fazer isso sozinho. Ela nunca foi uma cuidadora, mas também era uma solitária, não precisava de ninguém além de si mesma para sobreviver, ou até mesmo, para companhia.

Mas Razr desafiara tudo o que já sabia sobre si mesma. Tudo o que ela já foi.

— Por favor, — disse Jedda com mais calma. — Leve-me até ele.

Lilliana não discutiu. Em questão de minutos, Jedda estava dentro do pequeno apartamento de Razr, no que Lilliana chamara de – dormitório de instrutores – cuidando dele do mesmo jeito que fez em sua própria casa. Além de alguns assobios e gemidos enquanto limpava suas feridas, ele estava calado... Mas acordado. Seus olhos, entorpecidos pela dor, encontravam os dela de vez em quando, e cada vez, ela precisou piscar as lágrimas.

Ele finalmente desmaiou, e ela subiu na cama ao lado dele, perguntando-se aonde eles iam daqui.



Jedda acordou com a pressão de uma ereção muito

impressionante contra seu quadril. Sorrindo, ela se esticou, deixando seu corpo escorregar contra Razr enquanto ele a cutucava por trás.

— Você está acordada? — Ele sussurrou em seu cabelo. Ela estremeceu com a sensação da respiração quente soprando em sua nuca como uma carícia lenta.

Em resposta, ela estendeu a mão e a deslizou entre seus corpos para agarrar o pênis dele. Ele ofegou, arqueando em sua palma. Ele estava tão quente, tão duro, aço e cetim e uma gota de umidade de seda. Suavemente, ela deslizou seu aperto da cabeça larga para a base grossa e voltou a subir, deixando seus dedos memorizar cada parte, cada cume, cada plano liso. Cada golpe o fazia girar seus quadris enquanto ele acariciava seu pescoço e deixava cair o braço em volta dela para cobrir seu peito.

Oh, sim. Foi isso que ela sentiu falta quando eles fizeram sexo no outro dia. Não que estivesse se queixando, mas ser capaz de tocar, de brincar... A decadência do que fez todo o seu corpo liquefazer com desejo.

Ele beliscou seu mamilo e o enrolou entre seu polegar e indicador, torcendo-o até estar tão sensível que parecia estar diretamente ligado ao seu núcleo. Um orgasmo pairava entre suas coxas e mal começaram.

— Jedda... — sua voz estava tão torturada, tão... masculina, e ela ficou completamente molhada.

Virando, ela olhou por cima do ombro dele, e no brilho da luz noturna do banheiro ele era incrível. Paixão e fome crua espreitavam em seus olhos meio fechados, seus lábios cheios se separavam em respirações ofegantes, e ela de repente queria essa boca em seu corpo. Provando-a. Lambendo-a. Beijando-a. Não importava.

Como se pudesse ler sua mente, ele estendeu a mão e segurando seu queixo, inclinou seu rosto para o dele. Quando ele capturou sua boca, ele a virou para que estivessem juntos; as costas dela contra o peito dele, a ereção dele embalada na

costura de seu traseiro, e a outra mão brincando entre suas pernas. Ele era áspero com ela, como antes em seu quarto, a língua dele empurrando em sua boca, e o dedo empurrando em seu núcleo.

Seu corpo se sacudiu violentamente, perseguindo o que só ele poderia lhe dar.

— Não sei por que eu te quero tanto, — ele murmurou enquanto deixava a boca dela para beijar um caminho ardente em seu pescoço. — Você é tão... Malditamente... Linda. Toda vez que olho para você, quero estar dentro de você.

Agora ela imaginava o que ele pensava sempre que olhava para ela, e amou isso. Meio enlouquecida por suas palavras, inclinou sua pélvis para dar melhor acesso a ele e gritou quando sua outra mão se juntou à primeira, uma fodendo-a com os dedos, a outra beliscando seu clitóris.

— Você está tão molhada, — ele murmurou. — Você vai me encharcar quando gozar...

O prazer a rasgou, e ela gozou em uma explosão que a pegou de surpresa e a lançou fora de sua mente sempre amorosa. Ela mal percebeu quando ele a inclinou com urgência, e entrou em um empurrão poderoso e dominante que bateu a cabeceira na parede.

Ela retornou antes que ele estivesse totalmente plantado dentro dela, suas paredes pulsando em torno dele, agarrando-o.

Ele empurrou seus quadris nela, xingando, gritando, os dedos dele marcando seus quadris.

Contraindo contra ele, ela implorou por mais, exigiu mais, e ele deu a ela. Levantando os quadris para que seus joelhos saíssem do colchão e limitasse seu controle, ele entrou nela com potentes empurrões, empurrando-a para a cabeceira da cama com cada batida de suas coxas contra a dela. Pressão construiu conforme cada golpe selvagem de fricção a reduzia a uma massa trêmula de necessidade.

Ela gritou para o travesseiro quando o ardor da liberação a rasgou novamente. Os gritos primitivos dele se juntaram aos

dela, e seus jatos quentes a encheram enquanto seu fôlego a deixava.

Quando ela desabou sobre o colchão, com ele em cima dela, tudo o que poderia pensar era que ele era tão perfeito, raro e especial como um diamante perfeitamente cortado, impecável. O melhor amigo de uma garota, com certeza.

Quantas garotas o consideravam um diamante impecável?

Não que isso importasse, supôs, mas mesmo assim, o pensamento poderia ter sido um banho frio.

— Ei. — Ele trocou seu peso, rolando para o lado dele, mas mantendo uma mão em suas costas, massageando suavemente. — Você está bem?

Como ele sabia? — Sim. — Ela sorriu e se virou. — Apenas me perguntando o que estamos fazendo. — Seu rosto esquentou enquanto olhava para o corpo dele, fabulosamente nu. — Quero dizer, além do óbvio.

Com um suspiro pesado, ele caiu de costas e olhou para as vigas de madeira no teto. — Não sei. Não esperava estar tão... Apaixonado por você.

— Apaixonado? — Ela sorriu, aceitando o elogio. Mas algo sobre o modo como ele disse não *esperar* se apaixonar por ela a deixou inquieta. Talvez não fosse nada. Mas o que ele esperava? E por que ele tinha alguma expectativa de um estranho?

— Apaixonado, — ele concordou, mas não parecia muito feliz com isso, deixando-a com mais dúvidas ainda. — É estranho porque eu só precisava de uma coisa de você... E não era isso. — Ele se virou para ela, encarando-a com tanta intensidade que lhe roubou a respiração. — Você cuidou de mim quando não precisava. Você me protegeu de Shrike quando não precisava. Até me alimentou e confiou em mim para trazê-la aqui. Por quê?

— Não sei, — ela admitiu. — Geralmente eu evito o seu tipo, mas estava apenas... Atraída por você, eu acho. — Além disso, se quisesse sair da maldição da festa de jantar de Shrike, ela precisava de ajuda, e Razr a ofereceu. É preciso reconhecer

que talvez só fosse porque ele queria que ela *encontrasse* as duas Gemas de Enoch restante, mas ainda assim. Ela não tinha outros aliados neste momento, uma das desvantagens de ter apenas amigos humanos.

— Meu tipo?

— De outro mundo, — explicou. — Demônios, metamorfos, anjos, anjos caídos.

Ele nivelou um olhar de, *você está brincando*. — Ah, eu odeio dizer isso para você, mas você é de outro mundo também.

— Os elfos não se consideram parte de seu mundo. Identificamo-nos mais com seres humanos. Na verdade, muitos de nós vivem no mundo humano do que no élfico.

— Por quê?

Suavemente, de algum lugar lá fora, ela ouviu um assobio e alguém gritou: — Falta! — Os Memitim jogando algum tipo de esporte, ela adivinhou.

— O reino dos elfos é meio... Irreal. É como viver em um sonho medieval. — Ela reconsiderou isso. — Bem, um limpo e alegre sonho medieval.

Razr ofegou em fingido horror. — Parece terrível. Posso ver por que vocês preferem viver no reino humano.

Ela riu, desfrutando deste tempo exploratório com ele. Era fácil falar com ele, algo que ela nunca foi capaz de fazer com seus amantes humanos. — Qual sua comida favorita?

— O que isso tem a ver com a vida em... O quê? Terra-Média^[14]? Shannara^[15]? Não sei... Pandora^[16]?

Dividida entre aborrecimento e diversão, ela se contentou em balançar a cabeça, exasperada. — Apenas me diga a sua comida favorita. Talvez uma sobremesa. Além disso, Pandora não tem nenhum elfo.

— Os Na'vi^[17] têm orelhas pontudas, — ele respondeu com um sorriso brincalhão que puxou seu coração. — E torta de caramelo salgada.

Isso soava saboroso. — Bem, imagine que sua dieta consistisse apenas em torta salgada de caramelo. É isso aí.

Todo dia. E imagine não ter nada para fazer, senão procurar pedras preciosas. Tudo ao seu redor é perfeito e brilhante e as pessoas raramente discutem. — Na maior parte, os elfos estão apenas de férias em seu reino ou vivem como os snowbirds americanos, povos que passam o verão em um estado do norte e inverno em um do sul. — É bom visitar e recarregar, mas a paz é tediosa, e de um modo, viver no caos do mundo humano é mais gratificante.

A expressão dele ficou contemplativa. Talvez um pouco triste, e ela queria abraçá-lo.

— Eu entendo isso, — ele disse suavemente. — O céu é assim. As pessoas dizem – anjos são impetuosos – mas para qualquer tipo de desafio real ou entretenimento, você precisa sair de lá. — Ele sorriu, e seu coração puxou novamente, mais forte. Ela adorava o lado brincalhão dele. — É por isso que conheço Pandora, Dobby e Shannara. Os seres humanos podem ser criaturas inferiores, mas cara, eles sabem contar uma história. — Estendendo a mão, ele passou um dedo pela concha de sua orelha, e ela estremeceu de prazer. — O que você diz para eles sobre suas orelhas de Spock^[18]?

— Nada. O conhecimento seletivo deles torna-os cegos à nossa fisiologia, a menos que a indiquemos ou já estejam familiarizados com o outro mundo.

— Então... Você namora humanos? — Ele fez soar como se perguntasse se ela namorava besouros de estrume.

— Desde que eu vivo no reino humano, os seres humanos tendem a constituir a maioria da piscina de namoro. — Embora tivesse namorado um lobisomem uma vez. Só uma vez. Eles eram malditamente mal-humorados.

— Então isso é um sim. — Havia uma nota subjacente do que – Ciúme, talvez? – na voz dele, e tanto a lisonjeava quanto irritava. — Você está namorando alguém agora?

O aborrecimento virou raiva, e ela se sentou. — Eu não estaria aqui se eu estivesse, e se isso te incomoda, talvez você devesse ter perguntado antes de foder-me pela primeira vez. —

Ela começou a colocar as pernas para fora da cama, mas ele capturou seu pulso e a segurou.

— Espere. Você está certa. É que eu não esperava que isso acontecesse. Pensei em te encontrar, conseguir as pedras dentro de poucas horas, e voltar para o Céu.

Ela sentiu como se tivesse sido chutada no estômago. — Voltar ao céu? Tão cedo? Um Unfallen não precisa salvar o planeta ou realizar algum grande ato heroico ou algo assim? — Lilliana foi bastante clara sobre isso. Não era fácil voltar ao Céu, e segundo ela, apenas uns poucos Unfallen voltaram.

Ele se encolheu. Um ínfimo movimento de seus músculos faciais, mas estava lá. — Eu não sou Unfallen. — Sua voz era áspera, como se ele precisasse forçar as palavras para fora, e uma sensação de desconforto apertou seu peito. Para onde isso estava indo? — Fui expulso do céu e colocado no serviço de Azagoth, mas posso ganhar meu caminho de volta para o Céu se completar minha missão. Posso acabar com a tortura do *glifo Azdai* e jogar fora aquele maldito chicote que eu carrego. Preciso apenas das Gemas de Enoch para fazer isso, e só você pode me ajudar.

Foi a vez dela se encolher. Ela não podia ajudá-lo. Era impossível. — Certamente há outra maneira de você ganhar o seu caminho de volta para o Céu, — ela disse desesperadamente. — Posso te ajudar com qualquer outra coisa. Qualquer coisa. Dê-me um nome.

— Tem que ser as Gemas de Enoch. — Sua voz era tão áspera como o chão de um poço de mina. — Uma delas, pelo menos. O diamante do gelo. Eu preciso dele.

— Por quê? — Imediatamente após perguntar, a tensão em seu peito tornou-se excruciante, e percebeu que não queria saber.

Sombras escuras flutuavam nos olhos dele enquanto ele levantava a mão. O anel no dedo dele, aquele que ela antes acreditava parecer ser um diamante negro, agora brilhava com uma familiar luz azul-prateada. O que ele disse na casa dela

quando ela perguntou a ele o que ele fizera para ser expulso do Céu voltaram como um grito em seu cérebro.

Eu era parte de uma equipe de elite que matava demônios. Nós nos descuidamos um dia, e nosso descuido custou vidas e propriedades.

Oh, deuses. Ah não. Oh, por favor, não.

Mas nenhuma quantidade de súplica ou negação mudou o que, no fundo, ela sabia ser a verdade.

— Porque as perdemos, é por isso que minhas asas foram amarradas e meus poderes foram tirados. É por isso que eu preciso ser açoitado até quase a morte e por que fui expulso do Céu. — Ele falou com os dentes cerrados, sua voz cheia de emoção. — Essa pedra preciosa é minha, e a quero de volta.

Razr tinha fodido. Grande momento.

Oh, ele não se arrependeu de dizer a Jedda que a pedra que queria que ela *achasse* era dele. Ela cooperando para ter isso ou não. O que ele lamentava era ter deixado isso ficar pessoal. Ele ficou muito próximo dela, e o louco era que nem sabia como isso aconteceu. Ou quando.

Tudo o que sabia era que quando ela começara a falar sobre o namoro com os humanos, de repente ele queria encontrar cada um dos antigos amantes dela e derrubá-los enquanto ainda era considerado o suficiente de um anjo caído para escapar disso.

E agora seus sentimentos fariam merda de verdade, fodidamente estranho se ela não admitisse o envio de sua Gema de Enoch para a Escócia para custódia.

Após deixar a verdade cair sobre ela como uma bomba de duas toneladas, ele deixou que ela processasse as notícias. Enquanto tomava banho sozinho, disse a si mesmo que não dera a ela nem um segundo para responder por que precisava se limpar. Mas a verdade era que ele não queria que ela mentisse para ele. Ele daria tempo para ela fazer a coisa certa sozinha.

Por favor, faça a coisa certa.

Seu peito se apertou enquanto pensava no que aconteceria se ela entregasse a pedra. Ele voltaria para o Céu, e ela... Bem, ela estaria presa na Terra, namorando homens humanos inferiores e vasculhando o planeta buscando pedras valiosas para idiotas malvados como Shrike.

Shrike. Merda. Razr teria que fazer alguma coisa a respeito desse idiota. O plano original era apaziguar o cara com o chifre de cristal, o qual Azagoth concordara em desistir sob uma condição: que mesmo após Razr ser restaurado como Razriel, ele continuaria treinando os Memitim duas vezes por mês.

Pelo próximo século. E após o fim do século de trabalho, ele queria o chifre de cristal de volta.

Não, Azagoth não dá nada de graça ou pela bondade de seu coração negro. O Grim Reaper colocava um preço em tudo, e sempre conseguia o melhor do negócio.

Após tomar banho, Razr cedeu o banheiro para Jedda, intencionalmente mantendo a conversa limitada para que não tivessem que discutir suas Gemas de Enoch. Ainda. Enquanto ela tomava banho, ele vestiu as únicas roupas além de seus mantos de saco que tinha; um Levis desbotado, camiseta preta lisa, jaqueta de couro e as botas pretas que usara na Escócia. Ele não precisava de muito, já que raramente deixava Sheoul-gra, afinal.

Jedda saiu do banheiro com a roupa que usara ontem: calça jeans preta, camisa de jade desbotada e botas de couro. Seu cabelo molhado e solto em uma cascata de prata-azul-acinzentado em suas costas, alguns fios se curvando em seu queixo e ruborizando suas bochechas. Suas orelhas delicadamente pontudas espriaram para fora da cortina de cabelo, e se não tivesse visto o elfo nela antes, ele viu agora.

Era realmente verdade? Na biblioteca, ontem à noite, antes que seu *glifo* *Azdai* exigisse as chicotadas, ele perguntou a Azagoth e Hades se eles estavam cientes da existência de elfos. Hades zombou da noção, mas Azagoth foi menos céptico.

— Ouvi histórias do reino deles, — disse Azagoth, — Supostamente compartilhado por fadas, também. Mas se eles existem, suas mortes não são governadas pela lei demoníaca.

— Quer dizer que você nunca teve uma alma elfa atravessando o Sheoul-gra, — Razr refletiu; decepcionado com a resposta de Azagoth. Esperava que o anjo caído, que parecia saber tudo, tivesse alguma noção da história de Jedda.

Azagoth confirmou o fato de que nunca viu uma alma elfa... E então rapidamente o açoitou fortemente.

Razr não podia esperar para terminar essa merda.

— E agora? — Jedda mudou de peso com um nervosismo

pouco característico quando terminou de amarrar suas botas. Deveria estar se perguntando o que dizer a ele sobre o diamante. Ela poderia até se perguntar se ele sabia que estava com ela.

— Agora pegamos o chifre de cristal e comemos. Podemos planejar nosso próximo passo durante o café da manhã. — Esperançosamente, seu próximo passo seria dizer para ele que ela tinha a gema dele, mas uma coisa de cada vez.

Ela ofereceu um sorriso frágil. — Parece bom. — Ela olhou para o armário e depois para ele. — Por que seu armário está cheio de mantos? É o seu uniforme aqui em baixo?

Ele ficou tão tenso que até o cérebro parou por um segundo. Ele nunca contou a ninguém sobre eles. Nem mesmo a Azagoth.

No apartamento de Jedda, ela mencionou que ele não parecia ferido, mas esses mantos... Esses, eles eram os ferimentos dele. Não, ele não estava quebrado e amargo como tantos anjos caídos, mas carregava cicatrizes e remorso como todo mundo, e às vezes, autoflagelação era mais eficaz do que qualquer outra coisa poderia fazer para ele.

— Razr? — Ela se aproximou, até que ele podia cheirar o sabão perfumado de pinho que ela usou em seu chuveiro. — O que é isso? Você pode me dizer.

— Posso? — Ele se levantou, erguendo-se sobre ela em um movimento destinado a não intimidar, mas a fazer uma impressão. — Se eu te disser, você promete me dar uma resposta direta quando chegar a hora?

Ela piscou, confusa e presa numa armadilha. Se dissesse que não, admitiria que houvesse algo a esconder. Se dissesse que sim, seria obrigada a dizer a verdade, não importa o que ele pedisse.

— Eu... Ah... Claro.

Abriu a porta do apartamento e a conduziu para fora. Sua voz estava mortificadamente rouca quando falou. — Os mantos não são um uniforme. Escolhi usá-los porque são abrasivos e

dolorosos nas minhas costas quando estão sensíveis depois dos flagelos, e constantemente me lembram do por que estou aqui.

Às vezes, quando a culpa dele era muito intensa, ele realmente daria uma chicotada ou duas, apenas para sentir mais dor. Mas esse segredinho vergonhoso era dele e somente dele.

Ele sentiu os olhos dela sobre ele conforme saíam do dormitório e atravessavam o gramado até a mansão de Azagoth.

— Estar aqui já não o lembra?

— Não é suficiente, — ele retrucou; anos de arrependimento e raiva derramando em suas palavras. — Pessoas morreram porque minha equipe e eu perdemos armas valiosas na luta contra demônios. — Ele desceu a escada maciça, seus pés em botas soando alto no ar parado. — Se não recuperarmos o meu diamante, a granada e a pulseira correspondente, ficaremos muito mais fracos na Batalha Final. Pior, se essas pedras caírem em mãos erradas, elas poderiam ser usadas para o mal. Quando entraram no edifício, ele olhou para Jedda, que parecia um pouco verde. Agora ela realmente parecia um elfo.

— Sinto muito. — A voz dela estava áspera e seus olhos assombrados, e ele se perguntou o que ela estava pensando. O que estava sentindo. Culpa, talvez?

Inalando profundamente, ele se acalmou, forçando o passado para trás. Por agora.

Fez uma pausa na frente da sala que estavam prestes a entrar ontem, antes que Hades o convocasse para a biblioteca de Azagoth. — Você vai adorar aqui.

— Eu sei. — As sombras ainda flutuavam nos olhos dela, mas sua pele havia iluminado com excitação, brilhando fracamente na luz das arandelas nas paredes. — Já posso sentir o poder emanando de pelo menos uma dúzia de pedras preciosas.

Ele abriu a porta e ela não esperou. Ela era praticamente um borrão, correndo pela sala, parando na frente de várias

vitruines e stands. Algumas coisas ela tocou, algumas evitou, e ao ver o chifre de cristal ela sorriu e se afastou, murmurando algo sobre cristal de quartzo e criptonita. Ela o lembrou de um delicado beija-flor, voando de tesouro a tesouro, e quando finalmente parou perto de um brilhante rubi do tamanho de seu punho, ele se juntou a ela.

— Este praticamente vibra com poder, — sussurrou. — É tão ruim, mas tão... Tentador.

Ele se lembrou do que ela disse sobre algumas pedras que agiam como drogas para sua espécie, e se perguntou se ela estava caindo sob o feitiço inebriante do rubi.

— Essa, — disse, olhando a pedra preciosa por cima do ombro dela, — foi dada a Azagoth pelo próprio Lúcifer.

Ela se afastou com um silvo. — Satanás?

Ele estava perto o suficiente para sentir seu calor e cheirar seu perfume natural e picante sob o pinho artificial de seu sabão, e seu pênis se endureceu novamente. Não que pudesse fazer algo sobre isso aqui, na sala de pilhagem de Azagoth. Desrespeitar o Grim Reaper desembarcava você na sala de estátua como um trabalho vivo de arte grotesca.

— Satanás e Lúcifer são duas pessoas diferentes, — ele disse. — Lúcifer está morto, mas alguns dizem que seu espírito vive nessa pedra. — Não era verdade, — Azagoth saberia se fosse esse o caso. Mas era difícil matar rumores assim.

E às vezes, você não queria matá-los. Você queria incentivá-los.

— Há tanta maldade nessa. — Jedda estremeceu e se moveu para o topázio azul ligeiramente menor ao lado do rubi. — Esse também. Minha irmã Manda teria adorado. — Ela se virou para ele, sua expressão perturbada, seus olhos cristalinos mais vítreos que o habitual. — Não deixe Azagoth trocar estes, ou vendê-los, ou entregá-los. Eles são perigosos. Ela engoliu em seco. — Muito perigoso.

— Não tenho muita influência sobre ele, mas direi a ele o que você disse.

Ela assentiu distraidamente e seguiu para a próxima joia, uma tanzanita do tamanho de uma uva, e brilhando no topo de sua base de veludo preto. Fechando os olhos, ela passou o dedo pela superfície brilhante. — Esta é incrivelmente poderosa. Cheia de energia neutra. Tanto que um elfo poderia absorvê-lo, mas a pedra em si teria que ser guardada.

Ele olhou para ela, confuso. — Espera. Quando você absorve pedras preciosas, elas não desaparecem em seu corpo?

— Idealmente, sim. — Enquanto falava, ela olhou para a tanzanita, seus longos cílios lançando sombras em seu rosto. Ela estava hipnotizada pela joia, mas ele estava hipnotizado pelo que ela dizia, sem saber se gostava de onde isso poderia estar vindo. — Mas algumas pedras são muito grandes ou muito fortes para serem totalmente contidas em nossos corpos. Podemos absorver suas propriedades, mas a própria pedra deve ser guardada em algum lugar seguro.

Ele congelou quando as implicações do que ela acabara de dizer afundaram. Se ela tivesse absorvido sua Gema de Enoch, ela poderia estar perdida para ele. — Em algum lugar seguro, — repetiu, quase entorpecido. — Como um cofre de dhampire protegido por Guardiões?

— Exatamente, — ela disse com um aceno de cabeça, e gelo se formou em seu peito. — As pedras precisam ser protegidas, porque se caírem em mãos erradas, isso poderia nos destruir. — Seu olhar voou como se ela sentisse seu humor, e ela colocou uma mão apreensiva em seu braço. O toque dela era suave, a voz preocupada, mas não estava preparado para nada disso. Ele se afastou. Ela o seguiu. — Razr? O que está errado?

— O que há de errado? — Ele murmurou. — O que está errado? Eu vi o diamante de Enoch na Escócia. Meu diamante. E acho que posso não recuperá-lo.

— O quê? — A cabeça dela foi para trás, como se ele tivesse dado uma bofetada nela, choque escrito em todo o rosto. Mas logo atrás veio a raiva, vindo rápida e quente. — Espere. —

Ela avançou sobre ele, dedo apontado como uma arma. — Você sabia o tempo todo que ela estava comigo? Você mentiu para mim o tempo todo? Por que a charada?

— Porque eu não te conhecia, — ele disse. — Não sabia o que você fazia com as gemas. E era muito importante para foder. Pensei que você apenas a guardava, mas... Você absorveu, não é? — Era parte dela. Ele sabia disso. Era por isso que no castelo de Shrike seu anel se conectara a ela como se estivesse ligado a Wi-Fi.

O silêncio se esticou, a sala ficou tão silenciosa que Razr ouviu seu próprio batimento cardíaco batendo em seus ouvidos. Jedda deu um passo atrás, e ele sentiu o medo no ar. Droga, ele não queria que fosse assim. E ainda tinha perguntas. Muitos delas.

— Jedda?

— Sim, — ela sussurrou. — É... — ela engoliu em seco e deu outro passo para trás, seu olhar fixo no chão. — É a minha pedra vital.

— Pedra vital? — Ele não gostou do som disso. Soava... Permanente. — O que?

Ela correu para o lado, indo em direção à porta. Ele estendendo a mente, trancou-a.

— É a minha vida. É o bloco de construção no qual todas as outras pedras se sentam. Somente minha morte a liberará. — Uma nuvem de poeira de diamante se formou em volta dela, brilhando nas luzes acima, cobrindo os artefatos mais próximos.

Porra. Isto apenas continuava piorando. — Você pode substituí-la? Obviamente você sobreviveu antes de encontrá-la, certo?

Não estava frio aqui, mas ela estremeceu e abraçou a si mesma. E ainda avançava em direção à porta. Ele odiava que ela tivesse tanto medo dele, mas inferno, se alguém quisesse a única coisa que o mantinha vivo, ele estaria um pouco nervoso também.

— Um substituto para a Gema de Enoch não seria fácil. Teria que ser uma pedra pelo menos tão poderosa quanto o Diamante do Gelo. — Ela gesticulou para as gemas de Azagoth. — Nem mesmo essas serviriam. Bem, talvez o rubi de Lúcifer, mas isso me transformaria em um ser tão malévolo que teriam que me destruir. — Ela engoliu em seco tão forte que o som ecoou ao redor. — E mesmo se eu achasse uma gema que funcionasse, remover a energia da Gema de Enoch de mim seria perigoso. Eu teria que ser sangrada e mutilada quase ao ponto da morte. Eu sinto muito, — ela sussurrou.

Ele amaldiçoou, longo e forte. — Então, o que você está dizendo é que se eu quiser minha pedra, você precisa ser torturada ou morta.

Seu olhar encontrou o dele, e mais poeira se espalhou por ela. — Sim. — Ela murmurou.

Porra. Ele não podia matá-la. Isso simplesmente não era uma opção. Mas mataria a *porra* daquele que roubou a coisa e a entregou a ela.

— Onde a conseguiu? Quando ela não respondeu, sentiu os primeiros estímulos de inquietação. — Jedda, — ele perguntou novamente, — Onde você conseguiu a pedra?

— Não, — ela implorou. — Por favor...

Oh, merda. *Não*. Filho da puta, não podia ser. Inquietação se transformou bruscamente em temor, a mesma sensação que sentiu ao sentir que havia algo errado com os guardiões das gemas, mas ainda não as tinha encontrado.

— Nós tínhamos um acordo, — ele disse. — Eu falo sobre meus mantos, você me diz o que eu quero saber. — Esse não era exatamente o negócio, mas duvidava que ela apontasse o equívoco disso. Agora não. Mas desejava que ela o fizesse. Ele queria desesperadamente que ela tivesse uma razão sólida para não lhe dizer o que mais temia, que ela havia roubado as gemas primeiro.

Isso fazia sentido. As gemas estavam em uso no momento, uma transformando em cinzas todos os demônios em um raio

de milhas, uma curando todos os anjos feridos dentro de um raio de dez milhas, e uma criando uma barreira através da qual nenhum demônio poderia passar para alcançar os seres humanos que estavam no centro de um círculo de cinquenta metros com as gemas. Ele, Darlah e Ebel estavam à milhas de distância, usando o poder da gema aparelhada para um efeito devastador em hordas de demônios que avançavam. Nunca foi capaz de descobrir quando os demônios quebraram a barreira, mas agora ele sabia.

Demônios não quebraram. Um elfo sim.

Jedda começou a caminhar em direção a porta novamente, mas desta vez ele não se sentiu mal com o medo dela. Alguma parte vingativa dele o recebeu, e qualquer vergonha que sentia por isso foi abafada pelas memórias dos guardas gritando.

— Diga! — Jedda saltou.

— Eu... Minhas irmãs e eu... Encontramos as gemas. Em uma caverna...

— Mentira! — A óbvia mentira quebrou seu último fio tênue de controle e a agarrou com força pela garganta, apoiando-a contra uma vitrine cheia de armas da Grande Guerra Demoníaca de Talas. — Você os roubou. Você matou os humanos que os seguravam e as roubou.

— Não! — Agarrando em seu braço enquanto ele segurava a garganta dela, ela sacudiu a cabeça descontroladamente. — Só o humano. Minha irmã a matou. Minha outra irmã e eu, nós roubamos as pedras dos outros dois humanos e corremos. Eles estavam vivos quando nós os deixamos.

Fúria e mágoa borraram sua visão, então ele ficou bem em seu rosto. — Eles morreram logo depois, — ele rosnoou. — As vidas deles estavam ligadas às gemas e a nós. Quando as gemas foram roubadas, eles morreram. Lentamente. Seus órgãos dissolvidos e seus ossos quebrados, e desmoronaram em si mesmos. Demorou horas.

Ele tremeu com a força de sua raiva e o horror das memórias. O humano ligado à gema de Razr, um jovem

chamado Nabebe, foi escolhido por Razr, resgatado da morte certa como um bebê abandonado nas ruas do século XVIII, em Bagdá. Razr o criou, treinou e deu a vida eterna para ele, enquanto estivesse na posse da gema. A voz de Razr quebrou enquanto dizia a Jedda exatamente o que aconteceu com o menino que ele havia considerado um filho.

— Nabebe gritou até sua garganta ficar crua e se afogou em seu próprio sangue, e não pude *parar aquilo*. — Tudo o que Razr conseguiu fazer foi segurar o menino e jurar infligir o mesmo castigo aos responsáveis.

— Oh, deuses, — ela resmungou. — Sinto muito. Eu não sabia. Presumi que somente os elfos se ligavam com gemas. Quero dizer, os humanos são... Humanos. Ela parou de lutar contra ele, as lágrimas brotando em seus olhos, mas isso não o moveu de jeito nenhum. — Foi há muito tempo...

— E isso faz com que tudo fique bem? — Ele perguntou; incrédulo.

— Não, apenas escute. Nós... Minhas irmãs e eu... As coisas eram diferentes naquela época. — Ela estendeu a mão, tentando retirar os dedos de sua garganta novamente. Ele afrouxou seu aperto, mas agora queria mantê-la onde ela estava, onde podia sentir a batida de seu coração na palma da mão. — O alinhamento moral dos elfos da gema vem das gemas que absorvemos. Gemas do reino humano são, na maior parte, neutras, e as gemas do reino demônio geralmente são contaminadas pelo mal. Depois há pedras encantadas. A pedra mais poderosa que absorvemos se torna a nossa pedra vital, aquela que morreremos sem. Ela também determina o nosso alinhamento. Ela engoliu e lambeu os lábios, como se precisasse de tempo para reunir suas palavras. E respiração. — Veja, quando os elfos da gema nascem, os pais têm pérolas por perto, prontas para infundir nos bebês no momento de nascimento.

Ele soltou seu aperto um pouco mais, e ela relaxou um pouco, o rubor aquecendo suas bochechas a deixaram

manchadas. — Gemas neutras?

— Nem sempre. Obviamente, os alinhamentos dos pais desempenham um papel, mas o mesmo acontece com o fator irmão. — Ela limpou a garganta. — Agora, você quer ouvir o resto? Porque é mais fácil falar quando alguém não está ameaçando me matar.

Isso provavelmente era verdade.

— Não vou a lugar nenhum, — ela jurou. — Para onde eu iria? Não sei como sair deste lugar.

Isso também provavelmente era verdade. Além disso, a porta estava trancada.

Ele ainda não gostava de lidar com mulheres. E gostando ou não, queria desesperadamente acreditar que ela não havia matado ninguém de propósito. O que era uma droga, porque jurou vingar Nabebe. Ele prometeu matar os ladrões, recuperar as pedras e colocar o mundo no lugar novamente.

Maldição, ele a soltou e recuou, sua raiva recuando o suficiente para que estivesse envergonhado de ver as marcas vermelhas que seus dedos deixaram em seu pescoço pálido.

— Obrigada. — Ela estendeu a mão e distraidamente esfregou a garganta. — Então, como eu dizia, elfos de gema são supercompetitivos. Uma vez que todos nós precisamos de pedras para sobreviver, podemos ficar muito energéticos perto delas. Membros de família são conhecidos por se matarem mutuamente por um único e pequeno rubi. — Ela hesitou nisso, e ele se perguntou se havia uma história por trás disso. — Quando minhas irmãs e eu nascemos, meus pais esperavam nos impedir de lutar por pedras, então eles nos deram uma pedra vital encantada com alinhamentos únicos. A de Manda era má, a de Reina era neutra, e a minha era boa.

— Ele franziu o cenho. — Por que seus pais alinhariam sua irmã recém-nascida com o mal?

Seu olhar se dirigiu para o rubi de Lúcifer, como se procurasse sua contribuição. — O bem e o mal são subjetivos, não são? — Ela sorriu escassamente. — Em meu reino, todas

as gemas e alinhamentos são tornados neutros. Aqueles que absorveram gemas malignas podem viver no reino dos elfos e ter vidas normais. É o que se espera daqueles cujas pedras vitais são más. Simplesmente nem sempre funciona assim. — Um tremor entrou em sua voz. — Isso não aconteceu com a Manda.

Tão estranho quanto isso soou para Razr, ele achou que não tinha muito espaço para julgar, dado que algumas tradições angélicas eram tão insensíveis e brutais. Ele esfregou a mão sobre sua mandíbula, tentando juntar todas essas informações novas.

— Ok, então eu a necessito para os irmãos não brigarem, mas como esses alinhamentos os impedirão de lutar por mais, digamos, um não encantado anel de diamante de casamento de uma senhora?

— Pedras preciosas não encantadas são comuns, assim não há realmente nenhuma de concorrência, exceto por tipos raros, como Taaffeite. Mas quando se trata de gemas encantadas, o alinhamento de nossa pedra vital nos faz desejar gemas do mesmo, ou similar, alinhamento. Cada pedra contrária ao nosso alinhamento desloca como nós sentimos, como nós agimos, e pode até mesmo entrar em conflito com nossa pedra vital, nos deixando doente.

Interessante. E bizarro. — Você pode mudar seu alinhamento?

— Sim. Mas só se substituirmos a pedra vital, o que fazemos algumas vezes em nossas vidas, à medida que encontramos pedras mais poderosas. Mas como a maioria das gemas menores que reunimos tendem a corresponder ao alinhamento de nossa pedra vital, se você mudar o alinhamento de sua pedra vital, todas as gemas do antigo alinhamento entrarão em conflito com ela. — Ela olhou para o rubi de Lúcifer. — Ir de neutro para o bem ou para o mal não é tão arriscado, e mesmo passar do bem ou do mal ao neutro nem sempre é um desastre, mas você realmente não quer mudar do

mal para o bem ou vice-versa. — Estendendo a mão, ela enrolou uma longa mecha de cabelo ao redor de seu dedo. — Nossa pedra vital também controla nossos cabelos e cor dos olhos.

— Bem, merda, — Razr respirou, sem saber para onde ir a partir daqui. Ele não havia exatamente planejado esse cenário. Especialmente não planejava se envolver fisicamente com uma das pessoas que jurara esquartejar horivelmente. E era extremamente inconveniente. — Então suas irmãs tinham as outras duas pedras? — Com seu assentimento relutante, ele amaldiçoou. — Uma foi encontrada. Ebel é ametista.

— Ela fechou os olhos e soltou um longo suspiro. — Manda tinha essa. Não sei como ele nos localizou, mas ele fez. Nós éramos jovens e ingênuas, e foi antes de aprendermos a guardar as gemas em um lugar seguro.

Ela fez uma pausa, e ele sabia que tudo o que ela estava prestes a dizer mexeria com tudo o que ele sempre acreditou: que Ebel fizera o que era necessário, e tudo o que ele fez era justificado. Mas agora que Razr deixou Jedda entrar em sua vida, suas visões não eram mais pretas e brancas. Eram agora um milhão de tonalidades de tons de pedras preciosas.

— O que aconteceu, Jedda? — Seus olhos azul-gelo liquefizeram, como água na superfície glacial derretida. — Ele nos torturou, matou a Manda, e pegou a gema de volta. Reina e eu quase não escapamos.

Raiva irracional se ergueu ao saber que Ebel havia torturado Jedda. Não importava que ele planejasse fazer praticamente a mesma coisa. E foi o que tornou a raiva tão irracional. Bem, isso e o fato de que Ebel estava morto, então a raiva de Razr era inútil.

Inspirando profundamente, ele amaldiçoou o nome de Ebel e reorientou sua linha de interrogatório. — Você disse que o alinhamento de Manda era mau. As gemas de Enoch são boas. Então como ela conseguiu absorver o poder da pedra sem que mudasse?

— Isso a mudou, — ela insistiu. — Mas não tanto quanto deveria. Eu não sei por quê. As gemas, — ela olhou para algum lugar além de si, em algum lugar em sua mente que ele não poderia seguir. — Elas não são tão boas como você pensa.

Isso não fazia nenhum sentido. — Elas foram infundidas com sangue de anjo, — ele argumentou.

Ela deu de ombros. — Eu não me importo se elas foram infundidas com o sangue de todos os arcanjos e Enoch. Estou dizendo, a energia dela é como nada que qualquer um de nós já sentiu, nada como senti desde então. É quase como se seus ciclos de frequência estivessem em super alta velocidade através de todos os alinhamentos. Assumimos que elas eram neutras, mas elas são tudo, menos neutras.

Ele não sabia no que acreditar, mas agora, supôs que não importava. Eles ainda precisavam lidar com um louco anjo caído, e então ele precisava descobrir o que fazer quanto a sua própria situação. Uma coisa estava clara: ele não voltaria ao Céu em breve.

E por que isso não o incomodava tanto quanto deveria?

— Razr? — A voz de Jedda era pequena. Tremendo. — É... Você vai me matar?

Foda-se. O fato de precisar perguntar o deixou tremendo fortemente, tanto por dentro quanto por fora. — Não, — ele disse, alcançando-a.

Com um pequeno suspiro, ela se encolheu para longe dele, e ele não podia culpá-la. Momentos atrás, ele gritava. Ele envolveu os dedos em sua delicada garganta. Ele a aterrorizou.

Envergonhado, ele abriu os braços para ela novamente, lentamente, deixando-a vir até ele. Levou um longo tempo. Demasiado longo. Mas finalmente ela se acomodou em seu abraço, e nada nunca valeu tanto a pena esperar.

Ele a envolveu, seu coração quebrando quando ela soluçou em seu peito. — Vamos descobrir algo, — ele jurou. — Vamos consertar isso.

Como, ele não tinha ideia; e se ela acreditasse nele, ele

merecia um Oscar.

Ela assentiu, e então se afastou dele repentinamente. Alarmado, instintivamente olhou ao redor procurando o inimigo, mas ela estava, na verdade, sorrindo, mesmo quando uma minúscula lágrima de diamante caiu no chão de obsidiana.

— Tenho uma ideia. Quero dizer, eu não sei o quanto isso ajudará, mas não pode machucar. Algo aconteceu recentemente para colocar as Gemas de Enoch em jogo, certo? Quero dizer, foi por isso que conseguiu me encontrar na Escócia. E é por isso que Shrike me convidou para aquela fodida festa de jantar.

— Sim, — ele disse lentamente. — Também me perguntei o porquê disso.

Então vamos pegar o chifre de cristal e ir.

— Onde?

Ela sorriu. — Onde mais? Terra-Média.

Razr podia dizer que Jedda ainda estava abalada quando se materializaram no reino élfico, que ela disse ser conhecido por seu povo como *Filneshara*, A Terra Eterna. Talvez estar aqui, em casa, fosse bom para ela, aliviaria seus nervos e os ajudaria a encontrar algumas respostas.

Isso era, naturalmente, supondo que pudessem encontrar a irmã dela.

— Isso é um truque bem legal, — ele disse, enquanto a turmalina que ela convocara para viajar entre os hotspots elfos e a Terra Eterna desaparecia em sua palma.

— Turmalina é a única pedra que nos permite viajar até aqui. Nós só podemos possuir uma de cada vez, e não pode ser mais pesada do que cinquenta e cinco grama. Mais do que isso pode nos jogar no espaço morto, do qual não podemos voltar.

— Isso soa meio horrível. — Ele verificou seu ambiente, decepcionado por poderem estar em qualquer lugar no reino terrestre. Eles estavam no topo de uma colina gramada rodeada por floresta e prados, que era pitoresca e colorida, mas nada de especial.

— Provavelmente é horrível, — ela disse. — Ninguém voltou para descrever a experiência.

Ele franziu o cenho para ela. — Então como você sabe que existe?

Ela apontou para uma lagoa aninhada no vale de mais colinas verdejantes à distância. Sua superfície espelhada refletia a luz do sol de cima e flores brilhantes e coloridas nos prados, sem uma única ondulação estragando a imagem.

— Nós podemos vê-los refletidos, às vezes. Ninguém vai lá, exceto crianças olhando para se assustar. — Ela balançou a cabeça. — É como quando crianças humanas brincam de Bloody Mary com um espelho do banheiro. Só que isso é real.

— Você as viu?

Ela tremeu e começou a descer o caminho de terra em direção às árvores. — Minhas irmãs e eu fomos ao lago quando éramos meninas. Nós vimos três... Eu acho que você poderia chamá-los de aparições. — Ela engoliu em seco. — Não consigo imaginar ficar presa assim, agarrando a superfície e esperando que alguém o salve.

Er, sim. O castigo de Razr não parecia tão ruim agora.

Uma brisa cheirosa de lavanda correu através das árvores quando eles entraram em uma floresta da selva, diferente de tudo que Razr já viu, e quanto mais eles avançavam na floresta, mais ele percebeu que estava errado sobre este reino. As árvores balançavam com o vento perfumado, os galhos cheios com folhas prateadas, as quais espalhavam brilho com cada rajada de ar. Estava limpo aqui, sem indícios de industrialização. Sem poluição, sem produtos químicos, sem sujeira artificial.

Enquanto caminhavam, as árvores ficaram mais altas e mais ornamentadas, e Jedda deu uma risadinha quando ele tropeçou por parar atordoado. Cogumelos iluminados espalhados pelo chão da floresta, como pequenas lâmpadas de néon de todas as cores imagináveis. Minúsculas criaturas aladas se fecharam entre eles, saltando antes de se lançarem para cima em pulverizações de faíscas. E aqui, nessa floresta, as árvores cresciam ao redor de pedras preciosas de todas as formas e tamanhos, seus troncos como arte em fios^[19].

— Isso... É extraordinário.

— Sim, — ela suspirou. — Isto é.

— Essas pedras preciosas fornecem energia?

Ela assentiu e continuou pelo caminho. — Elas alimentam tudo aqui. Cada árvore cresce ao redor de uma gema, e cada gema cresce maior com a árvore. No centro da minha cidade há um carvalho crescendo ao redor de uma esmeralda do tamanho de um elefante. — Ela apontou para frente, onde a floresta se separou para revelar uma aldeia de prédios formados de árvores

vivas e videiras grossas, e lá, no centro, Estava o elefante esmeralda.

Ele não conseguia parar de encarar com admiração enquanto ela o conduzia pela aldeia que se movimentava com atividade, de pessoas vendendo produtos de panificação ou cuidando de jardins a um ferreiro colocando uma pedra preciosa em cada arma que criava.

— São pedras encantadas, — disse Jedda enquanto passavam. — Suas armas são vendidas por uma bala de menta em outros reinos elfos e Sheoul.

— Existem outros reinos de elfos?

Ela inclinou a cabeça em saudação a uma mulher de cabelos azuis que passou por eles com uma cesta de maçãs. — Há dois, ambos conectados a este. Os elfos desses reinos não são permitidos em *Filneshara*, exceto para o comércio.

— Por que não?

Ela encolheu os ombros. — Eles são meio idiotas.

Cara, ele realmente precisava aprender mais sobre elfos.

De algum lugar acima, um pássaro chiou, mas o dossel era tão espesso que poderia ter sido um pterodátilo e ele não teria sido capaz de identificá-lo. Ninguém mais olhou para cima, então ele assumiu que não era um predador, mas a maneira como os habitantes da aldeia olhavam para ele disse que ele poderia ser.

— Suponho que você não tem muitos visitantes aqui. Esse cara de cabelo laranja parece querer colocar a espada entre as minhas costelas.

— Os únicos de outros mundos que vêm aqui são convidados de elfos. — Ela acelerou, caminhando rapidamente para o que parecia ser uma apresentação de gema na extremidade da aldeia. — As pessoas aqui não têm medo, apenas são cautelosas. Eles sabem que você não tem poder aqui.

Não tenho? Instintivamente, ele alcançou as fracas habilidades que foram deixadas nele, mas era como se sentir

dentro de uma caixa vazia. Droga, ele não gostava disso. Por mais patéticos que fossem seus poderes remanescentes, seriam pelo menos acessíveis. Agora ele se sentia nu. Exposto. Nem mesmo o reino demoníaco era tão desconcertante.

— Só elfos exercem magia aqui.

Os poderes angélicos não eram *mágicos*, mas ele sabia o que ela queria dizer. E ele realmente, realmente precisava aprender mais sobre essas pessoas e este reino. Não podia acreditar que não soubesse que existia. Algum anjo sabia disso?

— Jedda! — Um macho esbelto com cabelo e os olhos cor de rosa claro acenou de um estande que exibia pedras preciosas em cada tom de verde. — Tenho um jade recém minado e uma malaquita amaldiçoada que eu sei que você adoraria. Ele mexeu as sobrancelhas, mas ela apenas riu e acenou para ele.

— Hoje não, Tindol, mas obrigada.

Outro elfo tentou vender uma safira em forma de banana para ela, e outro estava convencido de que ela adoraria uma feia pedra verde ligada a uma lenda viking.

— Estou apenas curioso, — disse Razr enquanto passavam por mais um vendedor eloquente. — Por que vocês têm um mercado de joias quando poderiam apenas colher as pedras preciosas que crescem com as árvores?

— Deuses, não, — Jedda ofegou, olhando ao redor como se certificando de que ninguém o ouvia. — Esse é um dos piores crimes que você pode cometer aqui. Ninguém consegue escapar disso. Ninguém.

Uma das criaturas aladas que ele viu na floresta balançou sua orelha, e ele gentilmente acenou a distância. — O que acontece com aqueles que tentam?

— Morte por enforcamento.

Ele piscou. — Eu pensei que você disse que era pacífico aqui.

— Aqui é. Não somos nós que fazemos o enforcamento. —

Ela baixou a voz e se inclinou. — São as árvores.

Ele olhou para a floresta com uma nova apreciação. — Isso é muito ruim.

— Se você acha que as árvores são malvadas, espere até ver... — ela parou e tropeçou até parar, e ele instantaneamente ficou em alerta.

Demorou apenas um segundo para seguir o olhar dela e ver o que a assustara. Logo à frente, uma mulher de cabelos vermelhos, de olhos vermelhos vestida com calças de couro marrom e uma túnica dourada, bloqueou seu caminho. Uma espada com um brilhante pomo de rubi pendurava no seu quadril, mas eram os punhais no olhar para Jedda que fez Razr se colocar entre as duas fêmeas.

— Diga que não é sua irmã.

— Não posso fazer isso, — Jedda disse; sua voz tensa. — Razr, conheça Reina.



— Olá, Jedda.

Razr estendeu seus braços para segurar Jedda pela cintura antes que ela percebesse que suas pernas tremiam. Uma onda de emoção a inundou, porque ninguém estivera lá para segurá-la há muito tempo. O apoio dele significava ainda mais para ela dado que tudo caíra tão fortemente sobre ela em Sheoul-gra. Não podia acreditar que ainda estava viva. Inferno, ela não podia acreditar que ainda estava viva e que Razr a perdoara.

E agora ela compartilhava seu reino com ele, algo que nunca compartilhou com ninguém. Apenas esperava que a experiência não desse uma reviravolta.

— Reina. — Jedda não sabia o que pensar ou sentir, mas era um alívio vê-la. Ela parecia a mesma da última vez que a vira, com lustrosos cabelos granados e olhos granados que

exigiam lentes de contato coloridas para visitas ao reino humano.

— Senti sua chegada, — disse Reina, com os lábios franzidos de aborrecimento. — Você não vem aqui há anos.

— Eu não precisava vir. — Jedda queria abraçar sua irmã, mas Reina nunca se sentira confortável com afeição física e, de qualquer maneira, Jedda não sabia onde seu relacionamento estava. — Você esteve aqui todo esse tempo?

Reina balançou a mão com desdém, mas não antes de Jedda captar um brilho de medo em sua expressão, tão rápido que poderia ter imaginado. — Sempre gostei daqui.

Jedda deu a sua irmã um olhar cético. — Você odeia o reino dos elfos.

Com um encolher de ombros, Reina se virou para Razr, seu olhar avaliador um pouco muito apreciativo para o gosto de Jedda. — Quem é?

Não teria um jeito fácil de apresentar Razr e explicar quem ele era, então Jedda apenas deixou escapar e deixou Reina classificá-lo em sua própria cabeça. — O nome dele é Razriel, e ele é um dos anjos de quem roubamos as Gemas de Enoch.

Levou cerca de cinco segundos para isso afundar, e então Reina ofegou e deu um passo atrás, seu rosto perdendo a cor. — Certamente não...

— É verdade. — Razr ergueu a mão e mostrou o dedo anular.

Reina perdeu mais cor, e uma enorme nuvem de poeira de diamante explodiu em torno dela. Através da nuvem cintilante, um brilho carmesim esboçou o corpo de Reina, um fato de que ela estava usando os poderes de suas gemas para usar como arma. E aqui na Terra Eterna, os elfos eram duas vezes mais fortes do que em qualquer outro reino.

— Reina, você precisa se acalmar...

— Por que o trouxe aqui? — Reina rodeou Jedda. — *Otaehryn herwenys es miradithas?* — Que diabos você estava pensando? — *Cluhurach!* — Idiota!

— Ele não tem poder aqui, Reina. — Jedda manteve sua voz calma, tentando convencer sua irmã. — Você sabe disso. — Como ela havia dito a Razr, apenas elfos tinham poder em *Filneshara*, mas isso não trouxe de volta nenhuma cor para o rosto de Reina. Ela ainda olhou para ele como se ele fosse feri-la.

— Por que ele está aqui? — Ela exigiu novamente, com um grito que fez com que todos que estavam perto das cabanas olhassem.

— Porque nós temos perguntas. — Ela se moveu lentamente em direção a sua irmã, colocando-se casualmente entre Reina e Razr. — As Gemas de Enoch estão repentinamente em jogo, e precisamos saber por quê. Algo aconteceu com você recentemente? Algo que explicaria o fato de que dois anjos caídos querem-nas quando ninguém nos incomodou desde... desde Manda?

— Não recentemente, — Reina disse, sua voz baixa, como se Razr não pudesse ouvir. — Bem, na maior parte.

— Droga, Reina, apenas me diga. O que aconteceu desde a última vez que a vi?

Reina alisou nervosamente as mãos sobre a túnica dourada com cinto, usada na tradição élfica sobre calças de couro. — Não quero falar na frente de... — ela olhou para Razr. — *Ele*.

Razr rosnou, e antes que Jedda pudesse piscar, Reina se apoiou contra uma árvore. Ele não a tocou. Não precisava. Sua raiva e dimensão obteve facilmente seu ponto de vista.

— Quando você roubou de mim e da minha equipe, você causou danos irreparáveis e morte. Eu perdooei a Jedda, mas você? — Ele mostrou os dentes para ela. — Não te conheço, e não dou a mínima para o que você quer. Você vai responder as perguntas dela, e o fará na minha frente.

— Nós devemos isso a ele, — disse Jedda suavemente, mas com urgência. — Nós devemos a ele, pelo menos isso.

Reina deslizou ao redor de Razr e se afastou alguns

metros, torcendo-se como um gato zangado. — Mas você não vai gostar.

Razr dobrou os braços sobre o peito e se inclinou casualmente contra a árvore em que acabara de apoiá-la. Seu quadril atingiu o brilhante topázio amarelo no centro do tronco, e se afastou casualmente, provavelmente se lembrando do que as árvores faziam para aqueles que tentaram roubar as joias.

— Já imagino isso, — ele disse. — Comece a falar.

— Comece a falar, *por favor*, — Reina o repreendeu com tanto sarcasmo quanto ela poderia encaixar em três palavras e em sua voz. Ela fez um som de nojo e se virou para Jedda. — Logo após te ver pela última vez, um anjo chamado Darlah me encontrou.

— Darlah. — Razr ficou rígido como a árvore atrás dele. — A granada Enoch é dela.

— Sim, não, merda, — Reina retrucou. — Eu estava saindo com um casal de Charnel Apostles, e...

— Um casal? — Jedda balançou a cabeça. Um Charnel Apostle era inacreditável. Mas dois? Esses feiticeiros não eram apenas malignos, eram mal de nível nuclear. — Por quê? — Antes da brisa floral sequer levar sua pergunta, ela sabia. Charnel Apostles poderiam criar gemas cheias de magia poderosa, pedras preciosas com vida limitada. Basicamente, elas eram como drogas, proporcionando um impulso intenso de energia, força ou poder mágico para qualquer elfo da gema que os ingerisse. Além disso, eles eram aparentemente deuses na cama. — Deixa pra lá. Então o que aconteceu?

— Esta garota, Darlah, me encontrou de alguma forma. Mas eu estava com meus caras no momento, e houve uma luta... Longa. Resumindo, Darlah teve sua mão cortada e eu peguei a pulseira dela.

Razr sugou uma respiração áspera. — Você a tem? O que aconteceu com Darlah?

— Quem diabos se importa? — Reina estreitou os olhos. — Oh, espere, ela era sua amante?

O batimento cardíaco de hesitação antes de Razr falar foi confirmação suficiente para Jedda, e enquanto ela não tinha o direito de ficar com ciúmes, apenas pensar em Razr com outra pessoa deixou um gosto amargo em sua boca.

— Foi há muito tempo, — ele disse, pegando o olhar de Jedda como se para garantir que ela entendesse isso. — Agora, o que aconteceu com ela?

— Não tenho ideia de onde essa puta foi. — Reina mordeu suas longas unhas em irritação. — Quanto à pulseira, bem, eu tinha. Então comecei a namorar esse anjo caído que escalava a escada política em Sheoul.

O intestino de Jedda se apertou. — Não me diga que você fez o que eu acho que você fez...

Reina estremeceu. — Eu fiz. Dei a pulseira para Slayte para que ele pudesse aproveitar o poder da granada. Ele me disse que ia governar Sheoul. Eu seria a rainha dele. — Ela tirou o cabelo do rosto com um empurrão irritado. — Obviamente, isso não aconteceu. — Ela fungou altivamente. — Oh, e o que quer que você faça, não foda a pessoa que usa a pedra da sua gema.

Uh-oh. Jedda lançou um olhar furtivo para Razr. — Por que não?

— Porque ligará você a eles. — Reina estudou as unhas, as quais eram cravejadas com brilhantes em cima do esmalte preto. — Descobri isso da maneira mais difícil.

— De que diabos você está falando? — Os olhos de Razr cintilaram, refletindo a mesma mistura de ansiedade e confusão que Jedda sentia. A situação com Razr já estava bastante complicada.

— Significa que eles podem controlá-la. Sabe como posso curar as pessoas com minha gema? Bem, aparentemente, minha gema também pode ser usada para matar as pessoas. — Ela alisou sua túnica novamente, limpando-a de rugas imaginárias. — Esse bastardo me usou para matar centenas de demônios. Milhares. — Sua voz vacilou com emoção, algo que

Jedda não havia ouvido de Reina desde que Manda morreu. — Foi horrível, mas eu tinha esses sentimentos por ele por causa da estúpida ligação. Eu queria ajudar.

— Onde ele está agora? — Razr perguntou.

— Morto. Dois meses atrás.

— Como?

— Você não acreditaria em mim se eu te dissesse.

A jaqueta de couro de Razr rangeu enquanto cruzava os braços sobre o peito. — Me teste.

Reina suspirou. — O bastardo usava o poder de destruir um exército de demônios que pertencia a um cara chamado... Revenant, eu acho que era isso. Nós estávamos em alguma região de merda em Sheoul, e então do nada, aqueles quatro psicopatas com cães do inferno cavalgavam seus cavalos como os malditos Cavaleiros do Apocalipse e todos ficaram loucos com ele. Escapei, mas não antes de ver Slayte ser cortado em pedaços e comido pelos cães.

Ai, credo. Jedda desejou beber um refrigerante para limpar o sabor de bile de sua boca. — Onde está a pulseira?

— Não sei. Provavelmente em uma pilha de merda de cão do inferno em algum lugar.

— Deixando os detalhes de lado, — Razr começou, — Isso explica por que as gemas entraram repentinamente em cena. Não ouvi sobre essa batalha em particular, mas os Cavaleiros devem ter contado aos anjos sobre isso, e esses anjos reconheceram o uso da Gema de Enoch.

Jedda olhou para Razr. — Quem são esses cavaleiros?

— Reina acabou de dizer. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Reina bufou em descrença e Jedda riu, mas logo ficou sóbria. Ele não estava brincando. — Os Quatro Cavaleiros atuais? Eles são reais? Você os conhece?

— Eles são reais. — Ele agachou para pegar o que os elfos chamavam de *trevo ágatas*, por causa de sua cor e forma. Eles eram bonitos, mas sua fraca energia era adequada apenas para

alimentar o mais ínfimo dos bebês. — Não os conheço bem. Só vi Limos, Thanatos, Fome e Morte, de passagem. Eles visitam Azagoth às vezes, e muitas vezes viajam com cães do inferno. Não sei por quê. Inferno, eu nem sabia que os animais pudessem ser domados.

— Se aquelas coisas que eu vi foram domesticadas, — Reina disse, — Odeio ver como seria um cão do inferno selvagem.

Jedda concordou com a cabeça. Cães do inferno eram alguns dos piores inimigos que ela já encontrou. Bem atrás de Shrike. — Então é por isso que você está aqui? Você está se escondendo de quem tem a pulseira agora?

— Estou me escondendo de Darlah. Ela jurou me destruir. Eu me senti segura enquanto Slayte usava a pulseira, quero dizer, ele era um psicopata cruel, mas não deixaria ninguém me machucar. Agora que ele se foi... — ela respirou profundamente. — Estou bem em ficar aqui por um tempo. — Ela olhou para Jedda e Razr. — Então, o que há com vocês dois? Como você acabou aqui?

— História longa, — Jedda suspirou.

Reina arqueou uma sobrancelha avermelhada que quase combinava com seu cabelo. — Vocês foderam, não foi? Oh, cara, Jedda...

— Está tudo bem. — Jedda esperava. Merda, essa era uma complicação que ela não precisava. Mas também explicava por que se sentia do jeito que se sentia com Razr.

Razr deve ter percebido seu desconforto porque ele se aproximou dela e pegou sua mão. — Nós precisamos conversar. Podemos falar com sua irmã mais tarde?

Reina assentiu. — Se você falar sério e realmente perdoou Jedda, onde isso me deixa?

— Não sei, — disse Razr em uma voz silenciosa e ameaçadora, — Mas eu lhe dou minha palavra de que vou te proteger o máximo possível. Se me der a sua palavra de que Jedda sempre poderá localizá-la.

Por muito tempo, Reina considerou o acordo de Razr, e finalmente, quando Jedda começou a suar contas de *sillimanite*, Reina concordou. — Apenas saiba isso, anjo. Se algo acontecer com Jedda, você nunca mais me encontrará. Posso me esconder aqui para sempre, literalmente.

Razr inclinou a cabeça em reconhecimento e então, para surpresa de Jedda, Reina se aproximou e a abraçou. — Não vamos nos perder de novo, — murmurou. — Perder nossos pais e Manda foi suficiente.

Jedda não disse que a Manda era responsável pela morte de seus pais, sobre um rubi estúpido, ou que Reina havia defendido Manda até o fim. Foi por isso que Jedda e Reina se separaram após a morte da Manda. Mas talvez fosse o momento de abandonar tudo isso. Ou, pelo menos, deixar a porta aberta para que isso aconteça.

— Concordo, — disse Jedda, se afastando. — Algum dia... Vamos conversar.

Reina sorriu. E então, em um gesto de boa vontade, ela abriu o punho e ofereceu a Jedda uma brilhante e redonda pedra de lua. A mão de Jedda estremeceu ao pegá-la e a segurou na palma da mão. Vibrava com a energia de Reina, um dispositivo de rastreamento que permitiria a Jedda localizar a irmã a qualquer momento, em qualquer lugar.

Invocar sua própria pedra da lua teve um pequeno esforço, Jedda nunca foi tão hábil quanto suas irmãs em produzir gemas à vontade. Ainda assim, após alguns segundos e algumas palavras silenciosas de maldição, ela ofereceu a Reina uma áspera pedra de lua oval contendo sua própria assinatura de energia.

Reina pegou a pedra, deu outro abraço em Jedda e desapareceu dentro de um arco formado por árvores para o grande salão de elfos, onde todos se reuniriam em breve para o jantar.

Razr apertou a mão dela, um conforto que ela descobria que não queria viver sem. — O que foi aquilo?

— Cura, — ela disse com um fraco sorriso. — Tratava-se de cura. Acho que minha irmã está finalmente abraçando sua pedra vital.

Estava escuro quando Razr e Jedda chegaram ao apartamento dela. Inicialmente, a hora do dia não parecia importante. Não foi até ela ligar a TV que ele percebeu que eles ficaram fora por três dias.

Os olhos dela que brilhavam de esperança quando saíram do reino elfo, estavam injetados de sangue agora, e seu rosto parecia um pouco marcado, insinuações de sombra nas cavidades debaixo de suas maçãs do rosto. Ele se perguntou se a viagem entre os reinos exigia mais esforço do que viagens angélicas, como se fosse um *jet lag* para os humanos.

Com um suspiro pesado, jogou as chaves em uma cesta cheia de pedras preciosas perto da porta. — Odeio como o tempo corre de forma diferente no reino elfo.

Ele estava familiarizado com o conceito, já que partes do Céu e Sheoul operavam com anomalias similares no tempo, mas geralmente evitava esses lugares. Eles sempre o faziam sentir como se tivesse perdido alguma coisa, como se tivesse desperdiçado sua vida, e se havia uma coisa que aprendeu em seus séculos de existência, era que cada minuto era precioso, mesmo para os imortais. Afinal, a imunidade ao envelhecimento natural não significava que não poderiam morrer, e não importa o quê, tudo mudava. Ele não queria perder as mudanças.

— Ok, então. — Enquadrando os ombros e erguendo a cabeça, ela se dirigiu para a cozinha, seu cabelo comprido escovado contra o inchaço de seu bonito traseiro a cada passo. Ele podia ver isso o dia todo. — Qual é essa coisa de vínculo da qual Raina falava?

— Ah! Isso. — Sim, isso poderia ficar um pouco pegajoso. Reprimindo um gemido, ele esfregou a mão sobre o rosto, em parte porque também estava malditamente cansado, e em parte para ganhar um pouco de tempo, a fim de descobrir como

explicar isso sem deixar Jedda enlouquecida demais. Finalmente, ele deixou cair as mãos e continuou. — Os guardiões humanos das Gemas de Enoch passaram por um ritual que os ligou às gemas. Então Darlah, Ebel e eu nos unimos aos humanos.

Parando na metade do passo, ela olhou por cima do ombro para ele. — Você fez sexo com eles? Sexo entre anjos e humanos não é proibido?

— Ah... sim. Quero dizer, não. Não fizemos sexo com eles. — Bem, Ebel se apaixonara por seu ser humano, mas até hoje Razr não sabia quão íntimos eles eram. — Trocamos sangue. Mas, obviamente, existem muitas maneiras de se ligar a alguém.

— Podemos quebrar isso?

Razr estremeceu, picado. O que não fazia sentido. A pergunta dela era razoável. Quem em sua mente iria querer ser amarrada a alguma outra pessoa ao longo da vida? Durante séculos. Até mesmo, por toda a eternidade. A ideia também deveria incomodá-lo.

Mas por alguma razão, ele não conseguia arrastar uma gama para dar-a-merda. Estava intensamente atraído por Jedda antes do sexo, e depois, nada parecia diferente. Ele soubera quase desde o início que não poderia prejudicá-la para recuperar sua pedra, e isso não tinha nada a ver com qualquer vínculo místico. Ela era única. Especial. Decente. E provou isso quando o tirou de Shrike e o ajudou a se recuperar.

Ela não precisava fazer aquilo. Na verdade, não foi a decisão mais inteligente. Se ele fosse, digamos, Ebel, ele a teria massacrado sem pensar duas vezes no momento em que soube que fazer isso liberaria a pedra.

— Razr? — Jedda virou completamente. — Podemos quebrar o vínculo?

— Não enquanto ambos estivermos vivos.

Tristeza girou em seus olhos extraordinários, fazendo com que outra lança de dor o atravessasse diretamente. — Bem, isso

é uma merda, — ela murmurou, e sua dor abruptamente virou para raiva.

— Não se preocupe, — ele estalou. — Assim que eu contar aos meus superiores que as duas Gemas de Enoch restantes são irrecuperáveis, sem que você e sua irmã sejam destruídas, e que eu me recuso a matá-las ou dizer para eles onde encontrá-las, provavelmente eu serei executado. Problema resolvido. O laço será quebrado.

Seus olhos brilharam horrorizados, fazendo-o se arrepender de seu temperamento. Nabebe lhe ensinara como era fácil causar dor com palavras, uma lição que parecia ter se esquecido nos anos que se seguiram à morte do homem.

— Oh, deuses. — Jedda fechou a distância entre eles e colocou uma mão reconfortante em seu antebraço. — Você fala sério? Eles vão te matar?

— Não sei, — ele disse tristemente. — Eu nem sei se vou dizer a eles.

— O que quer dizer? — Havia um desespero na voz dela que atraía cada um de seus instintos possessivos, exigindo que ele atenuasse o medo dela, mas não podia. Tudo o que ele podia fazer era estender a mão e acariciar sua bochecha, dizendo com um toque que embora esta situação fosse um sanduíche de merda, pelo menos eles estavam comendo juntos.

E não romântico? Cupido, ele não era.

— Quero dizer que posso mentir indefinidamente sobre a busca das gemas, — ele respondeu. — Ninguém precisa saber sobre você e sua irmã. — Azagoth e Hades sabiam a verdade sobre Jedda, mas eles não gritariam. E Jim Bob sabia que o Diamante do Gelo estava guardado com os dhampires, mas vendo como ele não estava exatamente sendo sincero sobre quem ele era ou o que fazia visitando Azagoth em segredo, Razr duvidava que ele fosse uma grande ameaça.

— Então você apenas viveria do jeito que está vivendo? Com suas asas presas e sujeito a tortura pelo resto de sua vida? Isso é besteira. Não há outra maneira?

Ele encolheu os ombros, incapaz de encontrar qualquer outra maneira que fizesse sentido. — Eu falar a verdade, mas isso a colocaria em risco. Ainda que não me executassem, eles poderiam pegar meu anel e dar a outro que caçaria você e sua irmã. — Maldição, ele estava ferrado. — Não, eu acho que é melhor nunca dizer a eles. No que depender de mim, as gemas estão perdidas e nunca serão encontradas.

Ela abriu a boca, provavelmente para discutir, mas justo então, o telefone tocou. — Espere, — ela disse em uma voz firme, a qual o lembrou de um de seus antigos treinadores de batalha. — Não terminamos de falar sobre isso.

Enquanto ela atendia ao telefone, ele considerou o próximo movimento. Eles teriam que tirar Shrike do quadro, tanto para a segurança de Jedda quanto para se certificar de que o interesse do anjo caído nas Gemas de Enoch se encerrasse permanente, e com alguma sorte, um final doloroso.

Talvez se eles...

Ele se curvou em repentina agonia, tão intensa que procurou sangue e uma lança ferida no intestino. Apertando os dentes, ele verificou o dorso de sua mão e com certeza, seu *glifo Azdai* estava iluminado como um sinal de néon enquanto os dias de tempo livre de dor o alcançavam.

— Razr?

Ouviu Jedda soltar o telefone, e então ela estava lá ao lado dele, o braço dela ao redor de sua cintura enquanto o ajudava a apoiá-lo contra a parte de trás do sofá.

— Preciso... Chegar... Azagoth, — ele chiou. Depressa. — O Harrowgate mais próximo estava perto, a apenas um quarteirão, mas pareceria milhas.

Jedda o guiou até a porta, levando sem esforço seu considerável peso em seu pequeno corpo enquanto se inclinava sobre ela através de espasmos de dor. Mesmo com a agonia, ele admirou sua força e determinação. Ele sempre se sentiu atraído por mulheres atléticas, como Darlah, mas descobria rapidamente que não precisava ser grande e musculosa para

ser uma guerreira.

Mantendo-o apoiado contra ela, um braço envolvido em torno dele, ela estendeu a mão para a porta com a outra mão e puxou o botão. — Oh, merda. — Ela puxou novamente, desta vez com mais força, mas não se abriu.

— Está... Trancada? — Ele se sentiu um idiota por perguntar, mas às vezes o óbvio era perdido.

Felizmente, ela não se ofendeu, simplesmente balançou a cabeça. — Não parece trancada. Mais como... — ela parou com uma maldição. — Fique aqui.

Como se ele pudesse fazer qualquer outra coisa. Seus ossos pareciam derreter e levar seus músculos com eles. Quando ela se afastou suavemente, ele caiu contra a parede.

Ela se apressou para a janela e soltou uma série de palavras irritadas no que ele assumiu ser elvish. Também assumiu que eram obscenidades criativas. — Estamos presos.

Um gemido sacudiu seu peito. — Presos?

— Servos de Shrike. Pelo menos uma dúzia. Eles devem estar vigiando o meu retorno. Acho que nos prenderam com magia.

Cada respiração era custosa agora, como se ele respirasse chicotes de fogo. — Você pode... Levar-nos para... Ah, *Rivendell*^[20]?

— É *Filneshara*. — Pó de diamante encheu o ar, destruindo seus pulmões já comprometidos, e ele sabia que estavam em sérios problemas. — As pedras de viagem para o meu reino só funcionam a partir de *faeways*. — Sua voz soou alarmada, e ele não podia culpá-la.

Mas agora não era hora de entrar em pânico. Como ele disse a seus alunos Memitim, fiquem ativos. Não importa em quanta merda você esteja, faça algo, qualquer coisa, para ficar focado.

— Meu bolso, — ele murmurou. — No meu bolso.

Rapidamente, ela procurou em seu casaco e puxou o chicote. Que ela prontamente jogou no chão com um assobio. —

Você não pode falar sério. Não posso, Razr. Não posso. Por favor, não me obrigue.

Ele inalou, montando uma onda relativamente suave de dor enquanto se endireitava. — Você precisa. Se não pudermos sair, você precisa.

Seu rosto se contorceu em sofrimento. — Não quero te machucar.

Ele enganchou um dedo sob seu queixo, levantando seu olhar para o dele, odiando que isso estava machucando-a. Sua dor não importava. Era a dela que o derrubava agora. — Estou acostumado com isso. E curo rápido. Você já viu.

— Também vi você desmaiar. E vi sua aparência antes disso. — Ela se virou; suas respirações saindo sibilantes, em pânico. — Não posso.

Bolhas começavam a se formar em sua pele, e dentro de seu corpo uma tempestade de agonia o rasgava enquanto seus ossos começavam a se quebrar com fissuras audíveis. — Você pode fazer isso levemente, — ele disse, tentando desesperadamente manter sua voz uniforme para que ela não soubesse o quanto isso o fazia querer gritar.

Só que ele estava em silêncio em sua dor. Ele sempre esteve. Mantenha-o dentro, seu pai costumava dizer após uma dura sessão de treinamento. Que era tudo deles. Um dos perigos de nascer de dois anjos de batalha militantes, de alto escalão, que esperavam que seus descendentes fossem lendas, ele supunha.

Eles ficaram muito decepcionados com ele, dado toda a porra *da equipe de elite e perder todas as suas pedras mágicas*. Eles nem sequer o visitaram na prisão. Nem uma vez.

Jedda sacudiu a cabeça. Seu corpo inteiro tremia e inferno, ele não podia obrigá-la a fazer isso.

— Ok, — ele grunhiu. — Traga um dos caras de Shrike aqui. — Algo dentro dele estourou, e ele tropeçou, segurando-se na lareira da lareira. — Depressa.

— Não deixarei que algum estranho psicótico te

machuque!

Ele tossiu, vomitando sangue. Ela amaldiçoou, rodeou-o e tirou a camisa dele. Ela atirou-a ao chão e começou a tirar as calças, o que ele teria gostado se não estivesse agoniado e ela não estivesse prestes a torturá-lo.

Algo mais dentro dele estalou, uma costela, ele pensou, enquanto caía de joelhos. Merda, ele estava com tanta dor agora que o chicote na mão de Jedda se sentiria mais como um golpe amoroso do que um golpe perverso.

Ela hesitou, e ele precisou apertar os dentes para não gritar com ela para prosseguir. — Continue. Faça isso, Jed. Você pode fazer.

As correias caíram em suas costas tão levemente que ele teria rido se tivesse fôlego para fazê-lo. Doeu, mas o que mais doeu foi o grito que a rasgou ao ouvir o som do couro golpeando sua carne. Estava tão preocupado com o sofrimento que causava a ela que quase não notou que toda a sua outra dor não relacionada com o chicote havia desaparecido agora que a punição era executada.

Ele cedeu aliviado. — Mais uma vez, Jedda. Mais cinco. — Sua voz estava tão despedaçada quanto suas costas estariam.

— Não, — ela sussurrou; sua agonia engrossando o ar, mas um momento depois ela bateu o chicote em suas costas. O golpe foi suave, o que de alguma forma tornou ainda pior. Ela se esforçava tanto para não machucá-lo.

— Novamente.

— Eu te odeio por isso, — ela gritou ao atirar o chicote.

Ele também odiava a si mesmo. Mas isso nunca mais aconteceria. Uma vez que eles derrubassem Shrike, ele levaria seu traseiro triste para Sheoul-gra e a deixaria ter uma vida normal. Uma onde não precisasse machucá-lo ou vê-lo ferido.

Uma onde ele não precisaria vê-la se machucar.

— Mais uma vez, Jedda. Mais forte. Quanto mais doloroso for, mais tempo eu terei entre sessões. — Normalmente. Às vezes, os intervalos eram completamente aleatórios, tanto

quanto ele podia dizer.

— Não. Eu...

— Faça! — Ele gritou. Ele precisava que ela fosse dura. Causasse dor. Dá-lhe mais tempo. E se precisasse irritá-la para conseguir, ele faria. — Droga, Jedda, porra, me bata!

Ela bateu, um pouco mais forte. Mas escassamente. Então de novo. Seu grito de dor o rasgou, alcançando todo o caminho até sua alma, e quando ela golpeou novamente, pela primeira vez em sua vida, ele gritou. Não gritou por ele e por sua parte triturada. Ele gritou por ela, por machucá-la tão profundamente.

— Oh, deuses, eu sinto muito, — ela soluçou, caindo no chão na frente dele para juntá-lo em seus braços. Ele a agarrou quando o som de minúsculas lágrimas de diamante bateu no chão, caindo como música de fundo.

— Não, sinto muito, — ele sussurrou. — Eu sinto muito, sinto muito. Por favor, perdoe-me, Jedda. Por favor.

Quando ela não disse nada, ele soube, e a dor maçante que comprimiu seu peito tornou-se a tortura mais horrível que ele já suportou.

Ela não o perdoava. Mas talvez isso fosse o melhor. Isso faria com que deixá-la fosse muito mais fácil.

CAPÍTULO 13

Razr não deixaria Jedda cuidar de suas feridas. Ela o observou sofrer, sangrar e se retirar em si mesmo enquanto o segurava em seus braços, incapaz de dar o conforto que ele havia pedido.

Seu perdão.

Não era que ela não o perdoasse por fazê-la machucá-lo. Não havia nada a perdoar. Ela fez o que precisava fazer, embora o odiasse por isso. Odiava-se por isso.

Porque, em última instância, era culpa dela que ele estivesse passando por esse tormento em primeiro lugar.

Jedda não podia deixar isso acontecer. Não podia deixar Razr viver o resto de sua vida assim.

Ela precisava desistir de sua pedra.

Quando terminassem com Shrike, supondo que eles sobrevivessem à reunião, ela vasculharia os reinos humanos e demoníacos por uma pedra preciosa mais poderosa do que a Gema de Enoch, e se não conseguisse encontrar uma, talvez Azagoth estivesse disposto a fazer o que precisava ser feito com ela.

Ela morreria, mas Razr não viveria mais uma vida de sofrimento. Sofrimento que era diretamente responsável. Se não tivesse roubado sua pedra, ele não estaria nesta bagunça.

A chuva golpeou a janela que ela olhava por horas, seu olhar fixo nos subordinados de Shrike. Os demônios molhados espreitavam na calçada, seus olhos tão mortos quanto ela se sentia por dentro. Externamente, ela parecia como se sentia: exausta e machucada, um resultado, ela pensou, da maldição de Lothar de Shrike. A última vez que se verificou no espelho, havia ficado chocada com a sua aparência; e mesmo agora, quando olhava para os braços, sua respiração ficou presa nas manchas roxas que se espalhavam sob a pele, tornando-a embotada e acinzentada.

Razr e ela eram muito parecidos, não eram?

Passos soaram no corredor, e seu estômago revirou enquanto seu coração vibrava. Ela era um desastre emocional, algo que nunca foi. Provavelmente porque nunca teve sentimentos fortes por qualquer homem, muito menos um que precisava de coisas que não podia dar a ele. Porque uma coisa era certa: ela nunca poderia, nunca, ferir Razr novamente. Nem podia assistir. Ou sequer saber que estava acontecendo.

Sempre pensou que fosse forte, mas os eventos do dia provaram que não era nada do tipo.

— Jedda?

Não conseguia nem olhar para ele. Sua vergonha a amarrou em nós que não tinha certeza se seria desembaraçada.

— O que?

— Acho que podemos matar Shrike.

Vergonha tomou um assento traseiro para a surpresa, e ela finalmente olhou para cima. Razr parecia um inferno, sua expressão sombria, seus olhos assombrados. Deuses, ela o magoara tanto, não? — O que você quer dizer? Como?

— Meus poderes estão suspensos, mas as Gemas de Enoch não. Através do vínculo que compartilhamos, posso acessá-la.

Seu coração deu um baque excitado. Seu mundo pode ser uma merda agora, mas isso era uma boa notícia. Shrike a amaldiçoara a um sofrimento crescente, e embora não tivesse contado a Razr, ela podia sentir a pressão esmagadora disso, mesmo agora. Quando eles saíram do reino élfico para o terrestre, ela experimentou uma dolorosa sensação de aperto, que fez sua pele parecer encolher. Ela só podia imaginar quão pior seriam ao longo das próximas duas semanas.

— Que tipo de poder nós estamos falando?

— Uma explosão que destruirá qualquer demônio que toque, incluindo anjos caídos. — Ele gesticulou em direção à porta. — Vamos dizer a seus amigos lá fora que temos o que ele quer e estamos prontos para ir.

— Eles vão querer provas.

— Temos o chifre de cristal. Isso nos levará para dentro do castelo.

Quanto às proposições suicidas, isso foi bom. — E depois? Supondo que sobrevivemos?

— Então você volta aqui e retoma sua vida. Voltarei a Sheoul-gra e fingirei continuar procurando as Gemas de Enoch. Ninguém precisa saber que as encontrei. Você e sua irmã estarão seguras.

Era como tinha que ser e ela sabia disso. Pelo menos, era como deveria ser até que ela encontrasse uma pedra de substituição ou morresse tentando.

Mas não podia deixar isso terminar assim. Ela se moveu para ele, e quando ele tentou recuar, ela insistiu. — Eu sei que isso parecerá loucura, mas eu... Eu acho que te amo. — Os olhos dele se arregalaram, mas ela não se arrependeu das palavras. — Obrigada por me encontrar. Estou tão feliz que foi você.

O olhar de Razr era torturado, mas gravado em sua expressão estava outra coisa. Algo que desejava não ter visto.

Amor. Ele a amava também.

Muito lentamente, ele estendeu a mão e acariciou sua bochecha, seu polegar alisando a lágrima rolando por seu rosto e a pequena pedra que se formou. Ela gemeu quando ele baixou a boca para a dela e a beijou com tanta ternura e paixão que seus joelhos quase dobraram. Calor se espalhou por suas veias, seguido por um frio que se assentou em sua pele como geadas.

Era isso. Adeus.

Quando ele se afastou, ficou claro que ele também sabia.

A viagem para a casa de Shrike, principalmente via Harrowgate com um pouco de caminhada, foi em silêncio. Os capangas de Shrike não eram do tipo falante, pelo que Razr estava enormemente grato. E Jedda... Ela só parecia quebrada.

Por causa dele. Porque ele a fez machucá-lo e porque não havia nenhum ponto em tentar ganhar seu perdão ou fazê-la se sentir melhor. Quanto mais zangada ela estivesse com ele, melhor.

Mas irritou. Mais do que ter suas asas presas pela corda de ouro. Mais do que ser flagelado regularmente. Mais do que ser expulso do céu em desgraça.

Além disso, ele a perderia. Ela eventualmente passaria para um novo macho, talvez alguns Legolas^[21] fodidamente quentes de Pandora. Como queiras.

Porra.

Ele ficou de olho nela enquanto se aproximavam do salão onde Shrike jogava um jogo de dardos. O tabuleiro de dardos era único, porém: o corpo crucificado de um demônio, sem sistema de pontos discernível. Bem, Razr daria pontos a Shrike por criatividade, bem como tiraria pontos por seu transtorno mental.

Ramreels com suas hordas impiedosas estavam como estátuas em intervalos igualmente espaçados ao redor da sala, seus olhos de porcos observando cada movimento de Razr e Jedda. Eram grandes bastardos, mais de dois metros de altura, com músculos grossos sob a pele. Ou têm lâ? Razr nunca perguntou, apesar de ter encontrado centenas ao longo dos anos. Ramreels era uma espécie de demônios para todos os fins, comuns e abundantes o suficiente para formar exércitos, mas capazes o suficiente para agir isoladamente como guarda-costas ou mesmo mordomos. Aparentemente, eles eram até

mesmo bons cozinheiros.

Entretanto, havia uma coisa que não eram, sutis. Não quando se assemelhavam a carneiros gigantes, seguravam alabardas e pisavam os cascos no chão em antecipação, como faziam agora. Eles queriam lutar, e a tensão na sala só alimentou sua sede de sangue.

— Nós temos o que você quer, — Razr anunciou; indo direto ao ponto.

Os lábios de Shrike deixaram seus dentes retos e brancos a mostra. O cara tinha um bom dentista. — Eu sabia que você conseguiria para mim. Deixe-me ver.

Jedda levava o chifre em um saco de veludo preto, mas agora o entregou a Razr. Ela disse que não podia tocar no cristal de quartzo, mas não havia dito por quê. Fazer isso teria exigido mais conversa do que aparentemente estava disposta.

Ele estendeu a mão na sacola e puxou a pesada escultura de cristal.

— Isso não foi fácil de adquirir, — ela disse, seguindo o roteiro que trabalharam antes de sair do apartamento. Shrike precisava acreditar que ela havia encontrado e não que Razr pegara emprestado de Azagoth.

Os olhos de Shrike trancaram no chifre e brilharam de ganância. — Foi por isso que a contratei.

— Contratou? — Os punhos cerraram, ela deu um passo em direção a ele como se quisesse estrangulá-lo. *Essa é a minha garota.* — Sério? *Contratou?* Você não me deu escolha. Você me forçou.

— Forçou? — Perguntou Shrike inocentemente. — Uma palavra tão feia. Eu te dei um *incentivo*. Mas não volto atrás em minha palavra. Vou pagar, é claro.

— Sim, — Razr disse suavemente, — Você vai.

Ele se moveu em direção ao anjo caído como se para lhe dar o chifre, mas a cada passo ele puxava o poder da Gema de Enoch, o poder que fluía de Jedda em um eixo de luz que o cegava, mas invisível e indetectável para todos os outros. A

construção de energia dentro dele agitou e inchou, enchendo-o com um êxtase original que ele não havia experimentado por um século.

A luxúria da batalha abrasou suas veias, e a antecipação fez seus dedos flexionarem. Ele precisava disso a um longo tempo. Ele nasceu para fazer isso, e tinha muita fúria para desencadear.

— Espere! — Uma voz familiar gritou em algum lugar do castelo. O som de passos correndo bateu em direção a eles. Poderia ser...

Uma fêmea em calça preta de couro e uma camisa de prata invadiu o grande salão no alto da grande escadaria, seu cabelo castanho curto ondulando em torno de orelhas furadas, as quais Razr costumava morder.

Ele tropeçou para trás em choque, cortando sua ligação com Jedda. — *Darlah?*

— Razriel?

Eles se entreolharam, e ele se perguntou se ela estava tão entorpecida quanto ele.

— Darlah? — Jedda relaxou ao lado dele. — Como, Darlah? Sua companheira anjo da gema? Sua *amante*?

— Ex-amante, — ele murmurou. Pelo olhar no rosto de Shrike, a coisa amante era novidade para ele, e ele não estava feliz com isso.

— Alguém deveria explicar o que está acontecendo, — grunhiu Shrike. — Como vocês se conhecem? Além de intimamente.

Darlah, com o rosto pálido, não tirou os olhos castanhos dourados de Razr enquanto descia as escadas. — Razriel era um da Triade.

De repente, tudo se encaixou no lugar. A ex-amante de Razr era a razão de Shrike saber do *glifo Azdai*. Ele estava cumprindo a punição que Darlah exigia. E ela também era sua fonte de informações sobre as Gemas de Enoch. Mas ele não sabia de tudo, o que significava que Darlah lhe poupou os

detalhes. Ela foi inteligente ao esconder algumas coisas, mas Razr não esperava nada menos dela. Ele poderia ser o líder da equipe e Ebel a força bruta, mas ela era a estrategista.

— Darlah, o que você faz aqui? — Ele gesticulou para Shrike. — Com este filho da puta louco.

Rindo amargamente, ela pisou no patamar. — Você realmente pensou que eu voltaria para o Céu sem a minha pedra? Ebel encontrou a dele e eles ainda o mataram. Imagine o que fariam com você ou comigo.

— Merda, — ele estalou; irritado com essa traição. Ela estava escondida todo esse tempo, e pior, estava escondida em um buraco pegajoso de um anjo caído psicótico. — Ebel está morto porque a pedra dele estava manchada pelo mal, não porque voltou ao Céu com ela.

Ela arqueou uma sobrancelha. — E como ele foi manchado pelo mal?

Razr levantou as mãos, frustrado. — Obviamente, ele deve ter se ligado ao hospedeiro. E porque ela era má, ele ficou louco e... — ele parou, enojado com as implicações do que acabara de expressar.

Um olhar para Jedda, o trauma em sua expressão, confirmou sua suspeita, e agora tudo fazia sentido. A proximidade de Ebel com Manda e a mancha má da pedra liberaram o mal nele também. Ele deve tê-la estuprado, selando a malevolência em sua alma. Quando a matou e pegou a pedra, o mal foi com ele, e ele precisou ser destruído.

Quanto disso foi testemunhado por Jedda? Não era de admirar que ela ficasse aterrorizada na sala de tesouro de Azagoth quando soube que o Diamante do Gelo era dele. Ela viu um anjo se comportar da maneira mais hedionda. E o próprio comportamento de Razr não foi exatamente exemplar.

— Não importa, — disse Darlah. — Eu não voltarei. Mas quero minha pedra, porra. — Ela rosnou para Jedda. — Eu estava perto. Tão perto. Mas a puta da sua irmã tinha amigos poderosos.

Jedda aspirou o ar. — Você sabe quem eu sou?

— Tola, — Darlah cuspiu, seus lábios se torceram em um feio nó de raiva. Ele costumava beijar aquela boca. Agora só queria gargarejar com querosene para tirar o mau gosto de sua boca. — É por isso que escolhemos você para encontrar as pedras preciosas. Imaginamos que você saberia onde encontrar Reina.

— E se Jedda não pudesse? Ou não soubesse? — Razr respondeu. — E então?

Shrike lançou um dardo, e ele fez um doentio ruído mole ao atingir o terceiro olho do demônio morto. Era realmente um tiro impressionante, Razr supôs.

— Esperávamos que Jedda pudesse encontrar a pulseira, bem como a pedra preciosa correspondente. — Shrike voltou para Razr e Jedda. — Mas se não, achamos que ainda podemos conseguir a de Jedda.

— Jedda é inútil sem o meu anel, — apontou Razr. — E você não poderia saber que eu apareceria aleatoriamente no jantar.

Darlah riu. — Admito que foi um golpe de sorte, mas eu o teria encontrado eventualmente. — Ela ergueu o braço para revelar sua mão cortada, deixando claro que ela faria o mesmo com ele para pegar o anel.

Ah, merda. Esta situação poderia ir mal, e rápido, porque eles estavam claramente preparados para matar Jedda a fim de pegar a pedra, e agora eles estavam preparados para matá-lo ou desmembrá-lo, também. Mas não aconteceria. De jeito nenhum.

— Bem, — Shrike disse com um suspiro dramático, porque anjos caídos eram rainhas fodidamente dramáticas, — Admito que eu esteja meio perdido. Não sei aonde vamos daqui. Acho que você não trouxe a pedra e a pulseira de Darlah.

— Mesmo se nós tivéssemos, — Jedda estalou, — Você acha que nós daríamos a você agora? Você planejava me matar, seu bastardo. — Ela olhou para Darlah com um olhar acusador. — Bastardos.

— Darlah, — Razr avisou, — Você sabe que o Céu descobrirá isso. Eles nunca a deixarão voltar.

— Bom! — Ela estendeu seus braços e suas asas amarradas se afastaram de suas costas. Elas foram bonitas uma vez, brancas com pontas brilhantes de vison. Agora elas estavam amarradas como um peru assado, com a grossa corda de ouro estrangulando as penas e os ossos. Razr também parecia assim, e vendo as dela fez as suas vibrarem. — Deixe-os descobrir. Deixe-os cortar minhas asas para que eu possa ter o poder do caído quando elas crescerem novamente. Aqui é onde eu pertenço. Ela fez um gesto abrangente. — É aqui que eu farei o meu nome. Aqui eu posso governar demônios em vez de servir anjos.

— Já ouvi essa história antes, — ele disse; como cada história da rebelião de Satanás filtrada através de sua mente. — Não acabará bem para você.

— Não, meu amor, — ela sussurrou. — Não acabará bem para você.

De repente, um lampejo de luz e uma enorme onda de calor abrasador o acertaram, derrubando-o em um pilar a seis metros de distância. Jedda gritou enquanto se afastava de outro pilar e era fortemente lançada em uma parede. Outra explosão atingiu Razr antes que ele pudesse se recuperar. Fogo chamuscou sua pele, e o cheiro de cabelo chamuscado encheu suas narinas. Cada músculo gritava em agonia no nível celular do impacto da onda de energia.

Somente Shrike seria capaz de usar aquela arma especial de anjo caído, e com o poder de Razr suspenso por anjos, ele não poderia lutar contra isso. Ele precisava de Jedda.

Ele estendeu a mão para o poder da Gema de Enoch... Mas não havia nem uma faísca. Que diabos?

Gemendo, ele se levantou e Darlah levantou a lâmina de uma espada tão perto de sua cabeça que sentiu o suave beijo dela passar junto a sua orelha. Estendendo as pernas, ele a acertou nos joelhos, derrubando-a desajeitadamente. Mas ela

foi rápida, e se levantou antes que ele fizesse meio caminho para Jedda, que não se moveu desde a explosão inicial. Sangue e pedras preciosas se formavam em uma poça ao seu redor, expandindo-se com velocidade alarmante.

Fique bem. Por favor, esteja bem...

Algo o atingiu por trás, colocando-o de joelhos com a força do golpe e a intensidade da dor. Sangue quente espirrou por suas costas e quadris, e merda santa, ele poderia ter perdido um órgão ou dois também. Bateu no chão com um baque tão forte quanto foi o golpe.

Deram-lhe um golpe com uma alabarda, com a ponta afiada, enterrada profundamente entre as omoplatas.

Os ouvidos dele zumbiram, e não sabia o que era mais alto: seu pulso pulsante ou o riso maníaco de Shrike. Ele morreria assim. E assim Jedda, se ele não conseguisse trazê-la à consciência.

Desesperadamente, ele se arrastou até ela, o pesado cabo da alabarda raspando o chão e enviando novas ondas de agonia ao rasgá-lo com cada passo de progresso que fazia.

Quase lá... Quase lá... — Jedda, — ele murmurou. Os olhos dela se abriram, atordoados e sem o brilho que ele gostava de ver. — Preciso do seu poder, querida. Você pode fazer isso.

Ao redor dela, o brilho azul-gelo do poder da gema vacilou. Mas *piscar* era a palavra-chave. Seu poder era flutuante, fraco, e eles estavam em sérios problemas.



Jedda não tinha medo de morrer. Especialmente não se morrer significava que Razr poderia voltar ao Céu e ser reintegrado como um anjo e não mais sofreria a tortura terrível a qual foi submetido por anos.

Mas morrer por qualquer outra razão era besteira, e a

visão dele tentando se arrastar até ela, uma arma empalada em suas costas, o sofrimento gravado em seu belo rosto... Isso a deixou com raiva, coração partido e maldição, sua vontade de viver era mais forte do que isso.

Embora sua mente se recuperasse, seu corpo falhou. Pedras preciosas se formavam ao seu redor, grandes e poderosas. Ela não estava apenas sangrando, seus órgãos estavam falhando.

Um sorriso torceu os lábios de Shrike quando ele estendeu a mão e uma rajada de relâmpagos atingiu Razr no pescoço. Ele tentou gritar, mas a única coisa que veio de sua garganta arruinada era fumaça.

— Não, — ela grunhiu. — Não!

Esfregando os dentes, ela encontrou uma última onda de energia. Uma última chance de acabar com isso. Com um grito de agonia, ela pulou para Razr, deslizando através de seu próprio sangue escorregadio. De alguma forma, sua mão encontrou a dele, seus dedos fechando em torno da brilhante pedra preciosa em seu anel.

Foi suficiente. Como se os tivesse ligado a uma tomada elétrica, ambos se iluminaram com uma aura de gelo azul.

— Pare com isso! — Darlah gritou. Frenética, a cadela, ex-amante de Razr, alcançou a arma mais próxima, um dardo, e o atirou em Jedda. Mas, assim como nas minas, seu corpo sentiu o perigo, sua pele endureceu em um escudo de diamante, e o dardo caiu inofensivamente no chão.

Oh, aquele *necrocrotch* precisaria morrer. E se Jedda sobrevivesse a isso, ela daria a Suzanne um enorme high-five.

Shrike produziu uma bola de fogo na ponta dos dedos, mas não foi rápido o suficiente. Razr, energizado pela conexão que compartilhava através da gema com Jedda, desencadeou uma onda de choque atômico de morte que se expandia em uma onda circular. Todo o castelo tremia, e um coro de gritos encheu o ar. Sangue e partes do corpo choviam em uma horrível tempestade de morte, e quando terminou, nada ficou

em pé.

Nem mesmo o desprezível *necrocrotch*.

Dor pulsava através de cada célula, mas era a dor requintada da regeneração, e Jedda a recebeu. Gemendo, ela passou o braço sobre as pedras no chão, absorvendo-as em seu corpo para acelerar o processo.

— Razr? — Devagar, ela levantou a cabeça, esperando vê-lo juntar suas próprias partes.

Em vez disso, ela o viu deitado em uma poça de sangue, seus olhos abertos e vidrados de dor. Claro, a alabarda empalada em suas costas provavelmente tinha algo a ver com isso, mas pior, assim como o fato de que seu maldito *glifo Azdai* estava iluminado.

— Porra de anjos. — Emoção a sufocou, deixando sua voz completamente destruída. — Como podem fazer isso com você? Como?

Lágrimas escorriam pelo seu rosto, e as pedras preciosas formadas chocalharam no chão, criando uma contagem desgarradora para o que resultou ser uma vitória e uma derrota. Ela sobreviveu, ambos sobreviveram, mas a vida de Razr não mudou.

Soluçando, ela rastejou até ele e arrancou a alabarda de seu corpo. Ele não emitiu nenhum som, e por um momento ela pensou que ele estivesse morto. A poeira de diamante flutuou em uma nuvem maciça quando o reuniu em seus braços, mas quando ele tomou uma respiração profunda, áspera, ela gritou de alívio.

— O que posso fazer? — Ela perguntou. Na verdade, implorou. — Não vou te machucar novamente. Qualquer coisa, menos isso.

Sangue gotejava pelo canto da boca. — Pare, — ele sussurrou. — Deixe acontecer.

Acontecer o que? — Não entendo. Razr? Por favor...

— Shh. — Sua mão tremia quando ele estendeu a mão e traçou um dedo sobre seus lábios. — Você precisa ir.

— Não...

— Você... — Ele engoliu em seco. — Você disse... Você faria qualquer coisa. Eu quero que você vá.

— Por quê?

— Anjos. — Ele tremeu violentamente. — Eles estão vindo.

Terror transformou seu sangue em gelo. Eles a matariam. Eles a matariam para liberar a Gema de Enoch do armazenamento. Pânico ameaçou invadi-la, mas antes que a poeira de diamante fizesse outro espetáculo de glitter, afastou-o. Não. Ela não cederia ao medo. E não cederia a Razr.

Se os anjos viessem, ela ficaria.

De um jeito ou de outro, o pesadelo de Razr estava chegando ao fim.

Razr se contorceu quando Jedda o segurou, suas mãos macias acariciando seus cabelos, o único lugar onde seu toque não o fez querer gritar de dor. Por que ela não partia? Eles ganharam a batalha, o que significava que ela estava livre. Se não saísse daqui, seria apanhada por alguém que se apresentasse para matá-lo ou torturá-lo, inferno, e embora pudesse aceitar seu destino, não havia como permitir que o mal a alcançasse.

Eles teriam que matá-lo se a machucassem.

Ele desejou poder vê-la, mas o raio de Shrike queimara seus olhos, e agora tudo estava em tons difusos de cinza. O belo rosto de Jedda não era mais que uma mancha de névoa.

— Odeio isso. — Ela fungou, e seu coração doeu. — Odeio tanto isso. Eu odeio anjos por fazer isso com você!

— Nós também não gostamos de você, — disse uma voz profunda.

Jedda saltou, enviando uma nova onda de dor e medo infernal através do corpo de Razr. — Quem diabos é você?

— Meu nome é Gadreel.

Gadreel... Razr ofegou através de outra onda de sofrimento enquanto corria o nome através de seu cérebro cansado. — Gadreel, — murmurou. — Arcanjo?

Jedda ofegou. — Você é um arcanjo?

— Desde a última vez que eu olhei.

— Você pode fazer algo sobre Razr? Pode parar com a dor dele?

Instantaneamente, a agonia se derreteu de seu corpo, e ele cedeu contra Jedda em abençoado alívio. Alívio que ele pressentia ser de curta duração. Pelo menos sua visão melhorara. Ele seria capaz de ver a morte chegando.

Hoje, a morte era um grande cara de calças pretas, uma camisa preta e uma longa jaqueta preta. Encaixava, Razr

supôs. Tudo o que faltava era um capuz de carrasco.

— Vocês dois fizeram uma bagunça. — Gadreel olhou ao redor das ruínas do castelo, seu longo cabelo louro soprando na brisa do buraco escancarado na parede sul. — E se não me engano, aquela cabeça decapitada pertence à Darlah.

Razr lutou para se sentar, seu corpo se sentindo tão fraco como o de um recém-nascido. Ele piscou para o recém-chegado. O anjo parecia familiar, mas não conseguia entender a razão. Ele teria se lembrado de encontrar um arcanjo. Talvez tivesse visto o cara de passagem em algum momento. Não era como se cada anjo conhecesse todos os outros anjos no Céu, afinal, e os arcanjos eram especialmente reclusos.

— Eu não esperava que você estivesse aqui tão cedo. — Razr rolou a cabeça para relaxar seu pescoço. — Meu *glifo* *Azdai* acabou de ser acionado.

— Não foi isso que me atraiu aqui. Gadreel prendeu Jedda com seu olhar de aço. — Foi o poder da Gema de Enoch.

Razr inalou uma respiração irregular conforme se levantava desajeitadamente. — Não toque nela, — ele rosnou. — Não toque nela.

— Por que eu deveria?

Razr piscou, confuso. Gadreel não sabia que Jedda possuía a pedra? — Não entendo.

Gadreel alargou suas asas brancas salpicadas de ouro. — Isso é porque você é um anjo menor.

Ele suspirou como se sentisse pena por aqueles que não estavam sentados no topo da cadeia alimentar como ele. Idiota. — Sua amiga elfa da gema aqui é qualificada para manejar a Gema de Enoch.

Jedda e Razr trocaram olhares. Agora Razr estava realmente confuso. — Pensei que só os humanos pudessem fazer isso.

— Não, a regra é que demônios e anjos não podem. O que significa que humanos e elfos podem.

Alívio quase minou a energia de Razr. — Até eu conhecer

Jedda, eu nem sabia que existiam elfos.

— Poucos sabem, — Gadreel disse com um encolher de ombros. — Eles não pertencem à nossa... Realidade, eu acho que você diria. Suas vidas e mortes acontecem em outro plano de existência. Mas porque são forças neutras, podem manejar as gemas de Enoch, assim como, ou melhor, do que qualquer humano.

Jedda deu um passo à frente. — Sr., ah, Gadreel, posso perguntar por que as gemas não têm exclusivamente *boas* vibrações em torno delas? Nem sequer são neutras. Na verdade, elas são difíceis de definir.

Ele inclinou a cabeça. — Isso é porque cada uma contém uma pequena quantidade de sangue de demônio.

Bem, Razr não viu isso vindo. — Por quê? O sangue de anjo é muito mais poderoso.

— Porque as gemas são usadas para lutar contra demônios. Como sua energia saberia a diferença entre humanos e demônios sem uma linha de base? As enormes asas de Gadreel se dobraram atrás de suas costas, as pontas mal beijando o chão. — Provavelmente algo que deveríamos ter contado para você.

— Sim. Provavelmente. Razr não conseguiu afastar o sarcasmo de sua voz, e Gadreel lançou um olhar para ele. Mas ei, poderia ser pior. Muito pior.

— Vamos lá. — Gadreel acenou com a mão, recolhendo o demônio e os anjos caídos e enviando suas almas para Azagoth. Os griminions ficariam decepcionados por terem seu trabalho roubado. — Eu levarei o elfo para seu reino e você para casa.

Oh, foda-se isso. Razr pegou a mão de Jedda e a afastou, ignorando seu pequeno grito de surpresa. — Vou ficar.

Gadreel se virou, o manto batendo em suas panturrilhas. — O que você quer dizer com vai ficar?

Razr respirou fundo e deixou escapar: — Quero dizer que estou recusando a reintegração como um anjo.

— O quê? — Jedda puxou sua mão. — Você está falando

sério?

— Sim, — ele disse, sorrindo. — Estou.

O arcanjo olhou fixamente. — Ninguém recusa reintegração angelical.

Uh, cara. Razr não podia acreditar que Gadreel tivesse dito isso. Ele sabia de dois anjos que se recusaram nos últimos anos. — Aconteceu muito recentemente. Vocês estão quebrando as regras a torto e a direito.

Gadreel alargou as asas novamente, quer por tédio ou irritação. Provavelmente irritação. — O Armagedom está próximo.

Certo, claro, como um anjo lutando com demônios, Razr sabia que o Armagedom acabaria por vir, e toda luta foi considerada preparação. Graças aos Quatro Cavaleiros, quase havia acontecido. Mas também, graças aos Cavaleiros, assim como alguns anjos e demônios, foi antecipada. Mundo salvo. Humanidade resgatada. Se aquela era uma coisa boa ou uma má ainda precisava ser vista.

— Odeio te dizer isso, — Razr disse, se inclinando para recuperar o chifre de cristal de Azagoth, — Mas nós acabamos de impedir ao Armageddon. Estamos bem agora.

Os olhos de Gadreel brilhavam tão brilhantes que Razr e Jedda recuaram. — Falo de Satanás. Ele está contido, mas em breve estará solto. Precisamos nos preparar.

A respiração de Jedda se deteve, e ela soltou um estrangulado guincho. — Em breve?

— Novecentos e noventa e cinco anos, — Razr respondeu, chutando para longe a alabarda que quase o dividira ao meio. — Alguns anos a mais ou a menos.

Ela deu-lhe um olhar do tipo, *você tem que estar brincando comigo*. — Você está alarmado agora por algo que não acontecerá daqui a quase mil anos?

— Mil anos é um piscar de olhos para os anjos. Gadreel se virou para Razr. — Agora pare de ser um tolo e venha comigo. O Conselho do Arcanjo vai querer vê-lo.

Razr enfiou o chifre de cristal no bolso e ficou em pé. — Ficarei aqui.

— Razr, não. — Jedda o puxou de lado, mantendo a voz baixa. — Não consigo ver você ser torturado repetidamente. Não por mim.

— Oh, pelo amor de Deus, — Gadreel estalou. — Podemos restabelecê-lo como um anjo e não precisará viver no Céu. — Ele inclinou a cabeça e perfurou Razr com um olhar que ele só poderia descrever como cruel. — Mas há um problema. Naturalmente.

— Naturalmente, — murmurou Razr.

— Azagoth gosta do seu trabalho com os Memitim. Você viverá em Sheoul-gra e continuará seu serviço, exceto quando você e Jedda forem necessários nas batalhas com a Gema de Enoch. E você continuará buscando a gema restante e a joia correspondente.

O coração de Razr bateu contra suas costelas, tanto em excitação quanto em preocupação espremendo seu peito. Não queria mentir sobre a irmã de Jedda, mas também havia prometido protegê-la. — O que acontece quando encontrá-las?

— Já que temos o conjunto de ametista, vamos atribuí-las, e você formará outra Tríade.

Jedda sorriu. — Nós seremos como os Vingadores.

Gadreel franziu o cenho. — O quê?

— Nada, — disse Razr. — Concordo. Com tudo.

— Espere. — Jedda puxou Razr de lado novamente. — E se eu não concordar?

Seu coração parou de bater. Apenas agarrado como um motor. — O que você está dizendo? Que não quer ficar comigo?

— Claro que quero ficar com você. — Ela lambeu os lábios e lançou um olhar preocupado para Gadreel. — Mas preciso saber que você quer isso também. Eu sei que você acabou de dizer que sim, mas antes, antes da batalha... Foi um adeus, e você sabe disso.

Ele a puxou para um abraço apertado, se desculpando por

fazer com que ela passasse por isso. — Precisei fazer, Jedda. Eu temia por sua vida. Não queria levar ninguém até você.

— Então você realmente me quer?

— Eu nunca quis nada mais.

Gadreel bufou. — Desisto. Venha ao Conselho do Arcanjo sozinho. Você tem quarenta e oito horas. — Ele acenou com a mão, e êxtase rasgou Razr quando seu corpo se encheu de luz.

Suas asas, uma vez estranguladas por uma corda, explodiram de suas costas em uma extensão de três metros de pérolas iridescentes, e o poder subiu por suas veias em uma cascata de glorioso calor. Uma sensação semelhante a um zíper deslizou sobre sua pele quando as tatuagens destinadas a adicionar uma camada extra de restrição em seus poderes angélicos desmaterializaram.

Ele estava livre.

— Razr, — Jedda sussurrou com admiração ao tocar uma pena de seda e enviar arrepios de prazer através de cada um de seus terminais nervosos. — Suas asas... São lindas.

— Razriel, — corrigiu Gadreel. Então ele desapareceu em um flash de luz, deixando-os sozinhos no castelo naufragado.

— Me chame do que quiser, — disse Razr, puxando-a contra ele. — Eu sempre responderei.

Ele sentiu seu sorriso contra seu peito, e isso o esquentou como nada mais. — Você não tem escolha agora que estamos ligados.

Gentilmente, ele pressionou um beijo em seu cabelo. — Eu tive uma escolha, — ele a lembrou. — Eu escolhi você.

— Bem, o que você acha da nossa casa nova?

Tão excitada que mal podia conter as lágrimas felizes de pedras preciosas, Jedda olhou ao redor da mansão que Azagoth escolhera para eles nos arredores de sua cidadezinha. A decoração era requintada, em tons de joia e uma mistura da Grécia antiga e moderna Londres, com uma placa de MIND THE GAP^[22] pendurada na cozinha.

Mas foi no quarto que Jedda finalmente derramou dois diamantes minúsculos.

Todos os mantos de Razr desapareceram, substituídos por um armário cheio de roupas novas. Mesmo agora, ele parecia absolutamente comestível em um par de jeans, uma camisa de safira pregueada... E chinelos. Bem, ela não podia consertar tudo.

Ainda melhor, uma cama feita para dormir quatro pessoas confortavelmente ocupava metade do quarto, havia uma banheira de água quente no canto, um presente de Zhubaal e sua companheira, Vex, ambos pareciam ter uma afinidade com eles. E em outro canto havia um recanto de leitura repleto de livros de ficção e não-ficção sobre elfos e pedras preciosas.

A coisa mais fascinante, no entanto, era o item no meio da cama. A nota anexada a ele dizia simplesmente, *divirta ~ Azagoth*.

Razr franziu o cenho e o apanhou. — Por que ele nos deu um vibrador de cristal? Você é como, alérgica ao quartzo ou algo assim, certo?

Suas bochechas queimaram tanto que ela pensou que poderia pegar fogo. — Não exatamente.

— Você disse que não podia tocá-lo.

— Eu disse que não posso tocá-lo em público. — Ela deu a ele um sorriso tímido. — Ou se pretendo fazer alguma coisa.

Ele estreitou os olhos para ela. — O que você não está me dizendo?

Encorajado por sua curiosidade, ela lentamente retirou suas roupas, fazendo-o assistir enquanto ele segurava o brinquedo sexual em um aperto de morte com as juntas brancas. Quando estava completamente nua, ela fez um gesto para ele. — Sua vez.

Amaldiçoando, ele jogou o vibrador na cama e tirou suas roupas tão rápido que poderia ter estabelecido um recorde. Ele se endireitou diante dela, sua ereção maciça curvando-se para cima em sua barriga lisa. Luxúria escorregou dele em uma onda de calor e de desejo líquido que umedeceu seu núcleo.

Ainda não. Primeiro, ela precisava prová-lo.

Ela se aproximou, adorando como sua respiração se encolheu quando ela se colocou de joelhos na frente dele. Quando ela olhou para ele, sua própria respiração acelerou por sua expressão. Ele a desejava tanto quanto ela o desejava, e nada nunca foi tão excitante.

Lambendo os lábios, ela agarrou seu eixo com uma mão e embalou seu saco com a outra. Ele gemeu quando ela fechou a boca sobre ele e o levou profundamente.

— Jedda...

Desejo afundou em seu estômago ao som de seu nome falado em um grunhido sussurrado, necessitado. Chupando a ponta de seu pênis, ela bombeou seu punho, arrancando um sibilo prazeroso dele e um suspiro de antecipação dela. Suas bolas incharam enquanto as rolava entre seus dedos, e com cada movimento da língua na parte de baixo de seu eixo, ele se sacudi e soltou maldições sussurradas.

Ela amava o poder que tinha sobre ele neste momento. Podia fazer o que quisesse com ele, e ele imploraria por isso.

Ela olhou o vibrador na cama e... Não. Agora não. Mas logo. Eles brincariam com ele, e ele a deixaria colocá-lo onde quisesse.

— Não... Pare... — sua voz gutural disse que ele estava na

borda, estava bem ali, e com certeza, ele gozou com um rugido, seus quadris torcendo tão forte que ela teve que segurá-los para se estabilizar. Ele tinha sabor de mel e sol, o que foi uma surpresa seriamente agradável após namorar apenas homens humanos.

Os anjos eram bastante impressionantes, decidiu.

Ela deu-lhe uma última lambida, da base do seu eixo até o topo, e então subiu na cama, o vibrador ao seu alcance. — Então, — ela disse sorrateiramente, — Quer ver o que acontece quando eu toco no cristal de quartzo?

— Oh, sim. — Os olhos meio fechados de Razr a encararam quando ela pegou o vibrador do tamanho do pênis.

Êxtase instantâneo se espalhou por ela, e ela gemeu quando as vibrações inerentes ao quartzo encheram seu corpo. Era por isso que os elfos de gema evitavam... Exceto em privado. O contato em público podia acabar em humilhação, e às vezes, ela ouviu, prisão.

Razr se juntou a ela no colchão, e quando a tocou, ele também foi varrido pelo erotismo sísmico.

— Ah... Droga, — ele disse. — Isso é com... É como...

— Como se estivesse presa à beira do orgasmo, — ela terminou roucamente. — Espere... Até que eu mostre para você... Todas as coisas... Nós podemos... Fazer com... Isso. — Ela jogou o vibrador de lado, precisando recuperar o fôlego, mas o mais importante, a necessidade de estar com ele. Havia tempo para brinquedos e exploração mais tarde.

Arfando, ela o puxou para ela e o beijou enquanto ele acomodava seu pesado corpo em cima dela.

— Fique comigo, — ela sussurrou.

Ele abriu as pernas e beijou seu pescoço, os seios, o ventre, mordiscando e lambendo, provocando-a tão brutalmente que ela tremia quando ele mergulhou a cabeça e beijou seu centro.

— Sim, — ela se mexeu, mas ele a segurou.

Ele mordiscou a parte interna de sua coxa e depois

acariciou seu sexo, seus dedos emitindo traços suaves no vinco de sua coxa. Desesperada por mais, ela passou os dedos pelos cabelos dele e o guiou para onde ela precisava que ele estivesse.

Ele riu suavemente, mas não passou mais tempo torturando-a. Enfiando seus dedos lá dentro, ele a penetrou com um enquanto passava a ponta de sua língua em seu clitóris. Ela choramingou com necessidade, pulando quando ele fez isso novamente.

Centelhas de prazer chicoteavam através dela enquanto ele a roçava e empurrava seus dedos em seu núcleo escorregadio, e com cada segundo que passava, a febre dentro dela aumentava.

— Você tem gosto de canela. — A voz dele era áspera. Tão viril. Ela adorou. — Eu terei você como sobremesa todas as noites.

Naquela promessa, ele substituiu seus dedos com a língua, lambendo-a com fome, seu ronrono masculino de necessidade vibrando-a, de seu núcleo para seus seios, erguendo-a como uma bomba erótica.

Ela ofegou através da detonação, o orgasmo quebrando-a, emocionalmente e fisicamente. Ela nem teve chance de se recuperar antes dele montá-la, empalando-a com seu eixo duro e saindo, repetidamente.

Ele balançou contra ela, cada golpe de seu pau atingindo um ponto em seu interior que a mantinha montando a onda de êxtase que se repetia. Como isso era possível? Seus pensamentos eram um borrão enquanto ele a beijava profundamente e se aproximava dela como se montasse ondas em um mar tempestuoso.

Suas asas explodiram de suas costas e desceu em torno de ambos, selando-os em um casulo de segurança e sensação. E quando ele gritou em seu próprio orgasmo, ela se juntou a ele. Alto. Sem fôlego.

Isso era poder. Não o tipo que veio de pedras preciosas, feitiços ou Céu.

Este poder veio do amor, e era o mais forte de todos.



{1} Pedras preciosas

{2} Pedra rara, descoberta pelo gemólogo irlandês Richard Taaffe em 1945. Além de difícil de encontrar ela também se tornou valiosa pela coloração que pode variar entre o roxo, lilás e vermelho. De acordo com especialistas, a taaffeite possui um grau de dificuldade de localização que supera e muito os diamantes.

{3} Gemologia é uma especialidade da [geologia](#) que estuda o caráter físico e químico dos materiais de valores gemológicos, sejam esses de origem inorgânica ou origem orgânica e que se presta a adorno pessoal ou decoração de ambiente. Para que algo seja consagrado como material gemológico, é preciso que apresentem simultaneamente beleza, raridade e durabilidade.

{4} Expressão usada para um pau que foi sacudido tanto e tantas vezes que já não pode ejacular durante o sexo.

{5} Lâmina de aço temperado, de que uma das extremidades é talhada em bisel, para trabalhar a madeira, o ferro, a pedra, o mármore.

{6} Prato escocês consistindo de miudezas de um de ovelha ou de vitelo misturado com sebo, farinha de aveia, e tempero e fervido em um saco, tradicionalmente feito a partir de estômago do animal.



{7} Língua ou ritual causando ou pretendendo causar confusão ou perplexidade.

{9} Yelp é uma empresa multinacional baseada e com sede em [São Francisco](#), [Califórnia](#). A empresa conta com seu site e aplicativos voltados à avaliação de estabelecimentos comerciais. O Yelp também treina pequenas empresas para saber como receber eventos, utilizar números online a favor delas e também a utilizar as avaliações dos usuários para gerar melhorias na empresa.

{10} Um prato de carne moída sob uma camada de purê de batata.

{11} Um personagem de Harry Potter. Era um elfo doméstico.

{12} A empresa Keebler é a maior fabricante de biscoitos nos Estados Unidos. Fundada em 1853, tem um elfo como garoto propaganda da marca.

{13} O italiano Fabio Lanzoni é o supermodelo masculino presente em várias capas de romances.

{14} Referência à história do Senhor dos Anéis. Terra Média é o nome dado para a terra antiga e fictícia de J. R. R. Tolkien, onde a maioria dos contos do seu imaginário ocorrem.

{15} Referência à série The Shannara Chronicles.

{16} Referência ao filme Avatar.

{17} Os Na'vi são uma raça de humanóides extraterrestres sensíveis que habitam a lua da selva exuberante de Pandora.

{18} Spock é um personagem da franquia de entretenimento Star Trek.

{19} Um conjunto de coisas amarradas ou enfiadas em um fio fino

{20} Rivendell (também conhecida por Imladris e Karningul), no [Brasil](#) também conhecida como Valfenda, é uma cidade fictícia criada pelo [escritor britânico J. R. R. Tolkien](#), citada em várias de suas obras. Situa-se a norte do fictício continente da [Terra Média](#), próximo ao norte das [Montanhas Nebulosas](#). Além de [Elrond](#) e sua família, outros notáveis [elfos](#) que residem na cidadela são [Glorfindel](#) e [Erebor](#).

{21} Referência a um personagem Elfo do Senhor dos Anéis.

{22} "Mind the gap" (Cuidado com o vão) é uma advertência para o comboio de passageiros, pois por vezes há uma grande vala entre a porta e a plataforma. Foi introduzido em 1969 pelo Metro de Londres. A frase é tão associada ao metro que se vende t-shirts com a frase imposta a um símbolo da London Transport.